

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA (UnB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM METAFÍSICA (PPGM)
MARCOS ROBERTO SANTOS PEREIRA

**A DESAPERCEBIDA DIFERENÇA ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA
MATERIAL” NA *METAFÍSICA* DE ARISTÓTELES**

BRASÍLIA

2021

MARCOS ROBERTO SANTOS PEREIRA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Dissertação de mestrado do discente
Marcos Roberto Santos Pereira (UnB), orientado
pelo Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito apresentado
à mesa de avaliação do Programa de Pós-
graduação em Metafísica.

BRASÍLIA

2021

Resumo: A presente dissertação se volta para a apresentação da hipótese de que há uma falta de identificação entre os termos “elemento” e “causa material” na *Metafísica* de Aristóteles, bem como para o tratamento de uma das questões mais relevantes a ser respondida. Esta é: como se deve considerar a evidente identificação entre “elemento” e “causa material” na análise que Aristóteles faz dos seus predecessores no livro *Alfa* da *Metafísica*? Visto que a nossa hipótese defende justamente a diferença conceitual entre os dois termos, resolver esta questão é essencial. Para chegarmos a esta resolução seguimos a tese de Timothy J. Crowley (2013), que afirma, dentre outras coisas, que fogo, terra, água e ar, como pensados pelos naturalistas anteriores a Aristóteles, se identificam ao que o próprio Aristóteles considerou como fogo, terra, água e ar apenas por meio da homonímia. Para além do nome, os dois grupos de corpos não se classificam como sendo da mesma espécie. Aqueles postulados pelos naturalistas se referem aos corpos diretamente observáveis pelos sentidos, e, portanto, compostos. Quando se referem a fogo, querem dizer aquele de um fogão, por exemplo. Enquanto Aristóteles se refere a um fogo simples considerado como meio termo entre ser e não ser sensível. Quando, em sua análise da teoria de seus predecessores no *De Generatione et Corruptione* II. 3, Aristóteles afirma que fogo, terra, água e ar são corpos compostos, ele está realizando um procedimento semelhante ao que vemos na *Metafísica* A 3, a partir do qual é possível, erroneamente, supor uma identificação entre os conceitos de elemento e causa material.

Palavras-chave: Aristóteles; *Metafísica*; elemento; causa material.

Abstract: The present dissertation focus on the presentation of the hypothesis that there is a lack of identification between the terms "element" and "material cause" in Aristotle's *Metaphysics*, as well as for the treatment of a of the most relevant questions to be answered. This is: how should the evident identification between "element" and "material cause" be considered in Aristotle's analysis of his predecessors in the book *Alpha* of *Metaphysics*? Since our hypothesis precisely defends the conceptual difference between the two terms, resolving this issue is essential. To arrive at this resolution, we followed the thesis of Timothy J. Crowley (2013), who states, among other things, that fire, earth, water and air, as thought by the naturalists before Aristotle, identify with what Aristotle himself considered as fire, earth, water and air only through homonymy. Apart from the name, the two groups of bodies are not classified as being of the same species. Those postulated by naturalists refer to bodies directly observable by the senses, and therefore composed. When they refer to fire, they mean that of an oven, for example. Whereas Aristotle refers to a simple fire considered

as a middle ground between being and not being sensitive. When, in his analysis of the theory of his predecessors in *De Generatione et Corruptione* II. 3, Aristotle claims that fire, earth, water and air are composite bodies, he is performing a similar procedure that we see at the *Metaphysics* A 3, from which it is possible, mistakenly, to suppose an identification between the concepts of element and material cause.

Keywords: Aristotle; *Metaphysics*; element; material cause.

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Rodrigo Pinto de Brito, cuja parceria existe desde 2015 e que em um momento tão difícil quanto foi o da pandemia, soube dosar a cobrança e o entendimento. Quero também agradecer ao PPGM (Programa de Pós-graduação em Metafísica), e em especial ao grupo *Archai*, no qual encontrei um segundo lar e que me acolheu da melhor forma possível, apesar de todas as minhas peculiaridades. Agradecimentos fundamentais à minha mãe e irmão, por quem eu faço o que faço sempre almejando seu bem-estar e conforto e para os quais eu sempre representei esperança, e principalmente à minha mãe, sem a qual eu não seria quem sou em todo e qualquer âmbito. O mesmo digo a respeito da minha família em geral, composta em sua maioria de pescadores, pedreiros e artesãos, que tanto me ensinaram sobre a vida e em relação aos quais eu sou apenas o terceiro a ter uma graduação, sendo minha mãe a primeira. Dentre eles tenho um agradecimento especial à minha tia Lurdes, meu tio Valmir e ao meu pai, Roberto, que faleceram durante a pandemia, aquela por conta de um câncer, meu tio, por conta da depressão e meu pai em decorrência das complicações da Covid-19. À minha tia e meu tio devo grande parte dos meus momentos de alegria em Pontal de Coruripe, terra natal da minha mãe, e a meu pai não devo muito a não ser a contribuição para que eu fosse gerado, mas por quem, depois de tanto, não sinto rancor. Agradeço igualmente minha namorada, Ana Carolina, com quem passei e passo alguns dos melhores momentos que tive em toda minha vida e à qual devo grande parte da motivação e estado de espírito necessários para que eu terminasse esta dissertação. Aos amigos que encontrei nessa vida acadêmica não cabem nestas páginas a gratidão que por eles nutro. A Matheus, Enéas, Juliane, Breno e Yuca devo as horas de discussão filosófica que certamente moldaram e lapidaram meu *modus operandi* e fundamentos de investigação, mas também as conversas e desabafos sobre a vida e seus tantos aspectos e percalços psicológicos, que sempre assombraram particularmente a nossa turma. A Letícia e Gabi devo o grande suporte econômico, acadêmico e emocional com que me cuidaram, que me receberam em Brasília com várias sacolas de comida, que tanto me informaram acerca das burocracias e que comigo estiveram nos momentos de saudade crônica e lamuriante de toda a minha vida em Aracaju. Agradeço aos professores que durante todos estes anos me ensinaram tudo o que sei e muito mais a respeito de filosofia, língua grega, lógica e tantos outros temas que não conseguiria citar. Também vão meus agradecimentos aos membros da banca por prestarem seu tempo, atenção e intelecto à avaliação do presente trabalho. O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1: SOBRE O <i>Met A</i>	11
1.1 SUPOSTA IDENTIFICAÇÃO ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA MATERIAL” NO LIVRO ALFA	11
1.2 TIMOTHY J. CROWLEY E A DIFERENÇA ENTRE FOGO SIMPLES E FOGO COMPOSTO	12
1.3 APLICAÇÃO DA TEORIA DE TIMOTHY J. CROWLEY AO LIVRO ALFA DA <i>METAFÍSICA</i>	24
CAPÍTULO 2: O PROBLEMA DA MATÉRIA EM ARISTÓTELES	27
CAPÍTULO 3: ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ E CAUSA MATERIAL, UMA DEFINIÇÃO	47
3.1: CRÍTICA A ANGIONI.....	47
3.2: DEFINIÇÕES DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ E “CAUSA MATERIAL” SEGUNDO A NOÇÃO DUPLA DE MATÉRIA	50
3.3 RESPALDO DESTAS DEFINIÇÕES EM <i>MET Δ</i>	54
3.4: SEMELHANÇAS ENTRE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ E “CAUSA MATERIAL”	58
CAPÍTULO 4: EVIDÊNCIAS SEMÂNTICAS	59
CAPÍTULO 5: UMA CRÍTICA A GIOVANNI REALE	65
CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS:	70
ANEXO 1: OCORRÊNCIAS DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ NA <i>METAFÍSICA</i>	72
ANEXO 2: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ NA <i>METAFÍSICA</i>	79

PREFÁCIO

Antes de iniciarmos, é preciso ter em mente o principal aspecto desta dissertação. Ela se trata do resultado de pesquisa sobre uma temática não apenas difícil, mas para a qual não há, até onde sabemos, bibliografia especializada. Os comentadores que utilizamos aqui para desenvolver nossa hipótese se aproximam do tema de um modo meramente lateral, à medida em que tratam individualmente dos conceitos cuja diferença pretende-se aqui defender.

Tendo em conta este fato, a presente dissertação não se apresenta apenas como a defesa de uma hipótese, mas também uma ferramenta de pesquisa para aqueles que decidirem se dedicar à mesma pesquisa. Assim, vimos necessidade do acréscimo dos textos anexados, os quais servirão, assim pensamos, de um guia útil.

INTRODUÇÃO

A discussão sobre os constituintes primários do mundo físico é uma que ocupa lugar especial na história. Ela marca a virada de um período em que as explicações mitológicas eram mais comuns para explicar a criação e diversos aspectos do mundo para um em que tais explanações se dão a partir de aspectos puramente mundanos. Ou seja, ela é a pedra basilar da filosofia. E se manteve como principal tema de discussão por um bom tempo, passando pelo pensamento de filósofos como Tales, Heráclito, Anaxímenes, Demócrito, Empédocles e diversos outros¹. Com o advento de Sócrates, de acordo com seu retrato histórico, a temática perde um pouco de sua força e outras passam a ser suas preocupações principais. Mesmo assim, ainda vemos que Platão e Aristóteles desprenderam um tanto de seu *corpus* para esta discussão. Além destes, e com ainda menos apelo e de modo bem singular, vemos os estoicos elaborarem suas teses sobre o $\pi\nu\epsilon\tilde{\upsilon}\mu\alpha$, que é responsável pela animação dos diversos tipos de seres existentes, desde plantas ao homem².

¹ Com Tales, o discurso filosófico finalmente ganha forma e se distingue do mitológico. A proposição da água como elemento primordial explica toda a existência e eventos físicos com base na própria natureza. A ele se seguiram os nomes de filósofos já citados, mas também os de Xenófanes, Anaxágoras, Arquelau, Leucipo e Diógenes de Apolônia, todos sob a égide da escola Jônica, iniciada em Mileto com Tales. Além desta, a escola de Eléia também apresentava suas próprias teorias acerca da cosmogonia, mas, diferentemente, não se atinham a objetos físico-naturais.

² O conceito estóico de alma é baseado no movimento, tudo o que é capaz de mover ou sofrer movimento tem alma. Mas para além de animais e plantas, todo o cosmos, sendo também dotado de movimento, como é possível perceber pelos astros, também tem uma alma. Todo esse movimento seria realizado por uma mistura de ar e fogo, chamada $\pi\nu\epsilon\tilde{\upsilon}\mu\alpha$, que se confunde com a própria divindade. Sendo assim também deus, constituído dessa

Apesar de ficarem conhecidos pelo termo στοιχεῖον, essa nomenclatura, segundo o relato de Eudemo de Rodas³, só viria a ser utilizada com o sentido de primeiro constituinte do mundo físico por Platão. Mesmo em seus escritos menos tardios, o filósofo já utiliza o termo, mas como sinônimo de letras do alfabeto, significado há muito atrelado ao termo στοιχεῖον⁴. Segundo alguns comentadores⁵, é no *Teeteto* que Platão faz uso do termo em seu sentido de elemento, mas de uma maneira bastante reservada. Das suas 35 aparições no diálogo, segundo Simone (2020, p. 8-9), apenas 5 têm o significado de constituinte material. E isto por causa da novidade desta acepção do termo, como fica subentendido do que diz Simone (2020)

Na direção completamente oposta está Timothy J. Crowley. Apesar de ser citado diversas vezes no artigo de Simone (2020), Crowley (2005) defende que o termo στοιχεῖον tinha em seu uso cotidiano também o significado de constituinte material. Como é possível observar da leitura do capítulo 3 do livro *Δ* da *Metafísica*, Aristóteles enquadra esta noção do termo entre os seus usos ordinários. Após apresentar o sentido gramatical e lógico, afirma: “Pronunciam-se de maneira semelhante os que afirmam que também os elementos dos corpos são os itens últimos nos quais se dividem os corpos [...]” (*Met Δ* 3, 1014 a31-33)⁶.

mistura ou a fonte suprema dela mesma. Por causa disto, os estóicos defendem uma coesão dinâmica do cosmos em si, á medida em que ele e tudo que o integra é preenchido por πνεῦμα. Isso, contudo, não significa que todos têm a mesma quantidade desse elemento dentro de si e por isso existe as distinções entre os diversos tipos de seres. Como veremos na nota 38 do presente trabalho, o conceito de πνεῦμα estaria muito mais próximo de uma causa do que que um elemento, segundo a visão dos estóicos sobre o tema. Mas ele não deixa de ser uma herança pré-socrática, em partes rastreada até Anaxímenes como nota Samuel Sambursky em *Physics of the Stoics* (2016). Para mais informações consultar o livro já citado e o capítulo 5 do *The Cambridge Companion to the Stoics*, Brad Inwood (ed.) (2003). Ambos utilizados para escrever esta nota.

³DE SIMONE, P. Plato's use of *stoicheion*: Origin and implications. In: Archai, n. 30, 2020.

CROWLEY, T. J. On the use of *stoicheion* in the sense of 'element'. In: Oxford Studies in Ancient Philosophy, Vol. 39, pp. 367-394 (Sep 2005).

⁴ *Cra* 424c-d. Nesta passagem, Fowler (1926) apresenta uma tradução direta de στοιχεῖα e στοιχείοις, como letras do alfabeto, segundo nos mostra a citação de Pia de Simone (2020, p.5). Além disso, é senso comum na história da filosofia atribuir a στοιχεῖον o significado de “letras do alfabeto”, como nos informa Crowley: “In particular, is usually believed that *stoicheion* primarily means ‘letter of the alphabet’ [...]” (2005, p. 368). E assim perdeu por, no mínimo, até Sexto Empírico c. 160-210 d.C. como afirma Ryle, sem apontar passagem (1960) e assim segue Crowley (2005), afirmando se tratar de *M.* 10 249-50. E de fato: “(249) εὐκέναι γὰρ λέγουσι τοὺς φιλοσοφοῦντας γνησίως τοῖς περὶ λόγον πονουμένοις, ὡς γὰρ οὗτοι πρῶτον τὰς λέξεις ἐξετάζουσιν (ἐκ λέξεων γὰρ ὁ λόγος), καὶ ἐπεὶ ἐκ συλλαβῶν αἱ λέξεις, πρῶτον σκέπτονται τὰς συλλαβὰς, καὶ ἐπεὶ ἐκ συλλαβῶν τὰ στοιχεῖα τῆς ἐγγραμμάτου φωνῆς ἀναλυόμενων, περὶ ἐκείνων πρῶτον ἐρευνῶσιν, (250) οὕτω δεῖν φασιν οἱ περὶ Πυθαγόραν τοὺς ὄντως φυσικούς,”

“(249) Pois dizem que os filósofos genuínos se assemelham àqueles que se ocupam com o discurso. Pois, assim como aqueles [que se ocupam do discurso] primeiro investigam as palavras (pois o discurso [é composto] de palavras), e uma vez que as palavras [são compostas] de sílabas, primeiramente examinam as sílabas; e, uma vez que os elementos dos sons escritos partem das sílabas, investigam sobre isso antes; (250) assim, os Pitagóricos dizem que se deve [agir], sendo físicos (...)” (Tradução não publicada de BRITO, R. P.)

⁵ Vide nota 3

⁶ A tradução da *Metafísica* por nós utilizada é a de Angioni, publicada em formato de vários artigos, exceto quando é expresso o uso de outra tradução.

Por conta desta catalogação, Crowley argumenta que não é possível que Platão tenha sido o primeiro a utilizar o termo *στοιχεῖον* em seu sentido elemental, se já com Aristóteles o sentido ganhara status de corriqueiro. O tempo entre Platão e seu discípulo é muito curto para que nele um termo seja utilizado com um novo significado de maneira comum. Para comparar, basta analisar a forma como a teoria das quatro causas é expressa em *Metafísica A*. Em sua análise dos predecessores, Aristóteles afirma que desde Tales existe um desenvolvimento do conceito de causa, explorando suas diversas facetas, e é a partir da análise daqueles que contribuíram neste projeto que o estagirita apresenta o que considera a teoria definitiva sobre o termo⁷.

Apesar de ter ciência da argumentação de Crowley⁸ e deixar expresso seu pensamento, Simone (2020) não se prontifica para argumentar contra, até pelo próprio teor de seu artigo. O objetivo dele não é dar um apanhado geral da discussão acerca do significado elemental de *στοιχεῖον*, mas sim apresentar a visão de Platão acerca do tema e a posição que ele assume dentro desse debate.

Assim, também Aristóteles se insere no debate acerca de “elemento”, e desde São Tomás de Aquino, ao menos, há consenso em interpretá-lo de modo que os elementos constitutivos do mundo físico são um subgênero de causa material. Afirma Aquino em seu comentário à *Metafísica*: “Por isso, fica claro que elemento se põe no gênero da causa material” (*Setentia Metaphysicae*, lib. 5 l. 4 n.1). Mas um grupo seletivo de causa material, a partir do qual aquilo que gera é algo primeiro, como bem nota Aquino: “O cobre é algo a partir do qual é feita a estátua, mas não é elemento, porque tem alguma outra matéria da qual é feito.” (*Setentia Metaphysicae*, lib. 5 l. 4 n. 2).

Esta interpretação da forma como Aristóteles pensa o conceito é algo que parece perdurar até a contemporaneidade. No compêndio *Aristóteles* da Universidade Cambridge

⁷ Como veremos, este é um procedimento comum de Aristóteles, usado também no *De Generatione et Corruptione* e na *Física*, até onde pudemos observar. Na *Metafísica* temos um caso emblemático, não só porque nos é apresentado um apanhado panorâmico do pensamento dos filósofos pré-socráticos, como também porque é nítida pretensão de estabelecer a teoria final a respeito do assunto e exemplo disso está dado no início da exposição em que Aristóteles de antemão, apresenta quais seriam as quatro causas, e apenas em seguida inicia analisa as teorias anteriores; e pela forma gradual com a qual ele enxerga o desenvolvimento histórico da teoria das quatro causas: “Por esses filósofos, julgaríamos que é causa apenas a que assim se diz em forma de matéria. No entanto, na medida em que avançaram desse modo, o próprio assunto abriu-lhes caminho e os forçou a investigar[...]” (*Met. A* 984 a16-18); ou ainda: “Mas, depois desses predecessores e dos princípios desse tipo - dado que não são suficientes para gerar a natureza dos entes-, novamente constrangidos pela própria verdade (como dissemos) buscaram o princípio seguinte.” (*Met. A* 984 b8-10).

⁸ Por conta da inovação de suas ideias, que invariavelmente destoam da maioria dos comentadores, se não de todos, Crowley será um parceiro durante todo o processo de desenvolvimento da tese aqui defendida.

(2009) Jonathan Barnes e R. J. Hankinson dão exemplo disto. Na seção 5 de seu capítulo, Barnes afirma:

Os pensadores gregos mais antigos consideraram (ou Aristóteles assim acreditava) que os materiais [stuffs], e em particular os materiais elementares, eram substâncias [...] Aristóteles nega que os materiais sejam substâncias. Ele tem ao menos dois argumentos para rejeitar a candidatura dos materiais, um dos quais não causa nenhuma surpresa. O argumento que não surpreende diz que um material não é um "isto" (Θ 7, 1049 a25-30). Um termo incontável [mass term], como o "bronze" ou "baquelita, não seleciona um item individual. (2009, p. 134-135)

Dado que aqui os elementos são incluídos no grupo dos materiais e que o bronze, escolhido para representar tal grupo, é um exemplo paradigmático de causa material, e também que Barnes não faz qualquer alusão a uma possível diferença entre elementos e causas materiais, poderíamos afirmar que, para ele, Aristóteles acreditava serem os elementos causas materiais primordiais.

R. J. Hankinson, por sua vez, na nota de rodapé número 13 do capítulo 4 nos diz:

[...]Portanto, a argila é a matéria para o recipiente, já que a argila está ali antes do vaso ser feito (e depois de ele ser destruído); entretanto, a própria argila é um composto de matéria e forma, já que ela é terra e água numa particular proporção e elaborada de uma particular maneira[...]. (2009, p. 167).

Assim sendo, para Hankinson, os elementos, bem como as causas materiais, recebem forma e, portanto, têm a mesma função, ou seja, a de ser o substrato da coisa enquanto recebe uma forma. A diferença se dá apenas no âmbito de qual a coisa a ser formada a partir desse processo. Além disso, a própria falta de uma bibliografia voltada diretamente para este debate com a qual nos deparamos revela o lugar-comum no qual a academia se coloca.

Aqui, pretendemos defender justamente a tese contrária. Isto é, a de que não há uma identificação conceitual entre os termos “elemento” e “causa material”, tendo como base argumentativa principalmente as evidências constantes na *Metafísica*. Mas também presentes em outras obras, como a *Física* e o *De Generatione et Corruptione*. Bem como nos valem os autores da bibliografia secundária como Timothy J. Crowley, que se posiciona contra diversas teses tradicionais de comentadores de Aristóteles. Consultamos também os comentários de diversos autores que traduziram e comentaram os textos clássicos, como Lucas Angioni, Giovanni Reale, David Ross e o já citado Tomás de Aquino. Para algumas questões laterais, mas não menos relevantes, consultamos obras platônicas como o *Timeu* e comentadores como Rodolfo Lopes, Sarah Broadie e Carlo Natali.

Quanto à citação dos textos clássico, sempre optamos por apresentar as traduções dos próprios comentadores quando estamos de acordo com o pensamento defendido em seus artigos, haja visto que é a mais adequada ao pensamento dos mesmos. No caso de não concordarmos ou o comentador não apresentar tradução, optamos por traduções de renome, à medida em que não influenciam numa interpretação errônea ou enviesada.

CAPÍTULO 1: SOBRE O *METAFÍSICA A*

1.1 SUPOSTA IDENTIFICAÇÃO ENTRE “ELEMENTO” E “CAUSA MATERIAL” NO LIVRO ALFA

É inegável que, no livro A da *Metafísica*, Aristóteles estabelece uma identificação entre aquilo que os seus predecessores apresentaram como princípios do mundo físico e o que ele mesmo chama de causa material. É inegável também que o conjunto dos objetos que exercem a função de elemento faz parte do conjunto maior dos objetos que exercem a função de princípio. Não se segue daí, contudo, que o que o próprio Aristóteles considera de fato como os elementos do mundo físico sejam um tipo de causa material. E antes de iniciarmos a defesa desta tese, acreditamos relevante tratar primeiramente das afirmações em *Metafísica A 3*, com o intuito de nos vermos livres para explanar sobre o que embasa a diferença semântica entre “causa material” e “elemento” sem o fantasma daquela identificação.

Em seu artigo sobre o *De generatione et corruptione*⁹, uma das hipóteses defendidas por Timothy J. Crowley (2013) é a de que os elementos aos quais os filósofos naturalistas se referiam como constituintes primários se identificam aos seus correspondentes sensíveis. Ou seja, quando Empédocles se refere a água, fogo, terra e ar, ele se refere ao fogo que compõe o sol ou a fogueira, à água que se bebe, ao ar que sopra e à terra sobre a qual se pisa¹⁰.

⁹ CROWLEY, T. J. *De generatione et corruptione 2.3: does Aristotle identify the contraries as elements?: Does Aristotle identify the contraries as elements?* **The Classical Quarterly**, [s.l.], v. 63, n. 1, p. 161-182, 24 abr. 2013. Cambridge University Press (CUP).

¹⁰ Como apontado pelo meu orientador, Prof. Rodrigo Pinto de Brito, somente sendo assim se poderia chamar os filósofos naturalistas de “naturalistas”. Ou seja, o termo φυσικοι, que lhes era atribuído na época de Aristóteles, só cabe se na época de Aristóteles for senso comum que os elementos são de fato objetos naturais sensíveis, e não metafísicos ou poético-mítico-metafóricos. Não há consenso sobre isso, contudo. Patricia Curdi (1998), por

Além disso, afirma Crowley (2013), Aristóteles também considera que os elementos do mundo físico são fogo, água, terra e ar. Contudo não os considera da mesma forma que seus predecessores. Para Aristóteles, estes elementos seriam um meio-termo entre o sensível e o não sensível. Eles seriam sensíveis na medida em que são corpóreos e é uma qualidade do corpo ser sensível e porque todo corpo composto é constituído por eles o que nos permite, de certa maneira, observá-los, mas não teríamos contato direto da mesma forma como temos com o fogo sensível, por exemplo. Trocando em miúdos e valendo-nos de terminologia aristotélica, o fogo que se pode observar sensivelmente é diferente em espécie do fogo constituinte do mundo material, e o mesmo se pode afirmar dos outros elementos.

Valemo-nos dessa tese para afirmar que aquilo que os filósofos naturalistas consideravam como elementos está mais próximo do que Aristóteles viria a chamar de causa material. E daí, quando de sua análise das teorias de seus predecessores, no livro *A da Metafísica*, ele apresenta tais “elementos” como integrantes do conjunto das causas materiais. O que o próprio Aristóteles considera como elemento, contudo, é algo qualitativamente diferente, ou seja, de uma espécie diferente. As passagens em Alfa, sobre as teorias dos antecessores de Aristóteles, portanto, não podem ser consideradas como um atestado da identificação entre “causa material” e “elemento” por parte do próprio Aristóteles, como se poderia pensar, visto que o conceito de elemento tratado nestas passagens não se refere àquele defendido por Aristóteles, mas sim por seus predecessores. Para compreendermos melhor como chegamos a isto será útil analisarmos em linhas gerais o que Timothy J. Crowley (2013) apresenta em seu artigo.

1.2 TIMOTHY J. CROWLEY E A DIFERENÇA ENTRE FOGO SIMPLES E FOGO COMPOSTO

Uma vertente interpretativa da obra *De Generatione et Corruptione* atribui a Aristóteles a tese de que os corpos simples (fogo, terra, água e ar) não são elementos, pois

exemplo, afirma que apesar de as raízes serem apresentadas por seus exemplos observáveis, delas existem suas versões mais simples.

seriam formados de constituintes mais simples, que seriam os contrários primários, a saber, quente e frio, seco e úmido. A melhor passagem a favor desta tese nos afirma o seguinte:

- (1) Visto que στοιχεῖα são quatro, (2) e, dos quatro, há seis pares, (3) mas contrários não podem ser pareados uns com os outros (pois é impossível para a mesma coisa ser quente e fria, e ainda úmida e seca), (4) é claro que os pares de στοιχεῖα serão quatro, quente com seco e úmido com quente, e ainda frio com seco e frio com úmido. (5) E esses são ligados de um determinado modo (κατὰ λόγον) aos corpos aparentemente simples fogo, ar, água e terra: pois fogo é quente e seco, ar é quente e úmido, pois ar é como vapor (ἀτμός), água é fria e úmida, e terra é fria e seca... (*De Gen. et Cor.* 330 a30-b7, apud. CROWLEY, op. cit., p. 166. Tradução nossa)¹¹

A passagem parece bastante persuasiva a favor da tese apresentada, e renomados comentadores a defendem, como é o caso de Harold Henry Joachim:

[...] τα ἀπλα σωματα, a saber Terra, Ar, Fogo e Água. Aqui, Aristóteles fala deles como τα ἐναντια (a 30). Eles são, como devemos aprender, as primeiras substâncias concretas resultantes da informação da πρώτη ὑλη através das ‘qualidades contrárias’ pareadas (Frio-seco, Quente-Úmido, Quente-Seco, Frio-Úmido). (JOACHIM, H. H., *Aristotle On Coming-to-be and Passing-away*. Clarendon Press: Oxford. 1922, p.104. Tradução nossa).¹²

E também o de David Ross: “[...] porque Aristóteles acredita que os elementos de Empédocles são, na verdade, complexos, compostos de matéria prima + as contrariedades quente ou frio e úmido ou seco.” (ROSS, D. *Physics*. Clarendon Press: Oxford. 1936, p. 484. Tradução nossa).¹³

Crowley (2013), contudo, se opõe a essa tese e propõe uma interpretação desta e de outras passagens a favor da tese contrária, isto é, que Aristóteles considera os quatro corpos simples – água, terra, fogo e ar – como elementos de fato.

Antes de apresentarmos a crítica de Crowley (2013) à tese de que os quatro corpos simples, seriam, na verdade, compostos, é necessário saber que os defensores dela se dividem

¹¹ “(1)Since the στοιχεῖα are four, (2) and of the four there are six pairings, (3) but contraries cannot be paired with each other (for it is impossible for the same thing to be hot and cold, and wet and dry), (4) it is clear that the pairings of the στοιχεῖα will be four, hot with dry and wet with hot, and again cold with dry and cold with wet. (5) And these are attached in a reasonable way (κατὰ λόγον) to the apparently simple bodies fire, air, water and Earth; for fire is hot and dry, air is hot and wet, for air is like vapour (ἀτμός), water is cold and wet, and Earth is cold and dry... (*De Gen. et Cor.* 330 a30-b7, apud. CROWLEY, op. cit., p. 166.)”

¹² “[...] *ta apla somata* viz. Earth, Air, Fire, and Water (cf. Introd. 10). Aristotle speaks of them here as *ta enantia* (a 30). They are, as we shall learn (cf. B. 1-3, with the notes), the first concrete substances resulting from the information of *prote hyle* by the coupled ‘contrary qualities’ (Cold-Dry, Hot-Moist, Hot-Dry, Cold-Moist).”

¹³ “[...] because Aristotle believes Empedocles’ ‘I elements’ to be really complex, composed of prime matter + the contrarities hot or cold, and wet or dry.”

em dois grupos de acordo com a vertente interpretativa que defendem. Um deles afirma que os contrários primeiros apenas constituem os corpos simples de maneira lógica, como afirma Crowley (2013). Isto significa que eles são apenas condições necessárias à existência dos corpos simples, mas não existem materialmente. Há, afirmam os defensores desta interpretação¹⁴, uma diferença entre “elementos dos corpos” e “constituintes materiais simples”. Os contrários, assim, seriam categorizados como elementos dos corpos, mas não como materiais.

David Ross (1936), ao tratar de como funciona a geração, distinguindo-a da mudança, afirma que os contrários são apenas elementos reconhecidos por análise lógica, e afirma o mesmo a respeito da matéria-prima:

Mas, visto que matéria-prima não é uma coisa, mas apenas um elemento reconhecido por análise como envolvido no ser de uma coisa, e visto que qualquer coisa, para ser qualquer coisa, deve ter certos atributos indispensáveis (quer seja, ao menos, *secura* ou *umidade* e que seja *calor* ou *frio*) (ROSS, D. op. cit., p. 47. Tradução Nossa)¹⁵.

Como é possível notar, a concepção dos contrários como elementos lógicos, depende intrinsecamente da doutrina da matéria-prima (*prima materia*). Tal interpretação, contudo, é imediatamente descartada. Pois na *Física* 4.1¹⁶ Aristóteles afirma a necessidade de os elementos do mundo sensível serem corpóreos, e, conseqüentemente, sensíveis. Este é um princípio metodológico, informa Crowley (2013), que possibilita a compreensão da natureza perceptível dos corpos compostos. Isto é, tais corpos são sensíveis, pois seus constituintes também o são. Na passagem, Aristóteles nos diz: “[...] os elementos das coisas sensíveis são corpos [...]” (*Physics* 209 a17, *apud* CROWLEY, op. cit. P. 163. Tradução nossa)¹⁷.

¹⁴ Além dos já citados D. Ross (1936), H. H. Joachim (1922), vários outros são referenciados por Crowley (2013, p.161), dentre os quais, ganham destaque: SOLMSEN, F. *Aristotle’s System of the Physical World*. New York: Cornell University Press, 1960.; CHERNISS, H. F. *Aristotle’s Criticism of Presocratic Philosophy*. Baltimore: Octagon Books, 1935.; CHERNISS, H. F. *Aristotle’s Criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1944.; SOKOLOWSKI, R. *Matter, Elements and Substance in Aristotle*. In: *Journal Of The History Of Philosophy*, Vol. 8, No. 3, p.263-288 (1970). WILLIAMS, C.J.F. *Aristotle’s De Generatione et Corruptione*. Oxford: Oxford University Press, 1982.; GRAHAM, D. W. *The paradox of prime matter*. In: *Journal of the History Philosophy*, vol. 25, no.4, 1987, p. 475-490.

¹⁵ “But since prime matter is not a thing, but only an element recognized by analysis as involved in the being of a thing, and since anything, to be anything, must have certain indispensable attributes (at the very least, either dryness or wetness, and either heat or cold)” (ROSS, D. op. cit., p. 47).

¹⁶ “(...) mas os elementos das coisas perceptíveis aos sentidos são corpos (...)” (*Fís.*, 209 a17-18)

¹⁷ “[...] ‘the elements of perceptible things are bodies’ (ἔστι δὲ τὰ μὲν τῶν αἰσθητῶν στοιχεῖα σώματα)” (CROWLEY, T. J., 2013, p.163). Há um outro texto grego, utilizado pela Loeb Classical Library, segundo o qual

O mesmo se pode afirmar da análise Platônica acerca dos elementos. No *Timeu*, fogo, terra, água e ar são ulteriormente decompostos em sólidos geométricos e, por sua vez, em superfícies planas formadas por triângulos¹⁸. Esta análise se dá puramente no âmbito das demonstrações lógico-geométricas. Sendo corpos, e como todo corpo tem profundidade, é necessário que na sua constituição estejam envolvidas superfícies, e estas por sua vez são formadas pelas figuras geométricas mais primordiais, os triângulos. Mesmo que esses sólidos não correspondam a nenhum objeto material, sua existência (se é que possamos chamar assim) é inferida logicamente a partir da existência material dos corpos. Isto é observado por Aristóteles¹⁹. Segundo ele, a única coisa que pode vir a ser a partir de superfícies planas são sólidos. Isto é, a única coisa que pode advir de um objeto geométrico materialmente inexistente, é um objeto geométrico materialmente inexistente mais complexo.

Cabe aqui lembrar, como o faz Crowley (2013), que Aristóteles não está afirmando que os quatro corpos não possam ser analisados em termos puramente lógicos ou geométricos. Isso é plenamente possível, mas não se pode afirmar que os objetos resultantes dessa análise sejam os verdadeiros elementos do mundo físico, constituintes ulteriores de fogo, terra, água e ar: “Felizmente nós podemos conceder que os últimos [os corpos simples] são “logicamente” analisáveis; mas disso não se segue que qualquer item que esta análise revele é mais merecedor da nomenclatura ‘elementos dos corpos’”. (CROWLEY, op. cit., p. 164. Tradução nossa)²⁰

O outro grupo²¹ se posiciona a favor da vertente oposta, ou seja, defendem que os contrários primeiros são constituintes materiais dos corpos simples. E, dentre eles, Hugh R. King (1956) assim o faz rejeitando o conceito de matéria-prima. Contudo, um problema é imediatamente percebido. Com esta defesa, tal grupo parece delegar aos contrários um estatuto mais de substância do que de qualidade. E com isso, contrariam o pensamento

a passagem é: “ἔστι δὲ τὰ μὲν τῶν αἰσθητῶν σωμάτων στοιχεῖα σώματα”. Rejeitamos esse texto e seguimos a tradução de Crowley, que é respaldada pelo texto grego utilizado por David Ross (1936).

¹⁸ 53 c-e;

¹⁹ “Τοῖς δ' εἰς ἐπίπεδα διαιροῦσιν οὐκέτι· οὐδὲν γὰρ γίνεται πλὴν στερεὰ συντιθεμένων· πάθος γὰρ οὐδ' ἐγχειροῦσι γεννᾶν οὐδὲν ἐξ αὐτῶν.” (*De Gen. et Cor.*, 316 a2-4)

“Mas, isso não é igualmente possível para aqueles que dividem corps em planos; pois quando estes são colocados juntos, nada vem a ser, exceto sólidos; pois eles nem mesmo tentam gerar qualquer afecção a partir deles.” (*De Gen. et Cor.*, 316 a2-4. Tradução nossa a partir da de C.J.F Williams, 1982).

²⁰ “We may happily concede that the latter are *logically* analysable; but it would not follow that any items such analysis reveals are more deserving of the appellation ‘elements of *bodies*’”. (CROWLEY, op. cit., p. 164.)

²¹ H. R. King (1956), M. Furth (1988), E. Lewis (1996).

aristotélico²². Contra esta crítica, um integrante deste grupo poderia afirmar que, especificamente neste contexto, os contrários teriam um estatuto ontológico mais próximo ao de substância. Mas, independentemente de esta resposta ser válida ou não, outros problemas se apresentam a esta vertente, cujas consequências para a teoria aristotélica estariam próximas do desastre, como afirma Crowley (2013).

Primeiramente, a afirmação desta tese se coloca diretamente contrária à teoria Aristotélica do movimento natural dos elementos. Segundo Aristóteles, os corpos simples teriam movimentos próprios que influenciariam diretamente no movimento de corpos compostos. A pedra, por exemplo, cai quando solta no ar porque ela é feita basicamente de terra e o movimento natural deste elemento é descendente. Do mesmo modo, o fogo tem um movimento ascendente, por isso quando alguma coisa está em chamas, a fumaça sobe e as labaredas se eriçam para cima. E isso se dá pelas propriedades de pesado e leve de cada um desses elementos, respectivamente. Assim, como na verdade eles são compostos, as propriedades dos quatro corpos, fogo, terra, água e ar, então, teriam que ser explicadas a partir das propriedades dos seus constituintes, neste caso, os contrários primários.

Assim, seria necessário atribuir a coisas como quente, frio, seco e úmido as propriedades de peso e leveza. O que, não só é estranho a nós, como Aristóteles, no próprio *De Generatione et Corruptione*, faz questão de estabelecer que são propriedades completamente diferentes: “Essas são as contrariedades que pertencem ao toque: quente-frio, seco-úmido, pesado-leve [...] Desses, pesado e leve não são capazes de agir e serem afetados.” (329 b18-22. Tradução nossa, a partir da de C.J.F. Williams, 1982). Ou seja, o problema, não é apenas afirmar quente, frio, seco e úmido como dotados de leveza ou peso para que assim possam produzir o movimento dos quatro corpos, mas também o de atribuir a eles propriedades contrárias à sua natureza, uma vez que são capazes de agir e serem afetados: “Quente e frio e seco e úmido são ditos a partir das coisas, o primeiro par, em virtude de

²² “Além disso, [denominam-se qualidades] as características das substâncias suscetíveis de movimento, por exemplo, calor e frio, branco e preto, peso e leveza, e todas as demais coisas desse tipo, de acordo com as quais se diz que os corpos se alteram, quando elas se modificam.” (*Met.* Δ 14, 1020 b8-11.)

“ἔτι ὅσα πάθη τῶν κινουμένων οὐσιῶν, οἷον θερμότης καὶ ψυχρότης, [10] καὶ λευκότης καὶ μελανία, καὶ βαρύτης καὶ κουφότης, καὶ ὅσα τοιαῦτα, καθ’ ἃ λέγονται καὶ ἀλλοιοῦσθαι τὰ σώματα μεταβαλλόντων.” (*Met.* Δ 14 1020 b8-11).

“διαθέσεις δὲ λέγονται ἃ ἔστιν εὐκίνητα καὶ ταχὺ μεταβάλλοντα, οἷον θερμότης καὶ κατάψυξις καὶ νόσος καὶ ὑγίεια καὶ ὅσα ἄλλα τοιαῦτα.” (*Cat.* 8 b35-38). “É ao que é fácil e rapidamente mudado que nós chamamos condições, e.g., quentura [*hotness*] e frio e doença e saúde e os semelhantes.” (*Cat.* 8 b35-38. Tradução nossa a partir da de J.L. Ackrill, 1963).

serem capazes de agir e, o outro, em virtude de serem capazes de serem afetados.” (329 b25-27. Tradução nossa, a partir da de C.J.F. Williams, 1982).

O principal problema resultante desta interpretação é o fato de Aristóteles afirmar a mutabilidade recíproca dos elementos²³ e criticar Empédocles por não os ter considerado desta forma. Ao se afirmar os contrários como aqueles que de fato Aristóteles considerava como elementos, afirma-se também sua imutabilidade, visto que são contrários. E a crítica que Aristóteles veicula contra Empédocles poderia muito bem ser voltada contra si mesmo.

Apesar da existência deste problema, não se pode disto concluir que Aristóteles não tenha pensado desta forma. Se assim o fizéssemos estaríamos nos valendo de uma falácia de autoridade. Tendo noção disto, Timothy J. Crowley (2013) volta-se para as evidências textuais que contrariam esta vertente interpretativa.

Ao se analisar a passagem supracitada e o final do capítulo anterior a ela, percebe-se que a primeira aparição do termo *στοιχεῖα* está entre duas referências explícitas aos contrários:

Nem é, o calor, o mesmo que umidade ou secura, nem é, a umidade, o mesmo que calor ou frio, nem são frio e secura subordinados um ao outro ou ao calor e à umidade. Então, por necessidade, existem esses quatro.

Visto que os elementos [*στοιχεῖα*] são quatro em número, e, dos quatro, os pares são seis, mas não é da natureza dos contrários serem pareados uns com os outros... (*De Gen. et Cor* 330 a25-32, apud. WILLIAMS, op. cit., p. 40. Tradução nossa.)²⁴

Isto possivelmente indica que Aristóteles reserva o termo em questão para referenciar algo diferente dos contrários, e isto parece ser corroborado pelo fato de esta ser a única vez em que o filósofo possivelmente estaria se referindo aos contrários por meio deste termo durante o tratado inteiro. Para defender a tese de que Aristóteles usa a expressão para se referir a quente e frio, seco e úmido, é necessário aceitar que ele de repente e de forma

²³ Isto é, a tese de que os elementos são capazes de formarem uns aos outros, com exceção do fogo.

²⁴ “Neither is heat the same as wetness or as dryness, nor is wetness the same as heat or as cold, nor are cold and dryness subordinate either to one another or to heat and wetness. So of necessity there are these four. Since the elements are four in number, and of the four the pairings are six, but it is not in the nature of contraries to be paired with one another... (*De Gen. et Cor*. 330 a25-32, apud. WILLIAMS, op. cit., p. 40.)”

Aqui, dado o fato de Timothy J. Crowley não apresentar uma tradução completa da passagem apresentada, optamos por utilizar a tradução de C. J. F. Williams (1982). Não só por ser uma tradução renomada, mas também por se mostrar mais de acordo ao texto original, sem deturpá-lo. Ao contrário da tradução de E. S. Foster (1955) que traduz *στοιχεῖα* por *elementary qualities* apoiando justamente a tese à qual Crowley (2013) se posiciona contra. E aqui percebemos a necessidade de um trabalho como o apresentado aqui. Há muito o pensamento de comentaristas e tradutores é enviesado a favor da identificação entre os termos discutidos.

praticamente²⁵ pontual mudou a terminologia pela qual vinha designando tais objetos até agora. E, além disso, é necessário considerar a expressão Ἐπεὶ δὲ (“visto que”) no início do capítulo 3 como referência à conclusão do capítulo 2.

Contra este último posicionamento, Crowley (2013) torna expressa a diferença temática entre o final do capítulo 2 e o início do capítulo 3. Após reduzir as *differentiae*, isto é, as qualidades dos corpos, aos contrários primeiros, no segundo capítulo, Aristóteles em seguida, no capítulo 3, se volta para a associação dos corpos simples com eles. A expressão “Visto que os elementos são quatro...”²⁶ (*De Gen et Cor* 330 a30. Tradução nossa) então se referiria não ao final do capítulo 2, mas simplesmente ao fato de que a quantidade de corpos simples é quatro, fogo, terra, água e ar e que esta quantidade combina com a de pares de contrários.

Além disto, Timothy J. Crowley também nota a empreitada expressa por Aristóteles no início do livro 2 do *De Generatione et Corruptione* de considerar os assim chamados elementos. Visto que o intuito do tratado é dissertar sobre como a geração e a corrupção ocorrem, e sendo elas reduzidas a uma agregação e separação dos elementos constituintes dos corpos, resta considerar quais são estes elementos e como eles se relacionam entre si. Ao usar a expressão e τὰ καλούμενα στοιχεῖα, isto é, “os assim chamados elementos”, no início do livro 2, Aristóteles deixa evidente quais objetos tem em mente ao usar o termo στοιχεῖα, visto que a expressão se refere paradigmaticamente aos corpos simples, como afirma Crowley (2008)²⁷.

Além desta, há uma outra aparição do termo στοιχεῖα, que aparenta se referir de forma mais clara aos contrários: “...é claro que os pares de στοιχεῖα serão quatro: quente e seco, e quente e úmido, e frio e úmido, e frio e seco.” (*De Gen et Cor* 330 a33-b1)²⁸. Esta é uma frase que apresenta como conclusão do argumento acerca da quantidade de pares possíveis de contrários. Contudo se esperaria, segundo Crowley (2013), que a sentença que apresenta esta proposição fosse: “...os pares de *differentiae* que pertencem aos στοιχεῖα serão quatro.”

²⁵ Há ainda outra aparição do termo στοιχεῖον que possivelmente poderia ser entendida desta forma em 330 a35, que será analisada ainda nesta página.

²⁶ “Ἐπεὶ δὲ τέτταρα τὰ στοιχεῖα...” (*De Gen. et Cor.* 330 a30)

²⁷ CROWLEY, T. J. Aristotle's 'So-Called Elements'. *Phronesis*, [s.l.], v. 53, n. 3, p. 223-242, 2008. Brill. <http://dx.doi.org/10.1163/156852808x307061>.

²⁸ “...φανερὸν ὅτι τέτταρες ἔσονται αἱ τῶν στοιχείων συζεύξεις, θερμοῦ καὶ ξηροῦ, καὶ θερμοῦ καὶ ὑγροῦ, καὶ πάλιν ψυχροῦ καὶ ὑγροῦ, καὶ ψυχροῦ καὶ ξηροῦ.” (*De Gen. et Cor.* 330 a33-b1).

(CROWLEY, 2013)²⁹. Apesar de considerar esta uma ocorrência mais problemática, Crowley (2013) afirma apenas que pela obviedade daquilo ao qual se refere nesta segunda ocorrência de στοιχεῖα, Aristóteles teria optado por resumir a expressão.

Apesar destas respostas, outras passagens do tratado surgem apresentando dificuldades. Em uma passagem logo em seguida, 330 b2, Aristóteles se refere a fogo, terra, água e ar por τοῖς ἀπλοῖς φαινομένοις σώμασι, expressão esta que significa “os corpos aparentemente simples” e se refere, sem discordâncias entre os comentadores, aos corpos simples. O advérbio “aparentemente”, contudo, é considerado por aqueles aos quais Crowley se opõe como significando algo que não é de fato. Ou seja, fogo, terra, água e ar apenas aparentam ser elementos, mas não são.

Para Crowley (2013), no entanto, visto que o *De Generatione et Corruptione* é um tratado de física, o advérbio se refere, sim, ao que é observado pelos sentidos, mas não apenas a isto e não dando descrédito à confiabilidade do conhecimento alcançado pelos sentidos. O advérbio se refere também, segundo Crowley, ao que em grego se chama de ἔνδοξα³⁰. Diz Crowley, citando indiretamente Aristóteles: “As ἔνδοξα são as opiniões, crenças e julgamentos que são comumente aceitos por todos, ou pela maioria, ou pelos sábios, ou ao menos pelo mais notável dos sábios. (*Top* 1.1, 100 b21-23).”³¹ (CROWLEY, 2013. Tradução nossa.). Ao usar aquele advérbio, portanto, Aristóteles estaria indicando a confirmação tanto dos sentidos quanto da ἔνδοξα de que os corpos simples são verdadeiramente simples e, conseqüentemente, elementos.

Os contrários à tese de Crowley questionariam, e com razão, se não é possível que os sentidos enganem tanto quanto a ἔνδοξα. H. H. Joachim (1922) percebe tal possibilidade, relata Crowley (2013), e afirma que “aparentemente” se refere ao erro do julgamento que se apoia nos sentidos e se contrapõe ao que é alcançado com indubitável certeza pela razão. Apesar de aceitar que é possível haver erro no que é apresentado pelos sentidos, bem como no que é relatado pela opinião qualificada, Aristóteles, segundo Crowley (2013), não se refere a isso ao usar o advérbio. Evidência disto é a rejeição de ἄπειρον como elemento que

²⁹“... the pairings of the *differentiae* that belong to the *stoicheia* will be four.” (CROWLEY, 2013).

³⁰ Assim como Crowley (2013), optamos aqui por não traduzir o termo por considerarmos “opinião” um termo que não engloba todo o escopo do original.

³¹ “ἔνδοξα δὲ τὰ δοκοῦντα πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς σοφοῖς, καὶ τούτοις ἢ πᾶσιν ἢ τοῖς πλείστοις ἢ τοῖς μάλιστα γνωρίμοις καὶ ἐνδόξοις” (*Top*. 1.1, 100 b21-3)

Aristóteles faz na *Fís.*, pelo fato de este não ser aparente aos sentidos³². Ou seja, ele se vale da observação empírica, portanto, do que lhe aparece, para atestar a inexistência do ἄπειρον, assim reproduzindo o mesmo procedimento metodológico que explica as propriedades dos corpos compostos a partir daquelas presentes nos mais simples.

Outra passagem analisada por Crowley (2013) é a seguinte:

Fogo e ar e cada um dos outros que têm sido mencionados não são simples, mas compostos. Os simples são similares a esses, ainda que não sejam os mesmos que eles. Por exemplo, aquele semelhante a fogo é fogueiro (*pyroides*) e aquele semelhante ao ar, airoso (*aeroeides*): e da mesma forma para os outros. Fogo é um excesso de calor, tal como gelo é um excesso de frio: pois esfriamento e aquecimento são tipos de excesso, um de frio, outro de calor: assim, se gelo é um esfriamento de úmido e frio, então também fogo será o aquecimento de seco e quente... (*De Gen et Cor* 330 b21-30 *apud* CROWLEY, op. cit., p. 173. Tradução nossa.)³³

É possível notar a afirmação categórica da complexidade, de “Fogo e ar e cada um dos que têm sido mencionados...”. Contudo, Crowley (2013) acredita que esta frase não se refere aos corpos simples entendidos por Aristóteles.

Os comentadores contrários à sua tese, supõe Crowley³⁴, afirmam que aquela frase inicial se refere a todo o capítulo até a presente passagem, o que evidencia a complexidade dos corpos supostamente simples segundo Aristóteles. Contudo, Crowley (2013) acredita que tal frase se refere aos elementos considerados por seus antecessores. Haveria, portanto, segundo Crowley (2013), uma distinção entre o que Aristóteles e seus antecessores entendem como fogo, terra, água e ar.

³² “Mas é impossível que haja tal coisa, não porque seja infinita [...] mas porque não há tal corpo perceptível sobre e acima daqueles chamados elementos. Todas as coisas são dissolvidas naquelas a partir das quais vêm a ser, então isso deveria estar aqui neste mundo, juntamente com ar e fogo e terra e água, mas nada disso é observado.” (*Fís.*, 204 b29-35).

E também: “Mas a investigação conduzida até aqui é de caráter geral. Do que se segue fica evidente que o infinito também não se encontra nas coisas sensíveis. Se o corpo por definição é o que é delimitado por superfícies, não poderá haver um corpo infinito nem sensível nem inteligível.” (*Met.* K 10, 1066 b22-24).

“αὕτη μὲν οὖν ἡ ζήτησις καθόλου, ὅτι δ' ἐν τοῖς αἰσθητοῖς οὐκ ἔστιν, ἐνθένδε δηλον: εἰ γὰρ σώματος λόγος τὸ ἐπιπέδοις ὠρισμένον, οὐκ εἴη ἂν ἄπειρον σῶμα οὔτ' αἰσθητὸν οὔτε νοητόν,” (*Met.* K 10, 1066 b22-24).

Para a presente tradução utilizamos Giovanni Reale, por não existir uma tradução de Angioni do livro K da *Metafísica*. Apesar de todas as críticas que possam ser aventadas contra a tradução e seu autor, acreditamos que seja suficiente para o presente ponto.

³³ “Οὐκ ἔστι δὲ τὸ πῦρ καὶ ὁ ἀήρ καὶ ἕκαστον τῶν εἰρημένων ἀπλοῦν, ἀλλὰ μικτόν. Τὰ δ' ἀπλᾶ τοιαῦτα μὲν ἔστιν, οὐ μέντοι ταῦτά, οἷον εἰ τι τῷ πυρὶ ὁμοίον, πυροειδές, οὐ πῦρ, καὶ τὸ τῷ ἀέρι ἀεροειδές· ὁμοίως δὲ καὶ τῶν ἄλλων. Τὸ δὲ πῦρ ἔστιν ὑπερβολὴ θερμότητος, ὥσπερ καὶ κρύσταλλος ψυχρότητος· ἢ γὰρ πῆξις καὶ ἡ ζέσις ὑπερβολαί τινες εἰσιν, ἢ μὲν ψυχρότητος, ἢ δὲ θερμότητος. Εἰ οὖν ὁ κρύσταλλός ἐστι πῆξις ὑγροῦ ψυχροῦ, καὶ τὸ πῦρ ἔσται ζέσις ὑγροῦ θερμοῦ. Διὸ καὶ οὐδὲν οὔτ' ἐκ κρυστάλλου γίνεται οὔτ' ἐκ πυρός.” (*De Gen. et Cor.*, 330 b21).

³⁴ *Vide* n. 14

Para defender esta tese, Crowley (2013) estabelece uma divisão do capítulo 3 do livro 2 do *De Generatione et Corruptione* que facilitará as referências e a defesa de sua tese a serem feitas. A primeira parte do capítulo é a que trata da relação entre os corpos simples e os contrários primários (*De Gen. et Cor.* 330 a30-b7), a segunda é a famosa análise da teoria dos predecessores, amplamente utilizada por Aristóteles (330 b7-21), a terceira é a passagem supracitada (330 b21-30), e a quarta analisa outras características dos corpos simples.

Segundo Crowley (2013), a segunda parte é consensualmente entendida pelos comentadores como uma nota-de-rodapé³⁵ a respeito do que é tratado na primeira, por apenas mostrar que os antecessores de Aristóteles também precisaram postular princípios contrários. Sendo assim, pergunta Crowley (2013), como se classifica a terceira parte? Isto é, ela é a continuação da segunda, ou retomada do texto principal da primeira?

A segunda opção oferece um problema óbvio à tese defendida por Crowley (2013). Já a primeira, apesar de difícil de se escolher, permite que a frase “[...] e os outros que têm sido mencionados [...]” (330 b2) seja interpretada como referência aos elementos postulados pelos naturalistas. E, para defendê-la, Crowley (2013) focará em três aspectos, a saber, a estrutura do capítulo, a existência de evidências a favor da tese de que Aristóteles considera os elementos postulados pelos seus predecessores como compostos e o fato de o filósofo aparentar se referir aos elementos que ele próprio considera como os verdadeiros pelos termos fioso e aioso³⁶, ao invés de corpos compostos.

A favor do primeiro aspecto, Crowley (2013) apresenta o fato de as partes 2 e 3 do capítulo serem tão autônomas como se estivessem ambas em parênteses, não só a segunda. Evidência disto é o fato de a quarta parte ser continuação imediata do que foi expresso na primeira, sem depender das partes intermediárias. Além disso, na quarta parte, Aristóteles parece não notar ter dito antes, na terceira parte, que os corpos simples são, na verdade, compostos, pois considera certo que eles são simples: “Os corpos simples sendo quatro em número...” (*De Gen et Cor* 330 b21-30 *apud* WILLIAMS, OP. CIT. p. 41. Tradução nossa)³⁷. A partir da interpretação que Crowley (2013) propõe, é possível compreender esta aparente perda de memória, visto que na terceira parte, os corpos falsamente tidos como simples aos

³⁵ Vide n. 14

³⁶ Para a tradução de *fiery* e *airy* contamos com a ajuda de Gustavo Laet Gomes, Mestre e doutorando pela UFMG e integrante da Cátedra UNESCO Archai: sobre as origens do pensamento ocidental.

³⁷ “The simple bodies being four in number...” (*De Gen. et Cor.* 330 b21-30 *apud* WILLIAMS, OP. CIT. p. 41. Tradução nossa)

quais Aristóteles se refere são os dos predecessores, enquanto que, na quarta, os corpos tratados são os que Aristóteles verdadeiramente considera como elementos.

Para entender os argumentos em prol do segundo aspecto é necessário primeiro analisar o que Aristóteles compreende por corpos compostos, ou *mixed bodies*. Estes, ao contrário dos simples, são constituídos de outros corpos, que por sua vez podem também ser constituídos de outros corpos, ou não. O fogo, por exemplo, caracterizado como composto na passagem 330 b21-30, é descrito como um excesso de calor, visto que a ebulição é um tipo de excesso, e se o gelo é um excesso de frio e úmido, o fogo é um excesso de quente e seco. Esta, como percebe-se no *Meteorológica*³⁸, cita Crowley (2013), é a descrição do fogo observável pelos sentidos, diferente do chamado fogo elementar. Assim, afirma Crowley (2013), o fogo vulgarmente tido como elemento não o é de fato, pois se trata de um excesso de calor. A diferença entre ambos se torna evidente. Do mesmo modo que é evidente, afirma Crowley (2013), a qual fogo, terra, água e ar Aristóteles se refere nesta parte do capítulo. Gás inflamado, estado de combustão, chama, é a isso que Aristóteles se refere ao tratar de um fogo composto, o mesmo se pode afirmar para a terra, água e ar. É importante notar que ambos os tipos de corpos têm o mesmo nome, mas são de espécies diferentes.

A partir disto, afirma Crowley (2013), Aristóteles considerou os exemplos que Empédocles apresenta de suas quatro raízes como certificação do fato de que elas são compostas. Afinal o fogo tem como exemplos o Sol e a forja, e a água do mar e as águas de poços e de rios. E nisto Aristóteles estaria seguindo em partes o pensamento de Platão, que afirma, no *Timeu* (48b-c; 53c-d)³⁹ que fogo, terra, água e ar não são simples, e, portanto, não são de fato elementos.

³⁸ “... e o que nós estamos acostumados a chamar de fogo, apesar de não ser realmente fogo: pois fogo é um excesso de calor e um tipo de aquecimento.” (*Meteor.* 340b 22-30)

³⁹ “Antes da geração do céu, teremos que rever a natureza do fogo, do ar, da água e da terra, bem como os comportamentos que tinham antes disso; na verdade, até agora ninguém revelou a sua origem, mas discursamos como se nos dirigíssemos a quem soubesse o que possa ser o fogo e cada um dos outros elementos, dispondo-os como princípios e letras do universo. Ora, é prudente que, com um mínimo de verossimilhança, nem sequer às sílabas sejam comparados por quem tenha um pouco de inteligência.” (*Tim.* 48 b-c). A negação de semelhança entre os quatro corpos simples e as sílabas figura aqui no sentido de que o nível de complexidade dos elementos é maior que o das sílabas que logo que os constituintes que imediatamente as formam são os constituintes de toda a linguagem. Fogo, terra, água e ar, contudo, têm mais estágios de decomposição, segundo Platão: “Em primeiro lugar, que o fogo, a terra, a água e o ar são corpos, isso é claro para todos; tudo o que é da espécie do corpo tem profundidade. Mas a profundidade envolve, necessariamente e por natureza, a superfície; e uma superfície plana é composta a partir de triângulos. Todos os triângulos têm origem em dois triângulos, cada um dos quais com um ângulo recto e com os outros agudos.” (*Tim.* 53 c-d).

Evidência a favor de que esta é a forma como pensa Aristóteles é uma passagem do *De Generatione et Corruptione* em que ele afirma ser necessário que Empédocles admita suas “raízes” como sendo corpos compostos. Visto que, para Aristóteles a geração e a corrupção dos elementos ocorrem e são um fato observado pelos sentidos, é necessário que Empédocles o tivesse explicado. Visto que não o fez, é necessário supor, acredita Aristóteles, que as “raízes” são corpos compostos gerados dos simples e dissolvidos neles, pois este é o único meio de conciliar a teoria de Empédocles ao fato.

A crítica, contudo, não fica restrita a Empédocles. Em *De Generatione et Corruptione* I.8⁴⁰, Aristóteles apresenta a distinção entre o pensamento daquele e o dos atomistas. Estes postulam corpos indivisíveis e descritos como os primeiros constituintes do mundo material, a partir dos quais tudo se agrega e nos quais tudo se dissolve. Colocando-os como opositores de Empédocles, Aristóteles não pretende que a diferença se restrinja somente a isso, mas se trata de uma diferença entre os atomistas e ao restante dos filósofos naturalistas que, assim como Empédocles postularam um ou mais dos corpos simples como elementos.⁴¹

Por fim, acerca do terceiro aspecto, de que Aristóteles se refere ao que ele mesmo considera elemento pelos termos *fiery* e *airy*, basta que se atente para as descrições feitas. Na primeira parte do capítulo ele afirma que o fogo “aparentemente simples” é dotado das qualidades quente e seco. Na terceira, afirma que o fogo é composto e o contrapõe ao que chama de *fiery*. O fogo composto, diz Aristóteles, é um excesso de calor e ebulição de quente e seco. Mas, como dito, quente e seco são qualidades atribuídas ao fogo simples. Há, portanto, uma diferença entre o fogo simples e o composto na qual este é um excesso das qualidades do primeiro. O que leva a supor que a designação *fiery* é apenas outro modo de se referir ao fogo simples, justamente para acentuar a diferença entre os homônimos. Consequentemente, o mesmo se pode afirmar dos outros elementos.

⁴⁰“No caso de Empédocles isso é claro a respeito de outras coisas, até se alcançar os elementos, que elas têm geração e corrupção; mas a respeito desses mesmos elementos não é claro como a massa deles enquanto é agregada vem a ser e prece, nem é possível a ele explicar isso a menos que esteja preparado para dizer do fogo, e igualmente de todos os outros, que eles têm seus próprios elementos, assim como Platão escreve no *Timeu*.” (*De Gen. et Cor.*, 329 b19-25)

⁴¹ Desde o início do capítulo Aristóteles trata Empédocles como um exemplo para os filósofos naturalistas: “Alguns, portanto, incluindo de fato Empédocles, lidaram desse modo com certos problemas (...)” (*De Gen. et Cor.* 324 b 32-34). E ainda: “Menos ainda com os outros, por exemplo Empédocles: não é de todo claro na teoria dele como há corrupção e alteração.” (325 b14-16).

1.3 APLICAÇÃO DA TEORIA DE TIMOTHY J. CROWLEY AO LIVRO ALFA DA *METAFÍSICA*

Seguindo a esteira do pensamento de Crowley (2013), acreditamos que aquilo que os filósofos naturalistas consideravam como elementos está mais próximo daquilo que Aristóteles viria a chamar de causa material. E daí, quando de sua análise das teorias de seus predecessores, no livro A da *Metafísica*, ele apresenta tais “elementos” como integrantes do conjunto das causas materiais. O que o próprio Aristóteles considera como elemento, contudo, como o próprio Crowley (2013) afirma, é algo qualitativamente diferente, ou seja, de uma espécie diferente. O que nos leva a desconsiderar a maior parte das passagens em *Alfa*, a partir do capítulo 3, como um atestado da identificação entre “causa material” e “elemento”. E a forma como Aristóteles se expressa parece ser muito reveladora.

Não é incomum no livro A, que Aristóteles se refira a στοιχεῖον/στοιχεῖα e seus derivados intermediado pelo verbo λέγω (dizer) e suas declinações. No capítulo 4 temos a icônica atribuição a Empédocles de ser o primeiro a formular a hipótese dos quatro elementos: “Ἐμπεδοκλῆς μὲν οὖν παρὰ τοὺς πρότερον πρῶτος τὸ τὴν αἰτίαν διελεῖν εἰσήνεγκεν, οὐ μίαν ποιήσας τὴν τῆς κινήσεως ἀρχὴν ἀλλ’ ἐτέρας τε καὶ ἐναντίας, ἔτι δὲ τὰ ὡς ἐν ὕλης εἶδει λεγόμενα στοιχεῖα τέτταρα πρῶτος εἶπεν...” (*Met. A 4*, 985 a29-32).⁴²

Declinado no nominativo/acusativo neutro plural do particípio presente médio, o verbo λέγω ganha a forma presente nesta citação, λεγόμενα. Assim, concordando com στοιχεῖα ele ganha o status de adjetivo e assim temos a expressão “os chamados quatro elementos”. E, como também temos o verbo declinado no aoristo da terceira pessoa do singular, εἶπεν, sabemos que ele está concordando com o Empédocles, sujeito da frase e o responsável por ser o primeiro a afirmar os quatro elementos constitutivos da matéria.

Durante o resto do livro as coisas continuam mais ou menos as mesmas: “...λεγόντων τὰ στοιχεῖα τῆς φύσεως...”(986 b9); “...λέγειν στοιχεῖα...”. Mas ainda há uma pequena passagem que, apesar de nem mesmo citar o termo στοιχεῖον/στοιχεῖα, talvez se mantenha de pé. Justamente a segunda definição de causa, entendida como: “τὴν ὕλην καὶ τὸ ὑποκείμενον” (983 a29-31) “...a matéria e o subjacente...” (983 a29-31).

⁴² “Empédocles, em comparação com os antecessores, foi o primeiro a introduzir distinções de causa, ao conceber o princípio de movimento não como um só, mas como dois, opostos entre si; além disso, foi o primeiro a afirmar que os elementos, que se dizem em forma de matéria, são quatro...” (*Met. A 4*, 985 a29-32).

Apesar de esta não ser uma passagem assertiva de uma identificação deste termo com “elemento”, ela igualmente não deixa clara a distinção entre eles. Pelo contrário, sua amplitude acaba dando espaço para também abarcá-lo, afinal elemento não passa de um material que subjaz. Apesar disto, acreditamos que essa definição é simplista demais para toda a problemática que envolve não só os conceitos de causa e elemento, mas também os de matéria e subjacente.

Também entendemos que essas nomenclaturas possam ser fruto de equívocos, e de fato, Michael J. White em seu capítulo “Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology)” in: *The Cambridge Companion to The Stoics* (2003)⁴³, nota este emaranhado. O capítulo, voltado para a física, inicia com a divisão desta área para os estoicos apresentada por Diógenes Laércio: “A doutrina física dos estoicos divide-se em seções acerca dos corpos, dos princípios, dos elementos, dos deuses, dos limites, do espaço e do vazio.” (D.L. VIII, 132). Esta seria uma categorização mais específica, contrapondo-se a uma mais geral: “Essa é a divisão por espécies, mas existe ainda uma por gêneros composta de três partes: uma trata do cosmos, outra dos elementos e a terceira das causas.” (D.L. VIII, 132). White, por sua vez, identifica esta última categorização com a de Aristóteles expressa na *Física*⁴⁴:

É claro, então, que os estoicos conceberam uma caracterização da física, ou filosofia natural, de modo mais abrangente que a quela de Aristóteles – ou seja, a investigação conceitual da *kinêsis* (movimento e mudança) e de qualquer coisa imbricada na mudança (e.g., magnitude, lugar e tempo)⁴⁵ (2010, p. 125. Tradução nossa).

Segundo Michael J. White (2003), essa menor especificidade da categorização Aristotélica leva a uma confusa distinção entre os significados de ἀρχή e στοιχεῖον, visto serem utilizados como sinônimos, especialmente na análise que Aristóteles faz de seus predecessores e na definição de “elemento” em seu sentido geométrico:

Com respeito ao primeiro, o esquema classificatório ‘específico’, a distinção entre princípios e elementos pode inicialmente parecer confusa, visto que ‘archai’ e ‘stoicheia’ são frequentemente usados como sinônimos – como na frequente caracterização que Aristóteles dá da busca dos filósofos pré-socráticos pelas *archai*

⁴³ WHITE, M. J. Stoic Natural Philosophy (Physics and Cosmology) In: INWOOD, B. (ed.) *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003. pgs. 124-152.

⁴⁴ “Since the science of nature is concerned with magnitudes, change, and time (...)” (III, 4 2020 b30-31)

⁴⁵ “It is thus clear that the Stoics conceived of physics or natural philosophy more broadly than one characterization of it by Aristotle – that is, the conceptual investigation of kinesis ^ (motion or change) and of whatever is implied by change (e.g., magnitude, place, and time).” (2010, p.125).

kai stoicheia e no sentido geométrico de ‘elementos’ (*stoicheia*)⁴⁶. (2010, p. 125. Tradução nossa)

Apesar de não vermos uma semelhança tão evidente entre a caracterização mais geral da física e a que Aristóteles disponibiliza e acreditarmos que acaba sendo forçoso identificar as duas, o que daí se depreende não depende necessariamente disto. Para White (2010) a confusão dos termos é um fato e o que faz ao traçar um paralelo entre as duas concepções da física não passa de uma tentativa de explicar isto. E, sendo uma espécie de ἀρχή⁴⁷, a mesma confusão recai no conceito de αἴτιον. Assim, esta é uma forte evidência a favor da nossa interpretação de *Metafísica A*. Mesmo Diógenes Laércio estabelece uma distinção entre as áreas específicas de estudo dos elementos e das causas, independentemente da especificidade da categorização, o que é reflexo da distinção dos próprios objetos em questão, e acerca disto, os estoicos teriam uma distinção explícita dos termos:

De conformidade com os estoicos, há uma diferença entre princípios [aqui entendidos como sinônimos de causas] e elementos: os princípios não foram gerados e são incorruptíveis, enquanto os elementos se corrompem quando ocorre a conflagração. Além disso os princípios são incorpóreos e informes, enquanto os elementos têm uma forma determinada. (D.L. VIII, 134)⁴⁸

E na análise que Aristóteles faz do pensamento de seus predecessores os significados dos conceitos se nublam justamente porque se referem a corpos que, de acordo com uma interpretação própria, vieram a ser denominados “elementos”. E assim se entende por que ele insere essa discussão no âmbito da teoria das quatro causas e não fixa um termo em específico para se referir a estes corpos na forma como eram concebidos anteriormente.

Assim sendo, para iniciarmos trataremos primeiro do conceito de causa e tudo que comunga para a definição apresentada. Para tanto, utilizaremos, principalmente, o artigo ‘A noção Aristotélica de matéria’, em que Angioni (2007)⁴⁹ apresenta uma grande empreitada de rastrear em Aristóteles uma definição inequívoca de matéria.

⁴⁶ “With respect to the former, ‘specific’ classificatory schema, the distinction between principles and elements may initially seem puzzling since ‘archai’ and ‘stoicheia’ are not infrequently used as synonyms – as in Aristotle’s frequent characterization of the Presocratic philosophers’ quest for archai kai stoicheia and in the geometrical sense of ‘elements’ (stoicheia)” (2010, p. 125)

⁴⁷ “ἰσαχῶς δὲ καὶ τὰ αἴτια λέγεται: πάντα γὰρ τὰ αἴτια ἀρχαί.” (*Met. A* 1,1013 a16-17)

⁴⁸ Como nos informa Michael J. White in: *The cambrige companion to the Stoics* (2003)

⁴⁹ ANGIONI, L. A noção Aristotélica de Matéria. *Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v. 17, n. 1, p. 47-90*

CAPÍTULO 2: O PROBLEMA DA MATÉRIA EM ARISTÓTELES

Antes de iniciarmos, cabe aqui fazermos uma enorme ressalva sobre o texto de Angioni (2007). Seus contributos para o presente trabalho são sem dúvida enormes. Toda sua diligente investigação acerca de uma noção unívoca de ὕλη (matéria) contribui grandemente para as definições que aqui serão apresentadas dos termos “elemento” e “causa material” e sem elas, muito do nosso trabalho seria defasado. Contudo, a respeito da sua concepção de στοιχεῖον, ela se alinha diretamente com a dos comentadores citados na nossa introdução. Apesar disso, acreditamos que seu posicionamento ortodoxo nesse aspecto não influencia grandemente nas suas conclusões acerca do termo “matéria” e sempre que necessário faremos os apontamentos no seu devido momento.

De início, como nos mostra Angioni (2007, p. 47-48), o entendimento da concepção aristotélica de ὕλη (matéria) depende primariamente de um conhecimento dos usos semânticos que o autor faz. E neste aspecto, “matéria” pode ter três tipos de usos: o primeiro, é um uso conotativo, como quando Aristóteles define o termo, por exemplo: “matéria é o constituinte físico de uma substância”; em segundo temos um uso denotativo enquanto se toma um determinado objeto enquanto matéria, como quando se afirma que a madeira é matéria da cama; e por último, um outro uso denotativo, mas, dessa vez, enquanto se toma o objeto designado pelo termo “matéria” enquanto ele mesmo, isto é, em si. A madeira da cama, por exemplo é inflamável em si, enquanto é madeira e toda madeira tem propriedade de combustão, mas não enquanto matéria, visto que não faz parte das propriedades da matéria ser combustível. Enquanto matéria, ela só tem a propriedade a partir da qual se define o que é matéria, isto é, ser constituinte material. Mas é em si, enquanto matéria da cama, que ela tem a propriedade de ser combustível.

Esta noção dos usos de ὕλη ganha respaldo no livro *A da Metafísica*:

É preciso considerar o seguinte: não devemos compreender que se afirme de maneira idêntica *quais coisas* se dizem “umas”, e o *que é o ser para o um* (isto é, qual é a definição dele). De fato, o um se diz desses tantos modos, e há de ser um cada coisa à qual for atribuído [atribuída] algum desses modos; mas o *ser para o um* às vezes será o ser para algum desses modos, às vezes, porém, o ser para outra coisa, que, antes de tudo, se encontra próxima do nome [...] como se, no que concerne a “elemento” e “causa”, fosse preciso dizer reportando-se às coisas ou fornecendo a definição do nome. De fato, de certo modo, é elemento o fogo [...] mas, de certo

modo, não; pois o *ser para o fogo* e o *ser para o elemento* não são idênticos. (*Met.* I 1, 1052 b1-9. Grifos do autor.)⁵⁰

A partir da passagem citada, fica clara a importância que Aristóteles atribui à distinção entre os usos denotativos e conotativos dos termos. Após ter abordado todos os significados conotativos de “um”, bem ao modo do livro Δ, Aristóteles se volta para uma distinção entre este modo de dizer o um, que aborda suas conceituações, e um modo segundo o qual é possível dizer que algo é um. E assim, visto que diversos são os significados do termo, aquilo que pode ser dito um é justamente o que encerra em si as propriedades que correspondem às diversas noções do termo “um”. Sendo o um então definido como: “...o contínuo por natureza, o inteiro, o particular e o universal...” (*Met.* I 1, 1052 a34-35)⁵¹, qualquer coisa cujas propriedades correspondam a uma dessas definições pode validamente ser chamada uma.

A partir disto, o mesmo pode ser afirmado do conceito de στοιχείον, bem como do de αἴτιον (causa). Da mesma forma que “um”, “elemento” tem seus usos conotativo e denotativo. Estando, inclusive, aquilo que é considerado um, no rol dos exemplos de usos denotativos⁵² de στοιχείον apresentados em seu capítulo no Δ, dentre tantos outros: “Por transposição a partir disso, também chamam de elemento aquilo que, sendo um só e pequeno, é útil para várias coisas; por isso, também denomina-se elemento aquilo que é pequeno, simples e indivisível”⁵³ (*Met.* Δ 3, 1014 b3-4).

Aqui, temos um encadeamento de usos conotativos e denotativos. À medida em que o significado conotativo de στοιχείον é “o primeiro constitutivo material indivisível em

⁵⁰“δεῖ δὲ κατανοεῖν ὅτι οὐχ ὡσαύτως ληπτέον λέγεσθαι ποῖά τε ἐν λέγεται, καὶ τί ἐστι τὸ ἐν εἶναι καὶ τίς αὐτοῦ λόγος. Λέγεται μὲν γὰρ τὸ ἐν τοσαυταχῶς, καὶ ἕκαστον ἔσται ἐν τούτων, ᾧ ἂν ὑπάρχη τις τούτων τῶν τρόπων· τὸ δὲ ἐν εἶναι ὅτε μὲν τούτων τινὲ ἔσται, ὅτε δὲ ἄλλω ὃ καὶ μᾶλλον ἐγγὺς τῷ ὀνόματι ἐστι, τῆ δυνάμει δ’ ἐκεῖνα, ὡσπερ καὶ περὶ στοιχείου καὶ αἰτίου εἰ δέοι λέγειν ἐπὶ τε τοῖς πράγμασι διορίζοντα καὶ τοῦ ὀνόματος ὄρον ἀποδιδόντα” (*Met.* I 1, 1052 b1-9).

⁵¹“λέγεται μὲν οὖν τὸ ἐν τοσαυταχῶς, τό τε συνεχὲς φύσει καὶ τὸ ὅλον, καὶ τὸ καθ’ ἕκαστον καὶ τὸ καθόλου” (*Met.* I 1, 1052 a34-35).

⁵² Aqui, ao contrário do que parece pensar Giovanni Reale em sua tradução da *Metafísica*, não acreditamos que a passagem: “καὶ μεταφέροντες δὲ στοιχείον καλοῦσιν ἐντεῦθεν ὃ ἂν ἐν ὄν καὶ μικρὸν ἐπὶ πολλὰ ἢ χρήσιμον, διὸ καὶ τὸ μικρὸν καὶ ἀπλοῦν καὶ ἀδιαίρετον στοιχείον λέγεται... [E, conseqüentemente, por transferência, chamam elemento o que se for um e pequeno...]” (1014b3-4. Tradução nossa.) esteja designando um segundo significado de στοιχείον, muito pelo contrário. O significado é dado no início do capítulo 3 do livro Δ e os objetos identificados na esteira dessa conceituação são apenas exemplos daquilo que satisfaz as condições enunciadas na definição e o termo καὶ indica isto claramente. A tradução de Giovanni Reale nos apresenta a seguinte edição: “Elemento <tem os seguintes significados>. (1) O primeiro componente imanente do qual é constituída uma coisa e que é indivisível em outras espécies [...] (2) Alguns, por transferência, (a) chamam elemento o que, sendo um e pequeno, pode servir a muitas coisas.” (*Met.* Δ 3, 1014 a26-27; 1014 b3-5).

⁵³ Vide nota anterior.

espécie”⁵⁴ qualquer objeto que possa satisfazer a condição de ser “o primeiro constitutivo material” será um elemento. Assim sendo, haja visto que alguns consideram o “um” ou o átomo como um desses objetos (platônicos, pitagóricos e atomistas) também ele pode validamente ser considerado como um elemento.

Mas claro, o que se leva em consideração para estabelecer o um como elemento, ao menos no caso dos platônicos e pitagóricos, não é seu uso denotativo. Afinal, nem todas as coisas que possam satisfazer as condições correspondentes à definição podem ser consideradas como o elemento um. O que está em jogo, neste caso, é, antes de tudo uma concepção conotativa e mais abstrata, segundo a qual, por exemplo, o Um seria a essência das ideias na teoria platônica como entendida por Aristóteles:

Dado que as Formas seriam causas das demais coisas, julgou que os elementos delas seriam elementos de todos os entes. Assim, afirmou que o Grande e o Pequeno são princípios a título de matéria, e que o Um é princípio como essência: de fato, os números se constituiriam dos dois, por participação no Um. Que o Um é essência, e que se denomina Um sem ser outra coisa, dizia de modo similar aos Pitagóricos... (*Met.* A 6, 987 b18-23).

Então, quanto aos termos “um”, “elemento”, “causa” (ou quaisquer outros aos quais a distinção entre denotativo e conotativo pode ser aplicada), depreende-se que quando são usados de forma a apontar um determinado objeto que satisfaz as condições contidas na definição daquele termo, eles assim o fazem de modo accidental⁵⁵. Aquilo que define o fogo não é idêntico ao que define elemento. Segundo Angioni (2007), fogo é: “...um quente e seco...” (p.52), e, sendo “elemento” o primeiro constitutivo material e indivisível em espécie, é apenas por acidente que fogo vem a desempenhar este papel, visto que sua essência não se identifica com a de elemento.

Este é um procedimento que já vemos ser feito por Aristóteles no Δ :

Aquilo que é se diz, por um lado, segundo concomitância e, por outro, em si mesmo. Segundo concomitância, por exemplo, tal como dizemos que “o justo é culto” e que “o homem é culto” e que “o culto é homem”, dizendo nestes casos de maneira similar a quando se diz que “o culto constrói casa” porque sucede como concomitante ao construtor de casa ser culto, ou ao culto ser construtor de casa (pois

⁵⁴ De modo bem simplificado, com propósitos explicativos apenas.

⁵⁵ Usamos aqui esta terminologia por ser mais facilmente identificada com a terminologia própria de Aristóteles. Como veremos, contudo, Angioni prefere o termo “concomitante”. A partir daqui usaremos a nomenclatura própria de Angioni.

isto ser aquilo significa aquilo suceder como concomitante a isto) ...” (Met. Δ 7, 1017 a7-13)⁵⁶.

O mesmo afirma Angioni (2007) citando a *Física*: “Essa distinção entre os casos (a) e (b) corresponde exatamente à distinção que, em *Física I 8* (191b 4-5, 13-15), Aristóteles assinala pela oposição entre as expressões “*hêi auto*” (enquanto tal) e “*kata symbebêkos*” (por concomitância ou por acidente).” (p. 51).

Os termos “elemento” e “fogo”, por exemplo, não são intercambiáveis em toda e qualquer situação. Tampouco o são suas definições. Isto porque, ser um elemento é exercer uma determinada função, a de ser o primeiro constitutivo material indivisível em espécie. Então, aqueles sobre os quais é válido afirmar que são “elemento”, são tais que, além de terem suas propriedades essenciais, ser quente e seco no caso do fogo, segundo Angioni (2007, p.), exercem a função designada na definição de “elemento”.

O que fica claro disso tudo para Lucas Angionni (2007, p.52) é que, apesar de Aristóteles não ter citado explicitamente o termo “matéria”, o mesmo pode ser afirmado dele. O que é um movimento perfeitamente válido, visto que Aristóteles dá margem para uma maior abrangência das aplicações dessas distinções: “É deste modo também a respeito de “causa”, “um” e todos os demais itens desse tipo.” (1052 b14).⁵⁷ E, também, pela óbvia proximidade entre “elemento” e “matéria”.

“Matéria”, em seu uso conotativo, também estabelece uma função que alguns determinados objetos exercem. Não existe, afirma Angioni (2007, p. 54), algo como uma matéria sem propriedades outras que não a de ser matéria. A madeira é, antes de tudo, um objeto dotado de certa natureza e propriedades próprias e só se atualiza enquanto matéria na relação que estabelece com a cama, por exemplo, sendo matéria dela. O termo ὕλη é tal que o sujeito do qual se predica deve estar em uma relação com um objeto para que essa predicação possa ser válida. Neste sentido, ele é um termo correlativo, que só se atribui a um objeto enquanto o mesmo faz parte de uma relação com outro, no caso, a relação de ser seu componente material.

⁵⁶“Τὸ ὄν λέγεται τὸ μὲν κατὰ συμβεβηκὸς τὸ δὲ καθ’ αὐτό, κατὰ συμβεβηκὸς μὲν, οἷον τὸν δίκαιον μουσικὸν εἶναί φαμεν καὶ τὸν ἄνθρωπον μουσικὸν καὶ τὸν μουσικὸν ἄνθρωπον, παραπλησίως λέγοντες ὡσπερὶ τὸν μουσικὸν οἰκοδομεῖν ὅτι συμβέβηκε τῷ οἰκοδόμῳ μουσικῷ εἶναι ἢ τῷ δομεῖν ὅτι συμβέβηκε τῷ οἰκοδόμῳ μουσικῷ εἶναι ἢ τῷ μουσικῷ οἰκοδόμῳ [τὸ γὰρ τότε εἶναι τότε σημαίνει τὸ συμβεβηκέναι τῷδε τότε]” (1017 a7-13)

⁵⁷ “οὕτω καὶ ἐπὶ αἰτίου καὶ ἐνὸς καὶ τῶν τοιούτων ἀπάντων...” (1052 b14).

Ao fazermos a pergunta, nos diz Angioni (2007, p. 56), “a madeira é matéria?”, não é correto responder que sim, tampouco que não. O que se deve é perguntar, em réplica, qual o objeto do qual ela seria matéria. Se da cama, então sim, a madeira é matéria, se do serrote, não, pois justamente por suas características, a madeira não pode exercer a função⁵⁸ que se deve ter em vista quando se constrói um serrote.

Aqui, então, estão em jogo tanto o termo “matéria”, assim como o sujeito do qual ele é predicado, mas também o seu objeto. Só é possível afirmar que algo é matéria de uma determinada coisa, à medida em que esse sujeito consegue corresponder à função para a qual o seu objeto é designado.

E aqui, vale a pena citar o trabalho de Montgomery Furth (1988)⁵⁹, um dos poucos citados por Angioni. Ao abordar alguns princípios de anatomia e fisiologia contidos em Aristóteles, Furth (1988) inicia com o conceito de matéria e sua organização hierárquica para a construção de um indivíduo. Segundo o autor, esta construção passa por estágios, dos quais aqueles que são considerados como anteriores e subjacentes, em relação a um outro, são tidos como matéria. O próximo, por conseguinte, seria a forma. Sendo o estágio anterior existente pelo bem do próximo, e todos existentes pelo bem do indivíduo. E assim continua Furth (1988):

Tal modo de falar, como esse anterior, eu sugeriria, não é tanto teleológico quanto funcional: além dos compostos inorgânicos como o vinho e os desse tipo, que podem ser “o que eles são” *kath' hauta*, a natureza das partes uniformes e não uniformes invariavelmente incluem a capacidade para [desempenhar] um “trabalho”, i.e. uma contribuição específica para a vida do organismo em geral, separado do qual, a parte não mais retém aquela natureza ou “é o que é” exceto por ambiguidade. (FURTH, 1988, p. 84-85. Tradução nossa)⁶⁰

Assim, é necessário que se leve em conta, na constituição material de um objeto, a capacidade que determinado material tem de exercer de fato a função para a qual aquele objeto deve ser construído. No caso de uma parte do organismo humano, ela tem sua natureza baseada exclusivamente em sua função. Um olho que, por ser arrancado, não exerce sua

⁵⁸ Angioni (2007, p. 66) nos diz que o problema que envolve essa necessidade passou a ser chamado de Problema de Ackrill, por ter sido mais bem formulado por J. L. Ackrill (1969, p. 69-70, 74-75).

⁵⁹ FURTH, M. *Substance, form and Psyche: An Aristotelean Metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1988.

⁶⁰ “Such talk as this last, I would suggest, is not so much teleological as it is functional: beyond the inorganic compounds like wine and the like, which can be “what they are” *kath' hauta*, the nature of the uniform and nonuniform parts of animals invariably includes fitness to a “work”, i.e. a specific contribution to the life of the total organism, separated from which the part no longer retains that nature or “is what it is” except by ambiguity” (FURTH, 1988, p.83-84)

função de enxergar, por exemplo, não pode ser dito “olho” a não ser por ambiguidade, de acordo com o que nos diz Furth (1988, p.84-85). Do mesmo modo, a matéria a partir do qual um determinado objeto será construído tem que ser capaz de corresponder à funcionalidade daquele objeto. Assim sendo, nos diz Furth (1988):

Nós sabemos que uma estátua de Sócrates, digamos, pode ser formada a partir de materiais como madeira, mármore, sabão, bronze, neve, argila; enquanto candidatos como azeite, ar [não o elemento], areia seca, vinho, mercúrio, irão infalivelmente frustrar mesmo a mais versada das Causas Eficientes. (FURTH, 1988, p. 85)⁶¹

De tudo isso, talvez se considere claro, então, qual o significado do termo “matéria” e quais os critérios para se afirmar que um objeto é matéria de outro. Contudo, afirmar que o conceito é correlativo e que o sujeito da relação exerce uma função para com o outro não é identificar qual função seria esta. Isto é, ainda resta saber qual a definição aristotélica a partir da qual um item é capaz ou não de exercer sua função enquanto matéria de outro. E, segundo Angioni (2007, p. 57-58), é na *Física* que Aristóteles nos apresenta uma definição mais completa do termo.

Como dito anteriormente, segundo Aristóteles, o devir é um fenômeno observável pelos sentidos. Assim, contra o posicionamento de alguns de seus predecessores, especialmente Parmênides e Melisso, que postulam o uno como princípio e conseqüentemente consideram o movimento uma ilusão, Aristóteles não só rejeita suas teorias como investiga quantos e quais são os princípios responsáveis por este fenômeno. No capítulo 6 da *Física*, como desenvolvimento dessa discussão, Aristóteles toma como exemplo as alterações acidentais e afirma a necessidade de que os princípios sejam três para que essa mudança possa ocorrer. Isto porque, se uma coisa vem a ser outra, como uma pessoa não-musical vem a ser uma musical⁶², é necessário que haja algo de base que comporte essas duas contrariedades e seja palco dessa mudança. Do contrário, não é possível que o culto se torne essencialmente seu contrário, do mesmo modo que não é o quente, mas sim algo que é quente, que se torna

⁶¹ “we know that a statue of Socrates, say, can be formed from such materials as wood, marble, soap, bronze, snow, clay; whereas candidates like olive oil, air, dry sand, wine, mercury will infallibly frustrate even the craftiest of Moving Causes.” (FURTH, 1988, p.85).

⁶² No seu artigo, Angioni (2007) utiliza os termos “culto” e seus derivados para traduzir μουσικός. Essa escolha foi abandonada posteriormente, por conta da relação necessária que se estabelecia entre “culto” e “homem”, visto que apenas ao homem é dado ser culto ou não. Apesar de “não-musical” e “musical” não serem os termos utilizados no artigo, optamos aqui por usar os termos que Angioni viria a usar em suas traduções das *Metafísica* e *Física* de Aristóteles e outros textos seus, visto que o próprio autor evidencia seu equívoco e, justamente por conta de suas considerações, ser mais acertado e útil que assim o façamos desta forma. Para saber mais *vide*: ANGIONI, L. *Introdução à teoria da predicação em Aristóteles*. Campinas: Editora Unicamp, 2006.

frio: “Uma vez que são limitados [os princípios], há alguma razão em não fazê-los apenas dois, pois não se saberia dizer como a densidade naturalmente faria algo da rareza ou como esta faria algo da densidade.” (*Fis.* I 6, 189 a21-23)⁶³.

Assim sendo, é necessário um terceiro princípio a partir do qual os contrários possam ser afirmados e no qual essa mudança deve ocorrer. E para Aristóteles, tal princípio é o que ele denomina de *ὑποκείμενον* (subjacente), com a capacidade de sofrer as afecções proporcionadas pelos contrários sem que com isso sua natureza seja alterada. O que o permite perdurar, enquanto as mudanças dão seguimento.

Seguindo o desenvolvimento da discussão no capítulo 7, como nos informa Angioni (2007) com os intuitos de mostrar que o *ὑποκείμενον* é sempre levado em consideração nas sentenças sobre o devir e de determinar quais os critérios a partir dos quais podemos identificar o subjacente de cada ocorrência específica do fenômeno, Aristóteles apresenta três tipos de enunciados e suas distinções:

Dizemos que uma coisa provém de outra, ou que uma coisa distinta provém de uma coisa distinta, enunciando itens simples ou itens complexos. Quero dizer o seguinte: há “homem vem a ser musical”, há “o não-musical vem a ser musical”, ou “o homem não-musical vem a ser homem musical.”⁶⁴ (*Fis.* I 7, 189 b32-36).

Então temos um esquema com dois enunciados com itens simples e um com item composto. O primeiro destes enunciados, estabelece “homem” como seu sujeito e “musical” como predicado. E apesar de seu sujeito poder ser identificado como o subjacente nessa relação, de ele perdurar durante todo o processo de vir a ser e poder ser identificado no final, não é exatamente ele em si que se modifica. Aquilo que se predica dele na mudança não faz parte de seu ser. Então não é exatamente correto afirmar que o homem vem a ser musical, se não é ele em si que sofre a alteração.

No segundo caso temos: “o não-musical vem a ser musical”. Aqui, de fato, é o sujeito que sofre uma mudança, mas não uma acidental. Há um verdadeiro cessar de existência para que outra coisa, contrária, possa surgir. Então, o sujeito não persiste ao processo e nem se

⁶³ “ἐπεὶ δὲ πεπερασμένα, τὸ μὴ ποιεῖν δύο μόνον ἔχει τινὰ λόγον· ἀπορήσειε γὰρ ἂν τις πῶς ἢ ἡ πυκνότης τὴν μα-
νότητα ποιεῖν τι πέφυκεν ἢ αὐτὴ τὴν πυκνότητα.” (*Fis.* I 6, 189 a21-23).

⁶⁴ “φαμὲν γὰρ γίνεσθαι ἐξ ἄλλου ἄλλο καὶ ἐξ ἑτέρου ἕτερον ἢ τὰ ἀπλᾶ λέγοντες ἢ τὰ ἄλλου ἄλλο καὶ ἐξ ἑτέρου ἕτερον ἢ τὰ ἀπλᾶ λέγοντες ἢ τὰ συγκείμενα. λέγω δὲ τοῦτο ὡδί. ἔστι γὰρ γίνεσθαι ἄνθρωπον μουσικόν, ἔστι δὲ τὸ μὴ μουσικόν γίνεσθαι μουσικόν ἢ τὸν μὴ μουσικὸν ἄνθρωπον ἄνθρωπον μουσικόν.” (*Fis.* I 7, 189 b32-36).

encontra como subjacente no final dele, apesar de ser ele que é de fato o sujeito, não apenas da sentença, mas do processo referenciado.

Por fim, temos o enunciado com itens complexos, “o homem não-musical vem a ser homem musical”. De imediato, como nota Angioni (2007), percebe-se que esta é uma conjunção dos outros dois enunciados anteriores, que une o item que subsiste do primeiro aos itens que sofrem o devir do segundo. Assim sendo, mesmo que a mudança continue ocorrendo apenas em termos de predicados, as nuances convergentes deste enunciado permitem que não se esteja em jogo um cessar de existir, mas uma mudança de fato, durante a qual o sujeito perdura, e que o item que subsiste esteja em primeiro plano como aquele que devém, e não aquilo que dele se predica.

Isto só é possível por causa da natureza dupla que um subjacente tem, independente dos termos que o expressam. O homem, que subjaz na mudança de não-musical para musical é tal que, por um lado, tem uma natureza própria independente de seus predicados musicais, e por outro é tal que, enquanto portador destes predicados, ele muda. Assim, de certa forma, o homem em devir permanece e mantêm-se o mesmo, de outra, muda e apresenta no final desta mudança outras características, mesmo que acidentais:

O subjacente é um em número, mas, pela forma, é dois (pois o homem, o ouro e, em geral, a matéria⁶⁵, são contáveis: são, de fato, um certo isto, e não é por concomitância que provêm deles aquilo que vem a ser, mas a privação e a contrariedade são concomitantes). (*Fis. I 7, 190 b23-27*)⁶⁶.

Assim sendo, mesmo que o termo que designe esse subjacente não expresse essa natureza dupla, como é o caso das primeiras duas sentenças abordadas, é isso que se compreende de modo tácito. Diante disso, Angioni (2007, p. 60) nos relata que os dois primeiros enunciados não passariam de formas compactadas do terceiro, e que só funcionam em um contexto comunicacional porque é subentendido entre os interlocutores o objeto ao qual eles se referem. Assim, mesmo que não se apresente explicitamente um item composto, os itens simples envolvidos compreendem a mesma proposição.

⁶⁵ Aqui Aristóteles antecipa em partes a conclusão de sua definição de matéria e sua relação com “subjacente”, mas, como veremos adiante, essa afirmação é um tanto problemática.

⁶⁶“ἔστι δὲ τὸ μὲν ὑποκείμενον ἀριθμῶ μὲν ἓν, εἶδει δὲ δύο (ὁ μὲν γὰρ ἄνθρωπος καὶ ὁ χρυσὸς καὶ ὅλως ἡ ὕλη ἀριθμητή· τότε γάρ τι μᾶλλον, καὶ οὐ κατὰ συμβεβηκὸς ἐξ αὐτοῦ γίγνεται τὸ γινόμενον· ἡ δὲ στέρησις καὶ ἡ ἐναντίωσις συμβεβηκός)” (*Fis. I 7, 190 b23-27*).

Dessa análise que Aristóteles faz desses enunciados, então, depreende-se duas regras do processo de vir a ser, expressas por Angioni (2007) da seguinte forma:

(A) todo item que vem a ser, a despeito de certas formas ordinárias pelas quais se relata um processo de devir, é sempre um composto, isto é, algo em que se pode discernir ao menos duas coisas distintas; (B) em todo devir, um (ao menos um) dos elementos do composto persiste e subsiste como aquilo pelo que podemos marcar sua identidade durante o processo. (p. 60)

E, advindos da regra (B) e da forma como o subjacente deve se comportar para que possa corretamente ser considerado como tal, três critérios devem ser levados em conta para se determinar aquilo que persiste em uma ocasião de devir: (I) o item deve existir como um objeto dotado de natureza própria antes do fenômeno do vir a ser; (II) ele deve perdurar durante todo o processo, sendo uma de suas propriedades que se alterna, não sua essência; (III) ele deve continuar existindo nos mesmos termos que o critério (I) quando do final do processo.

Assim, como já aventado na citação de *Física I 7*, 190 b23-27, diante desses critérios e caracterizações, é sensato identificar o *ὑποκείμενον* com a *ὕλη*. E, de fato é isso que Aristóteles faz: “... (denomino “matéria” aquilo que primeiramente está subjacente a cada coisa, como elemento imanente de que algo provém não por concomitância) ...”. (*Fís.* I 9, 192 a31-32)⁶⁷. Quando se aplica uma determinada forma ao bronze, por exemplo, fazendo-o se tornar uma estátua de Sócrates, o bronze é aquilo que subjaz para que uma de suas propriedades, a saber o seu formato⁶⁸, sofra o devir e rearranje sua configuração, de modo a representar aquela figura.

Mas o problema que se levanta destas regras e critérios estabelecidos, é que eles determinam apenas o subjacente nos casos em que o processo do devir que se desenrola não diz respeito à substância. Mesmo no caso em que seja o homem o item considerado como

⁶⁷“(λέγω γὰρ ὕλην τὸ πρῶτον ὑποκείμενον ἐκάστω, ἐξ οὗ γίγνεται τι ἐνυπάρχοντος μὴ κατὰ συμβεβηκός)” (*Fís.* I 9, 192 a31-32). Como podemos notar, no original não há a presença do termo *στοιχεῖον*. Em sua tradução, Angioni opta por “elemento” como tradução de *ἐνυπάρχοντος*. O que consideramos uma tradução muito enviesada e que toma “elemento” e “causa material” (ou, até mesmo, apenas “causa”) como termos identificáveis. Pois, apesar de Aristóteles utilizar *ἐνυπάρχοντος* na definição de *στοιχεῖον* em *Δ 3*, 1014 a26, não se pode afirmar que os termos sejam intercambiáveis, mesmo que a descrição feita lembre muito a utilizada na definição. Além disso, esta mesma definição coloca em cena conceitos não só não apresentados na passagem traduzida por Angioni, como também na própria definição de *αἰτία*, como *σύγκειται*, e a expressão *ἀδιαιρέτου τῷ εἶδει εἰς ἕτερον εἶδος*. Este ponto será melhor analisado no próximo capítulo.

⁶⁸ Não confundir com a causa formal, pois esta, no caso citado, se refere à estátua de bronze e não ao bronze em si. Apesar de, segundo o que Aristóteles parece confirmar, também ele fosse uma constituição de matéria e forma: “γίγνεται γὰρ ὡσπερ ἡ χαλκῆ σφαῖρα ἀλλ’ οὐ σφαῖρα οὐδὲ χαλκός, καὶ ἐπὶ χαλκῆ σφαῖρα ἀλλ’ οὐ σφαῖρα οὐδὲ χαλκός, καὶ ἐπὶ χαλκοῦ, εἰ γίγνεται (ἀεὶ γὰρ δεῖ προϋπάρχειν τὴν ὕλην καὶ τὸ εἶδος) (1034 b10-12).

subjacente, por conta da natureza dupla de sua forma, é possível afirmar que sua forma se modifica, afinal o ser, segundo Aristóteles se diz também de modo accidental⁶⁹. E aquilo que se mantém o mesmo e serve de palco para esta mudança é justamente o homem enquanto matéria.

No que diz respeito à geração e à corrupção de fato, como no caso de um ser vivo, os critérios não parecem ser todos seguidos. No caso de animais e plantas, por exemplo, Aristóteles afirma, em Física I 7, 190 b3-5, que ambos são derivados da semente. Neste caso, apesar de ser verdadeiro que a semente satisfaz o critério (I), ela existe dotada de uma natureza própria e antes de ocorrer a mudança, mas não satisfaz os outros dois, afinal, durante o processo, algo completamente diferente surge da semente e ela não subsiste no final do processo da mesma forma em que se encontrava no início dele. Neste caso, ao menos, a semente está mais próxima do conceito de ῥιζώματα, que pode ser muito bem identificado como a causa eficiente de Aristóteles (CROWLEY, 2021, p. 354)⁷⁰. Sendo assim, a semente está mais próxima ao primeiro enunciado a respeito do devir citado anteriormente, isto é, “homem vem a ser musical”. E não enquanto uma forma compacta do enunciado com itens complexos. De modo semelhante, as carnes, ossos e nervos, que facilmente podem ser identificados como as partes materiais do homem⁷¹ satisfazem perfeitamente os critérios (II) e (III), mas não se encontram existentes antes do processo de devir, de acordo com o (I).

Angioni (2007, p. 62) nos informa que este problema tenta ser resolvido por outros autores de duas formas distintas: uma, afirmando a existência da matéria-prima e assim, qualquer mudança que ocorra sempre terá um objeto que subjaz; outra, afirmando que o único critério relevante para se identificar aquilo que subjaz é o (I), ou seja, algo dotado de natureza própria precisa preexistir ao processo. Contra a primeira, já vimos aqui a resposta de Angioni. Como proposta por seus defensores, a matéria prima⁷² é definida como algo completamente abstrato e de natureza puramente potencial, sem propriedade alguma além da de ser matéria:

⁶⁹ A icônica frase: “Τὸ ὄν λέγεται τὸ μὲν κατὰ συμβεβηκὸς τὸ δὲ καθ’ αὐτό, κατὰ συμβεβηκὸς” (*Met.* Δ 7, 1017 a7-8).

⁷⁰ “...the term ῥιζώματα itself suggests something of an organic or botanic vitality, which may indeed evoke the idea of a principle or origin, that from which other things grow...”. CROWLEY, T. J.: Aristotle, Empedocles, and the Reception of the Four Elements Hypothesis. *In*: Brill's Companion to the Reception of Presocratic Natural Philosophy in Later Classical Thought. HARRY, C. C.; HABASH, J. (eds.). Brill: Leiden, 2021. pp. 352-376.

⁷¹ *Metafisica* Z 10, 1035a 18-20.

⁷² *Vide* notas.14 e 15. E, além destes, vale a pena ler o artigo de William Charlton em que ele apresenta um breve desenvolvimento de suas discussões com outros comentadores acerca da temática: CHARLTON, W. Prime Matter: A Rejoinder. *In*: *Phronesis*, vol. 28, no. 2, 1983, pp. 197–211.

A interpretação tradicional da doutrina de Aristóteles sobre a geração e a corrupção é que quando um elemento, e.g. água, se transforma em um outro, e.g. ar, há alguma matéria subjacente que perde a qualidade de frio e adquire sua contrária, calor. Essa matéria subjacente, que persiste durante toda a mudança, não é ela mesma perceptível, nem é qualquer outra coisa de modo atual. Não é água ou ar de modo atual, apesar de ser ambas essas coisas em potência, e, de fato, todas as coisas em potência. Não é corpo, mas o é em potência. Não tem características atuais. Não se enquadra em nenhuma das categorias, substância, quantidade, qualidade etc. Os escolásticos a chamaram “potencialidade pura” e a localizaram no lado oposto ao de Deus na escala do ser, que é pura atualidade. Ela foi geralmente conhecida como ‘prime matter’. (WILLIAMS, C.J.F. 1982, p.211).

Conforme já vimos, para Angioni (2007, p. 54) não existe uma tal coisa como a matéria pura, isto é, algo que não tenha propriedade nenhuma a não ser a de ser matéria. A conclusão à qual os comentadores chegam, parte não só de um equívoco interpretativo, como o próprio C.J.F Williams (1982) nos mostra em sua defesa da *prima matéria*. Em diversas passagens do *De Generatione et Corruptione* que ele cita e problematiza contra o posicionamento de King (1956) e de Charlton (1992), o argumento de fundo é justamente a definição de matéria dada por Aristóteles em passagens como *Metafísica Z 3, 1029 a 20-l*. Pelo que dá a entender, Williams (1982) interpreta tal definição como se a $\psi\lambda\eta$ tivesse uma faceta abstrata e indefinida de fato, quando na verdade, como já vimos, Aristóteles só está descrevendo a função que um determinado objeto tem que realizar para que possa validamente ser chamado de matéria de alguma coisa⁷³.

Outros autores além de Angioni (2007) reconhecem, à sua maneira, o mesmo problema⁷⁴, isto é, a falta de correspondência entre os critérios para se determinar um subjacente quando o processo do devir é o da geração. William Charlton (1992, p.76-77) nos informa que alguns dos leitores que se depararam com essa mesma problemática, encontraram na noção de *prima materia* uma forma de resolvê-la. Contudo Charlton (1992, p.77) não vê a *prima materia* como uma saída razoável que Aristóteles poderia ter adotado. Podemos depreender daquilo que o autor afirma, que aqueles que chegam ao conceito *prima materia* assim o fazem porque interpretam o termo $\psi\pi\kappa\epsilon\acute{\iota}\mu\epsilon\nu\omicron\nu$ com o significado de “aquilo que

⁷³ Apesar disto, C.J.F Williams (1982) não é de todo equivocado, afinal, como ele mesmo diz (p. 211) seu objetivo não é exatamente se inserir na discussão e se posicionar a favor da matéria-prima, mas antes levantar questões e apresentar passagens que podem ser entendidas como evidência de que o próprio Aristóteles defendia a doutrina da *prima materia*. Por isso, ele foca no *De Generatione et Corruptione*, que não é tão visado quanto a *Física* por aqueles contrários à doutrina.

⁷⁴ CHARLTON, W. *Aristotle Physics: Books I and II*. Clarendon Press: Oxford, 1992.; BOSTOCK, D. *Space, time, matter and form: Essay on Aristotle's Physics*. Clarendon Press: Oxford, 2006.

permanece”⁷⁵. Como bem nota Charlton (1992, p.77), contudo, a interpretação mais apropriada é “aquilo que subjaz”, ou, como o próprio Angioni (2007), “subjacente”. Assim, de todo, não haveria geração e corrupção alguma, mas apenas alteração.

E, para além de Charlton, Hugh R. King (1956, p. 370) nos apresenta a doutrina da *prima materia* como um equívoco de interpretação da teoria aristotélica da forma, e que não apenas foi há muito ultrapassada como jaz morta e ignóbil na história do pensamento filosófico, ao ponto de King considerar o seu trabalho no artigo o de exumar este corpo com o intuito de rastrear a falta de correspondência dessa concepção na bibliografia aristotélica e a desvincular da imagem do filósofo. E para tanto, vários são os argumentos apresentados, mas, dentre eles, aquele que consideramos ser o principal, que demonstra toda a inverossimilhança de se atribuir tal doutrina ao pensamento de Aristóteles, é apresentado logo no início do artigo:

Pois, à medida em que uma coisa tem alguma característica reconhecível, capaz de ser analisada e, conseqüentemente, apresentar em um discurso alguma característica universal, ela é ipso facto informada: e, à medida em que é informada, é um “isto”, uma substância, e não *prima materia*. (KING, 1956, p. 370. Tradução nossa)⁷⁶.

Além dessa, como já afirmado, há uma segunda forma de resolver o problema acerca dos critérios e do devir enquanto geração, que é ignorar os dois últimos critérios e considerar o subjacente como algo mais próximo ao conceito de *ρίζώματα* ou causa eficiente. Ou seja, não é necessária a manutenção de um determinado objeto que seja palco dos processos do devir, mas apenas algo que dê início a eles, seja aquilo a partir do qual algo vem a ser. E, novamente, esta concepção advém de uma interpretação, não equivocada, mas parcial da expressão *ἐξ ὧν ἐνυπάρχοντος*.

Segundo Angioni (2007, p. 63), aqueles que defendem esta forma de resolver o problema⁷⁷ se apoiam numa interpretação diacrônica e não sincrônica da expressão. Eles afirmam que o real significado dela é “aquilo a partir do qual”. Assim, o sujeito ao qual tal propriedade é atribuída não tem a necessidade de permanecer durante o processo de vir a ser,

⁷⁵ “I shall say more about prime matter below, but for the moment we may notice that Aristotle does not say that anything remains, but only that something underlies, in cases of coming into existence...” (CHARLTON, 1992, p.77).

⁷⁶ “For in so far as anything has some recognizable character, capable of analysis and therefore exhibiting in discourse some universal characteristic, it is *ipso facto* informed; and in so far as it is informed it is a “this,” a substance, and hence not *prima materia*.” (KING, 1956, p. 370)

⁷⁷ Este é o caso de Charlton (1992, p. 77), como vimos agora a pouco, que chega à conclusão de que para Aristóteles não haveria geração e corrupção de fato, mas apenas alteração.

mas apenas ser o ponto inicial dele, aquilo a partir do qual o fenômeno se inicia, tal como as plantas ou os animais vêm de uma semente.

Contra isso, Angioni (2007, p. 63) afirma que a expressão só poderia ser entendida desta forma se não houvesse nela a presença do ἐνυπάρχοντος. A conjunção ἐξ οὗ é formada, respectivamente, por uma preposição que tem um sentido de movimento, mudança e distinção, algo como se dissociar, por meio de um desenvolvimento temporal, como alguém não-musical vir a ser musical; e por um advérbio de lugar, geralmente traduzido por “onde”. Com isso, não parece equivocado traduzir a expressão por “a partir do qual”. Mas ἐνυπάρχοντος é um substantivo cujo radical ὑπάρχω vem acompanhado da preposição ἐν, que dá ao substantivo um significado como “estar presente”. Assim, a expressão, tomada como um todo não deve desconsiderar sua faceta sincrônica. Ela não designa apenas aquilo a partir do qual algo vem a ser, mas aquilo a partir do qual algo vem a ser como seu constituinte.

De forma semelhante, David Bostock (2006, p. 31) afirma que quando Aristóteles se vale de uma expressão tal como “X subjaz a Y” em seus trabalhos de física, ele tem em vista não só o aspecto de princípio do movimento, a partir do qual algo vem a ser, mas também o de constituinte subjacente:

Nas obras de lógica, dizer que X subjaz a Y é dizer que X é o sujeito do qual Y é predicado. Em uma mudança accidental, o que persiste também subjaz apenas neste sentido [...] Mas nas obras de física a frase também tem outro sentido, pois o que subjaz Y deve também ser identificado com aquilo a partir do qual Y vem a ser, o que significa que Y é feito a partir de ou o que Y é feito de. Nos exemplos favoritos de Aristóteles, os dois significados coincidem, e ele não os distingue com frequência. (BOSTOCK, 2006, p. 31. Tradução nossa).⁷⁸

Como é possível notar, a problemática não é pequena e mostra todo o emaranhado que é lidar com a questão do conceito de matéria em Aristóteles. Ambas as tentativas de resolver o problema dos critérios de identificação do subjacente têm suas contribuições para a interpretação da teoria aristotélica, mas também têm seus próprios e diversos problemas. Mas, ao menos em um ponto, todos eles concordam: uma substância, sujeita aos processos de geração e corrupção, é um composto de matéria e forma, sendo aquele o subjacente ao qual uma determinada forma advém.

⁷⁸ “In the Logical Works, to say that X underlies Y is just to say that X is the subject of which Y is predicated. In a change of accidents, what persists also underlies in just this sense [...] But in the Physical Works the phrase also has another sense, for what underlies Y may also be identified with what Y is ‘out of’ (k), which means either what Y is made from or what Y is made of. In Aristotle’s favourite examples the two meanings coincide, and he does not often distinguish between them.” (BOSTOCK, 2006, p.31)

Mas além destes, um outro aspecto, poucas vezes comentado por esses autores, é lembrado por Angioni (2007, p. 64), o de que a matéria não apenas preexiste e subsiste durante e depois do processo de devir, mas também é a ela que a substância se reduz quando de sua corrupção. Assim, ele atenta para o fato de que os três critérios apresentados não são suficientes. Afinal, é preciso também que aquilo que subjaz assim o faça mesmo após a redução da substância que compõe. Ou seja, é preciso que quando uma substância deixe de existir, aquilo que dela permaneça seja a matéria da qual era constituída enquanto existia. Assim, Angioni (*idem*) se recusa a aceitar as duas formas de se resolver o problema e inicia o tratamento da sua própria teoria.

Primeiramente, é preciso reformular os critérios. O processo de geração e corrupção são os dois processos de devir que têm como sujeito a substância. Então, ambos devem estar contemplados nos critérios que definem o subjacente para esses dois fenômenos. Além disso, durante a existência da substância, nos informa Angioni (2007, p. 65), é perfeitamente possível que seu subjacente exista de maneira meramente potencial, segundo Aristóteles. Explicando sua teoria da mistura no *De Generatione et Corruptione*⁷⁹ o filósofo afirma que o subjacente material de um processo de geração, quando são misturados para que disso algo possa vir a ser, existe de modo apenas potencial.

No estágio anterior ao processo de geração, aquilo que será misturado existe de modo atual e separado um do outro. Mas quando se concretiza o processo da sua mistura, o que existe de modo atual é apenas aquilo que veio a ser a partir desse processo. Os materiais misturados não existem mais de modo atual, apesar de ainda existirem, pois persistem de maneira potencial. O que significa que, quando aquilo que veio a ser a partir desse processo deixar de existir, é àqueles materiais que ele se reduzirá, novamente individuados e inalterados.

A partir disto, Angioni (2007, p.64-65) reformula os critérios baseado nos cinco estágios pelos quais o subjacente passa durando os processos do devir substancial, que são: a existência prévia e durante o processo de vir a ser, a existência durante e depois do processo de corrupção e a existência entre o período da consumação do vir a ser da substância e o início de sua corrupção. Com base nisto os critérios acertados para se julgar um subjacente material seriam tais: (I) o subjacente deve existir como um objeto dotado de natureza própria antes do fenômeno da geração; (II) ele deve continuar existindo nos mesmos termos que o

⁷⁹ I 10, 327 b22-31

critério (I) quando do final do processo de corrupção; (III) ele deve perdurar enquanto material constituinte de modo atual ou potencial durante todo o período de existência da substância.

Isso não significa, contudo, que tudo aquilo que possa ser dito “matéria de X” deva corresponder a estes três critérios. Como vimos anteriormente, Aristóteles afirma como matéria dos animais as carnes, ossos e nervos que compõem sua estrutura orgânica, nenhum deles, contudo, satisfaz o primeiro e o segundo critério, visto que não existem antes do organismo animal que compõem, nem continuam existindo depois que ele deixa de existir. Mesmo que algum desses itens permaneça após o animal em si perecer, como também já vimos, cada um deles tem sua natureza baseada na função que exercem. Sendo assim, não é possível afirmar que eles continuam existindo mesmo sem exercer a função que os define, a não ser por homonímia.

E, segundo afirma Angioni (2007, p.69), nos livros da *Física*, não há incongruência nenhuma quanto aos critérios e à forma como define a matéria ou a considera na definição de φύσις: “Alguns reputam que a natureza e a essência dos entes naturais seria aquilo que, desarranjado em si mesmo, está primeiramente inerente em cada um, por exemplo, de uma cama, seria natureza a madeira e, de uma estátua, o bronze...” (*Fis.* II 1, 193 a9-12)⁸⁰. E ainda: “Assim, de certa maneira, denomina-se natureza a primeira matéria que subjaz a cada um dos que possuem em si mesmos princípio de movimento ou mudança...” (*idem*, 193 a28-30)⁸¹. Apesar de todas as objeções que estas passagens possam receber, é evidente que na *Física* Aristóteles afirma um conceito de matéria coeso e que satisfaz os três critérios de identificação de um subjacente. Afinal, se a matéria é princípio de movimento e mudança, ela não só existe previamente à substância que dela se forma, como também é o motivo pelo qual tal substância vem a ser.

As coisas mudam um pouco de figura, contudo, na *Metafísica*, principalmente no livro H, quando Aristóteles se pronuncia acerca da substância composta e afirma que sua essência é, por um lado, matéria, por outro, forma e, além destes, a junção de ambos, como o sínolo. De antemão, esta parece ser uma definição condizente com os critérios estabelecidos, afinal, afirma que a matéria permanece durante todo o período de existência da substância. Além

⁸⁰“δοκεῖ δ’ ἡ φύσις καὶ ἡ οὐσία τῶν φύσει ὄντων ἐνίοις εἶναι τὸ πρῶτον ἐνυπάρχον ἐκάστω, ἀρρυθμιστον <ὄν> καθ’ ἑαυτό, οἷον κλίνης φύσις τὸ ξύλον, ἀνδριάντος δ’ ὁ χαλκός” (*Fis.* II 1, 193 a9-12).

⁸¹ ἔνα μὲν οὖν τρόπον οὕτως ἡ φύσις λέγεται, ἡ πρώτη ἐκάστω ὑποκειμένη ὕλη τῶν ἐχόντων ἐν αὐτοῖς ἀρχὴν κινήσεως καὶ μεταβολῆς...” (*Fis.* II 1, 193 a28-30).

disso, como aqui a referência à matéria e à forma parece envolver também o conceito de causa, os outros dois critérios parecem também ser satisfeitos⁸². Mas os problemas começam a se manifestar quando, especificando qual seria a matéria dessa substância composta, afirma: “E é preciso relatar as causas mais próximas. Qual é a matéria? Não fogo, ou terra, mas sim aquela que é própria.” (*Met.* H 4, 1044 b1-3)⁸³.

O argumento que está envolvido por trás dessa última passagem é que a matéria própria de uma determinada coisa, por exemplo, é mais relevante para explicar sua essência do que a matéria geral de todas as substâncias compostas, como fogo, ar, água e terra. Assim sendo, percebe-se que alguns outros conceitos entram em jogo na conceituação de matéria. O conceito não é apenas correlativo, como havíamos exposto, mas também transitivo. O que estabelece a função de subjacente material de uma determinada substância são vários objetos que podem ser diferentes de acordo com o aspecto dessa substância que esteja em foco.

Assim, os quatro elementos são o subjacente material de diversas coisas, satisfazem perfeitamente todos os três critérios, são responsáveis pela geração e corrupção destes objetos, mas não são suficientes para a explicação acerca da essência de um determinado objeto sensível. Para fins explanatórios, o que se deve levar em consideração não são os instantes em que uma substância é gerada ou corrompida, mas sim o período entre estes, em que ela existe enquanto substância atual e o material subjacente envolvido nos outros dois momentos existem apenas de modo potencial. Afinal, como diria Aristóteles: “...afirmamos conhecer cada coisa precisamente quando julgamos discernir sua causa primeira...” (*Met.* A 3, 983 a25-26)⁸⁴. E por “primeira” Aristóteles não está aqui se referindo à causa primordial, como se poderia considerar os elementos, mas sim à causa imediatamente próxima à substância.

Como dito anteriormente, Furth (1988, p. 84-85) afirma uma complexidade do conceito de matéria segundo a qual um organismo tem diversos estágios de composição, sendo um estágio anterior tido como matéria do próximo. No caso do homem, por exemplo, sua estrutura organizacional, como afirma Angioni (2007) se divide em 4 estágios: “(1) o

⁸² Este é um procedimento que não vemos Angioni (2007, p.69) adotar. Ele parece considerar evidente que aqui Aristóteles se refere à matéria no sentido que havíamos exposto logo acima, como princípio do vir a ser. Mas, na passagem Aristóteles não se refere a *αἰτία* e fica mais coerente, por enquanto, que não interpretemos a presente referência à matéria desta forma. Não só para o pensamento Aristotélico, mas para o de Angioni também. Mesmo que possamos identificar o conceito de matéria aqui identificado com o de causa, não é enquanto início de uma mudança, mas sim como princípio explicativo, como veremos a seguir.

⁸³ “τίς ἢ ὕλη; μή πῦρ ἢ γῆν ἀλλὰ τὴν ἴδιον.” (*Met.* H 4, 1044 b1-3).

⁸⁴ “...τότε γὰρ εἰδέναι φαμὲν ἕκαστον, ὅταν τὴν πρώτην αἰτίαν οἰώμεθα γνωρίζειν...” (*Met.* A 3, 983 a25-26).

organismo em seu todo, definido por um complexo de funções vitais; (2) as partes orgânicas (mãos, olhos, dedos, membros, etc.); (3) as partes homeômeras (sangue, nervos, carne, ossos, etc.); (4) os quatro elementos: fogo, ar, água e terra...”. (p. 70-71). E, continua Angioni, Aristóteles se refere a “matéria do homem” e “matéria” em geral de forma muito mais abrangente e concordante com essa hierarquização do organismo. E quando afirma que a matéria do homem são a carne, seus ossos e nervos, ele tem vista a premência explicativa que esse estágio material tem em relação aos quatro elementos, assim como afirma Furth:

...é claro que, falando de matéria no presente contexto teórico, não se pode afirmar que Aristóteles esteja significando tipo simples de coisa que nós familiarmente compreendemos, pedaços de pedra, quantidades de Água ou Terra. -Antes, dependendo do contexto, a matéria relevante deve ser, ou incluir algo tão complicado e altamente organizado como um sistema orgânico completo... (FURTH, 1988, p. 87. Tradução nossa)⁸⁵.

A licenciosidade com que Aristóteles trabalha o termo matéria, principalmente na *Metafísica*⁸⁶, não poderia ser alcançada se a matéria fosse estabelecida com base apenas nos três critérios para se determinar o subjacente. Não se deve afirmar, contudo, que o conceito de matéria em Aristóteles tem duas definições distintas e irreconciliáveis, uma apresentada na *Física* e outra completamente diferente na *Metafísica*. A diferença que se estabelece entre uma e outra forma de se referir à matéria de um objeto não é uma diferença conceitual, mas sim de interesses, como afirma Angioni (2008, p.72).

Quando se está considerando a substância em seus aspectos e propriedades próprias, a sua geração e corrupção e todos os aspectos envolvidos nos processos em si não são relevantes para explicar o que uma determinada substância é em suas propriedades essenciais. Dentro deste contexto, o foco não deve ser o subjacente material dos processos do devir, mas sim o subjacente mais próximo e atual daquela substância. Assim, neste contexto específico, a perspectiva diacrônica segunda a qual se pode analisar a geração e corrupção de uma substância deve ser desconsiderada. Isto porque em nenhum desses momentos a substância existe de fato. Antes e depois de vir a ser, ela não passa de uma matéria não informada.

⁸⁵ “...it is clear that in speaking of "matter" in the present theoretical context, Aristotle can no longer be counted upon to mean the simple sort of thing we familiarly understand, lumps of rock, quantities of Water or Earth. - Rather, depending on the context the relevant "matter" may be, or include, something as complicated and highly organized as a complete organic system...” (FURTH, 1988, p. 87).

⁸⁶ Na nota 31 de seu artigo, localizada na página 71, Angioni nos apresenta um apanhado de passagens nas quais Aristóteles usa o conceito de matéria para se referir a todos os estágios, e suas relações entre si, da estruturação hierárquica de um organismo. E não só na *Metafísica*.

Essa diferença contextual entre o que é relevante nos processos de geração e corrupção e o que é relevante para se definir uma substância composta em suas propriedades essenciais parece não ser tão clara na *Metafísica*, haja visto que Aristóteles utiliza os casos de artefatos materiais como exemplo explicativo de ambos. Como afirmado na *Física* (1, 184 a 16-18)⁸⁷, para se proceder uma investigação acerca dos princípios é preciso antes partir do que é mais conhecível a nós, por ser sensível, e então ir gradativamente ao que é mais conhecível por si. Então não é incomum que por vezes Aristóteles utilize coisas como a estátua de bronze para ilustrar não só a questão acerca da necessidade ou não de se considerar a matéria como um aspecto relevante para se levar em conta na definição de uma tal substância, mas também nos casos em que se tenta explicar os processos do devir substancial.

No caso em que se tem em vista outros artefatos materiais, essa exemplificação pode ser muito bem-sucedida, afinal neles, a matéria próxima, que constitui e subjaz atualmente ao objeto que se forma, corresponde perfeitamente aos três critérios. O bronze da estátua é tanto responsável pela sua geração e corrupção quanto a subjaz atualmente no período de sua existência. Isto não significa, claro, que o bronze não tenha, ele mesmo, uma matéria, como os quatro elementos, e de certa forma, estes também são matéria da estátua de bronze. Contudo, aquilo que tem mais capacidade explanatória acerca da essência de uma estátua de bronze é, redundantemente, o bronze.

No caso de seres vivos, como o homem, outros animais e plantas, o cenário é completamente diferente. Isto porque a matéria próxima que o constitui e tem precedência explicativa, não é responsável pelo processo de vir a ser, visto que não existe previamente. Assim, há uma distinção quase que exclusiva entre a matéria deles em seus momentos antes e depois dos fenômenos do devir, e o período entre eles, quando a substância existe de fato. Pois, apesar de ser possível afirmar que os quatro elementos ainda existam e continuem subjacentes à substância, eles só o são de modo potencial.

Então, afirma Angioni (2007, p.75) é preciso reformular a pergunta “X é matéria?”. Em resposta deve-se perguntar não apenas “matéria de quê?”, mas também “sob qual ponto de vista?”. E aqueles que criticam Aristóteles, afirmando que o mesmo teria por vezes confundido os diferentes pontos de vistas sob os quais alguma coisa pode ser afirmada como

⁸⁷ “πέφυκε δὲ ἐκ τῶν γνωριμωτέρων ἡμῖν ἢ ὁδὸς καὶ σαφεστέρων ἐπὶ τὰ σαφέστερα τῆ φύσει καὶ γνωριμώτερα· οὐ γὰρ ταῦτ᾽ ἡμῖν τε γνῶριμα καὶ ἀπλῶς.” (*Fís.* I 1, 184 a16-18)

matéria de uma substância e os reduzido a apenas um, na verdade não percebem esta distinção de perspectiva e tentam atribuir à matéria da substância características próprias da matéria dos processos do devir.

Contudo, nos relata Angioni (2007, p. 75) há ainda aqueles que atribuem a Aristóteles uma incongruência em seu posicionamento, afirmando que ele teria defendido que a matéria não poderia ser levada em conta na definição de uma determinada substância já que ela seria contingente⁸⁸. Segundo afirmam, em *Metafísica Z 10*, Aristóteles teria defendido a contingência da matéria e, portanto, um conhecimento científico a respeito dela não é passível de ser alcançado, e, conseqüentemente, também não pode ser incluída em uma definição. De fato, Aristóteles, em determinado momento, afirma a maior relevância da forma perante a matéria quando da definição de uma substância:

Dado que há matéria, forma e o composto delas, e dado que é essência tanto a matéria como a forma e também o composto delas, de certo modo, a matéria se diz parte de alguma essência, mas, de outro modo, se diz ser parte da essência não a matéria, mas aquilo de que se constitui a definição da forma. (*Met. Z 10*, 1035 a1-4)⁸⁹.

Isto se deve, segundo aqueles comentadores, como nos relata Angioni (2007, p.75-76), ao fato de a matéria, enquanto responsável pela geração e pela corrupção de uma substância, de certo modo ser e não ser, ou, ao menos, não ser sempre do mesmo modo. E de fato, como vimos anteriormente, enquanto perdura a existência da substância, o subjacente dos processos do devir existe apenas em potência. Sendo assim, a própria matéria não seria passível de definição, já que seu ser não é estável e, portanto, tampouco seria passível de constituir uma das noções envolvidas na definição da substância que geraria. Como expresso por Angioni, o argumento seria o seguinte:

(1) o contingente não pode ser cientificamente conhecido; (2) a matéria é contingente; ∴ (3) a matéria não pode ser cientificamente conhecida [...] (4) definições e demonstrações são conhecimento científico; (5) = (3) a matéria não pode ser cientificamente conhecida; ∴ (6) A matéria não se presta a procedimentos definitórios e demonstrativos. Se a matéria não é suscetível de definição, conclui-se que ipso facto ela não pode ser incluída na definição de uma substância composta, pois os elementos mencionados em uma definição devem ser eles mesmos suscetíveis de definição (ANGIONI, 2007, p.76)

⁸⁸ Aqui, Angioni (2007, p.75-76) não cita quais seriam estes comentadores, tampouco as passagens exatas que interpretam dessa forma. Portanto, aqui seguiremos o texto de Angioni bem de perto.

⁸⁹ “εἰ οὖν ἐστὶ τὸ μὲν ὕλη τὸ δὲ εἶδος τὸ δ’ ἐκ τούτων, καὶ οὐσία ἢ τε ὕλη καὶ τὸ εἶδος καὶ τὸ ἐκ τούτων, ἔστι μὲν ὧς καὶ ἡ ὕλη μέρος τινὸς λέγεται, ἔστι δ’ ὧς οὐ, ἀλλ’ ἐξ ὧν ὁ τοῦ εἶδους λόγος.” (*Met. Z 10*, 1035 a1-4)

Apesar de este argumento ser formalmente válido, reconhece Angioni (2007, p.76), ele encerra um equívoco em sua base. Na premissa (2), a matéria tida como contingente não é a matéria próxima da substância. Ou seja, não é a matéria relevante para se considerar a substância em sua essência, mas sim a matéria dos processos do devir pelos quais a substância passa em seu desenvolvimento. E, além disso, o sentido segundo o qual tal matéria é contingente não é em si, mas enquanto matéria da substância. Como já afirmamos, não existe matéria tal que seja definida apenas em sua função de matéria de algo. Em si, ela é algo próprio, individuado, dotado de propriedades próprias e à parte da função que exerce. Sua contingência se refere apenas à relação que ela estabelece com a substância à qual subjaz. Afinal, também esta tem suas características próprias e à parte daquela matéria que principiou sua existência, e para a qual concorre um outro subjacente material.

Não é possível, então, afirmar que a matéria é contingente, mas sim sua relação com o item ao qual subjaz, porque não faz parte da essência de tal item ser matéria de qualquer substância. Mas mesmo neste aspecto, a matéria do devir ser contingente não significa que qualquer outro material poderia ser selecionado para exercer a sua função. No âmbito de uma substância como a casa, por exemplo, é necessário que a matéria que a subjaz seja tal que corresponda à altura para as funções que se leva em consideração quando da definição de uma casa. Isto é, os materiais que a constituem precisam ser tais e tais para que de fato se construa uma casa. Mesmo que vários materiais possam ser usados para construir uma casa, (como é possível encontrarmos casas de madeira, ou pedra) é necessário que eles, por mais diversos que sejam, tenham uma certa solidez capaz de manter uma casa de pé em condições normais. O mesmo pode ser afirmado para um organismo vivo. Se a constituição material de um animal, como um peixe, não fosse tal que correspondesse à altura sua capacidade de nadar, ele nem poderia ser considerado um peixe de fato.

O mesmo também pode ser dito dos elementos. Mesmo que eles não sejam tão relevantes para explicar a essência de uma determinada substância, eles ainda o são para explicar a geração e corrupção do mundo físico como um todo. Heráclito não escolheu o fogo como princípio de tudo por puro acaso ou gosto. Ele viu no fogo propriedades essenciais que não só determinavam o seu ser, mas explicavam o funcionamento de todo o resto do mundo físico e além⁹⁰. E, sendo a substância um composto de forma e matéria, mesmo nesse aspecto

⁹⁰ Este ponto será retomado e ampliado a Aristóteles no capítulo 4.

não se pode falar de contingência de modo geral, mas apenas a respeito da correlação que se estabelece entre matéria e substância. Pois, apesar de ser necessário que a matéria de uma determinada substância seja tal que corresponda à função dessa substância, esta matéria não tem como sua propriedade essencial ser o subjacente desta substância, nem se define a partir dela.

Portanto, a conclusão (3) citada acima, de que a matéria não é cientificamente conhecida, é falsa, pois tem como uma de suas premissas a contingência da matéria. E, como vimos aqui, a matéria não é de todo contingente, tampouco em si, mas em sua propriedade concomitante, *stricto senso*, de ser matéria de uma substância.

De tudo que foi afirmado aqui, conclui-se que ὄλη é um termo com duas concepções, sim. Contudo, isto não significa que essas duas concepções sejam completamente distintas e irreconciliáveis. Na verdade, ambas têm um critério de identidade em comum, a saber, subjazer de modo atual ou potencial à substância em todo seu período de existência. E, como visto, tanto a matéria dos processos do devir, como a matéria próxima da substância, que tem maior teor explicativo, satisfazem este critério, e, portanto, figuram como duas facetas materiais de uma mesma substância.

CAPÍTULO 3: ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ Ε CAUSA MATERIAL, UMA DEFINIÇÃO

3.1: CRÍTICA A ANGIONI

Apesar de sua grande contribuição para a noção de matéria no pensamento aristotélico e para a defesa da tese presentemente tratada, temos algumas discordâncias com o pensamento de Angioni (2007) à medida em que ele revela sua concordância com a identificação entre στοιχείον e “causa material” em diversos momentos de seu artigo. Algo que devemos aqui notar, como prometido no início do capítulo anterior.

Primeiramente, em sua interpretação, Angioni (2007, p.55) reproduz o mesmo tipo de argumentação que Jonathan Barnes e R. J. Hankinson dão no compêndio *Aristóteles* da Cambridge (2009), ou seja, atribui aos elementos um status semelhante ao de causa material, afirmando que, assim como o bronze recebe uma forma para que se gere a estátua, fogo, terra,

água e ar também recebem uma espécie de forma quando se misturam em determinadas proporções:

Mas, considerado em si mesmo, o item que recebe a designação de “matéria” é ele próprio uma coisa dotada de uma forma, de um conjunto de propriedades e disposições próprias – e isso é verdade mesmo para os quatro elementos. O bronze, por exemplo, pode ser designado como “matéria da estátua”, mas, considerado em si mesmo, o bronze é algo dotado de uma forma própria, da qual seriam matéria elementos situados em um nível inferior, como cobre, estanho ou, em última instância, terra, água, ar e fogo. (ANGIONI, 2007, p.55).

E esta interpretação, como já vimos no caso de E. S. Foster⁹¹ e mesmo a respeito de Angioni⁹², acaba influenciando diretamente nas suas escolhas de tradução. Como vimos acima, essa é a forma como ele traduz a passagem 192 a31-32: “... (denomino “matéria” aquilo que primeiramente está subjacente a cada coisa, como elemento imanente de que algo provém não por concomitância) ...”. (*Fís.* I 9, 192 a31-32). A passagem em seu original, contudo, é a seguinte: “(λέγω γὰρ ὕλην τὸ πρῶτον ὑποκείμενον ἐκάστῳ, ἐξ οὗ γίγνεται τι ἐνυπάρχοντος μὴ κατὰ συμβεβηκός)” (*Fís.* I 9, 192 a31-32).

Aqui, “elemento imanente de que algo provém” é a escolha de Angioni (2009)⁹³ para se traduzir ἐνυπάρχοντος. E isto implica em algumas dificuldades de conceituação. Obviamente, como já vimos no capítulo anterior, o termo grego ἐνυπάρχοντος se refere a um objeto responsável pela geração e constituição imanente de um outro item. E, como expresso por Angioni (2007), essa é a função dos elementos, que explicam o desenvolvimento diacrônico de uma determinada substância e a subjazem de modo potencial. Contudo, optar por “elemento” é restringir a pluralidade do conceito de matéria que o próprio Angioni está defendendo. Além disso, como vimos na nota 54, o termo “concomitante” faz as vezes do tradicional “acidental”, como oposto de “essencial” no escopo da tradução de Angioni. Assim, não é equivocado afirmar que temos em *Física* 192 a31-32, uma afirmação acerca da matéria próxima de uma substância e não acerca dos elementos, visto que o status de essencial aqui levado em conta se estabelece na relação desta com a substância que subjaz⁹⁴.

⁹¹ Vide n.24

⁹² Vide n.65

⁹³ ARISTÓTELES. *Física I-II*. ANGIONI, L. (trad.). Campinas: Unicamp. 2009.

⁹⁴ Nós temos total noção do uso lato que Angioni faz do termo no artigo de 2007, que corrobora também o uso que por vezes Aristóteles faz do termo. Não podemos esquecer, contudo, que no caso de uma tradução, essa abrangência e informalidade não é adotada, e cada conceito tem um significado próprio e estabelecido por trás. Quando escolhe “elemento imanente de que algo provém não por concomitância” para traduzir ἐνυπάρχοντος,

Isto se deve, em grande parte, à forma como Furth (1988) pensa a respeito da hierarquização da matéria. Como vimos, na estruturação de um indivíduo, seja um ser vivo ou não, os estágios anteriores são sempre considerados matéria daquele que vem a seguir, todo estágio anterior sendo estabelecido em vista do próximo e todos sendo estabelecidos em vista do indivíduo, a substância. A partir disso, Furth (1988) se coloca na esteira daqueles que identificam na mistura dos elementos uma espécie de forma, e de fato ele nos diz: “*Mixis* ou *krasis* já é uma espécie rudimentar de “forma”” (FURTH, 1988, p.84, nota 2)⁹⁵.

Ao contrário desses que enxergam nos elementos uma semelhança com a causa material, visto que também eles recebem forma e assim se origine os objetos físicos sensíveis, afirmamos que justamente isto deveria ser um atestado da diferença entre “elemento” e “causa material”. Pois, quando se afirma que os elementos são misturados em determinadas proporções e estas são um tipo de causa formal primordial, o que se está dizendo é que o objeto que surge dessa mistura é um composto de matéria e forma. E como os elementos são os constituintes básicos do mundo físico, afirmar que o objeto que surge da mistura dos elementos é um composto de matéria e forma significa dizer que os objetos materiais sensíveis em sua generalidade é que são dotados de matéria e forma, não os elementos. Esta crítica independe de quais seriam de fato os elementos que Aristóteles teria postulado, mas contra aqueles que afirmam que os quatro corpos simples, fogo, terra, água e ar são, na verdade, compostos, reiteramos as conclusões de T. J. Crowley (2013) expostas no capítulo 1.

Apesar de relevante para a explanação que Angioni (2007) faz acerca das dificuldades de se compreender “matéria” em Aristóteles, consideramos essa opinião de Furth (1998) basilar para uma noção unívoca do significado de matéria. Ao se considerar o estágio elemental de um indivíduo como matéria de modo semelhante à matéria próxima de uma substância, coloca-se ambos em um mesmo status conceitual. Os elementos são uma matéria mais primordial, que recebem um tipo primordial de forma, do mesmo modo que a matéria próxima e a forma de uma substância em ato. O que vai de encontro completamente com a defesa que Angioni (2007) faz em seu artigo de uma concepção dupla de “matéria”. Obviamente, como afirmamos, essa duplicidade do conceito não implica uma exclusividade e intransigência entre estas noções, mas tampouco significa que não há distinção alguma.

Angioni sabe o que está por trás disso e deliberadamente assume concordar com essa identificação, ou, no mínimo, transitividade, entre os termos “elemento” e “matéria”.

⁹⁵ “*Mixis* or *krasis* is already a rudimentary species of “form””. (FURTH, 1988, p.84, nota 2).

Isto tudo é motivado por um passo que Angioni (2007), por qualquer motivo que seja, infelizmente não dá. Ele defende duas noções de matéria, mas em suas traduções e opiniões parece o tempo todo se referir a termos que ensejam em si uma identificação destas duas noções. Afirma uma diferença entre as noções diacrônica e sincrônica da matéria, mas define a mesma se valendo de “elemento”, um termo ligado diretamente à noção diacrônica. O que pode prejudicar o entendimento e aceitação completa da sua tese, apesar de não representar uma ameaça às estruturas de seu argumento.

3.2: DEFINIÇÕES DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ E “CAUSA MATERIAL” SEGUNDO A NOÇÃO DUPLA DE MATÉRIA

E é justamente nisto que avançamos a tese de Angioni (2007). As noções diacrônica e sincrônica do conceito de ὄλη não só estão presentes em Aristóteles, como recebem ambas suas nomenclaturas e objetos próprios. É neste sentido que os termos στοιχεῖον e causa material se distinguem um do outro. Os significados distintos de cada um deles são justamente as duas concepções sob as quais o conceito de matéria pode ser entendido. Isto é, στοιχεῖον é a matéria de uma substância em seu aspecto geracional e corruptível. É a partir dos elementos que se origina toda a matéria do mundo físico e, conseqüentemente, a matéria próxima que constitui uma substância em sua atualidade. “Causa material” por outro lado, é justamente essa matéria próxima que se relaciona diretamente com a substância, sendo aquilo que a subjaz, e, portanto, tem maior teor explicativo, visto que a matéria de uma determinada substância é tal que satisfaça as funções e peculiaridades daquela substância em particular. E isto é respaldado principalmente pela forma como Aristóteles se expressa na *Metafísica* e define a ciência suprema.

Nos dois primeiros capítulos do livro *Alfa* da *Metafísica*, Aristóteles inicia sua investigação acerca dessa ciência, e afirma que ela tem como objeto de pesquisa as causas e princípios: “É evidente, portanto, que a sabedoria é uma ciência a respeito de certos princípios e causas” (*Met. A 1, 982 a1-2*)⁹⁶. Isto porque, aquele que é dito mais sábio, o é por ter conhecimento acerca do porquê de algo. O médico, por exemplo, cura um homem em particular por saber o motivo pelo qual está doente. Assim sendo, a ciência suprema é uma

⁹⁶“ὅτι μὲν οὖν ἡ σοφία περὶ τινὰς ἀρχὰς καὶ αἰτίας ἐστὶν ἐπιστήμη, δῆλον.” (*Met. A 1, 982 a1-2*).

ciência acerca das causas, mas não como as da medicina, afinal é considerada mais ciência aquela que não tem uma utilidade. Então, Aristóteles estabelece cinco critérios para determinar as causas sobre as quais esta ciência versa, de acordo com a forma como se julga o sábio: é dito mais sábio aquele que, de certo modo, conhece todas as coisas; também é mais sábio aquele que conhece as coisas mais difíceis; que tem a capacidade de ensinar sobre as causas, visto que é a por causa delas que se tem um conhecimento mais exato; aquele que busca uma ciência em si mesma e não em vista de sua utilidade ou lazer; e é mais sábio não aquele que é submisso, mas, pelo contrário, aquele ao qual o menos sábio se submete. Assim, a σοφία (sabedoria)⁹⁷, como Aristóteles chama esta ciência, tem como objeto as causas e princípios que são primeiros. Isto porque é o conhecimento deles que se pode considerar ter um saber universal, porque, como afirma Aristóteles: “...este [o mais sábio] conhece, de certo modo, todos os itens subjacentes...” (*Met. A 2*, 982 a23)⁹⁸. Além disso, o conhecimento dessas causas e princípios primeiros é o mais difícil de se alcançar, visto que está no extremo oposto do conhecimento sensível; e como as ciências que versam acerca dos princípios primeiros de um determinado objeto são aquelas com maior capacidade explicativa, a sabedoria, entendida como ciência suprema, tem como objeto de pesquisa não os princípios primeiros de algo específico, mas de tudo; além disso, sendo uma ciência acerca das causas e princípios universais, é ela que é mais almejada em si mesma, visto que versa sobre o que é mais cognoscível; e por fim, é ela que é mais superior e não submissa, visto que, sendo a mais universal e premente, todas as outras ciências derivam dela.

Apesar de ser uma das principais formulações acerca da σοφία, essa não é a única. Segundo Giovanni Reale (2014, p. 37-46), no volume introdutório à sua tradução, durante toda a *Metafísica*, Aristóteles apresenta quatro definições da σοφία. Como também afirma David Ross (1975, p. lxxvii), a definição apresentada em A é reapresentada e complementada no livro Γ, do seguinte modo:

Dado que procuramos as causas e os princípios mais elevados, evidentemente é necessário que eles pertençam a uma natureza tomada em si mesma. Assim, se também os que procuravam os elementos dos entes procuravam esses princípios, é necessário que também tais elementos pertençam ao ente não por concomitância,

⁹⁷ Temos ciência de que “Metafísica” é o termo que passou a designar tal ciência, mas, acreditamos que, para nos valermos dessa terminologia, deveríamos também fazer a defesa desta escolha, algo que aqui não consideramos necessário. Então, nos reservamos a utilizar a terminologia propriamente aristotélica.

⁹⁸ “...οὗτος γὰρ οἶδέ πως πάντα τὰ ὑποκείμενα...” (*Met. A 2*, 982 a2).

mas sim enquanto ele é ente. Por isso, também nós devemos apreender as causas primeiras do ente enquanto ente. (*Met.* Γ 1, 1003 a26-31)⁹⁹.

Como a sabedoria é uma ciência universal, afirmam Reale (2014, p. 39) e Ross (1975, p. lxxvii), ela não versa sobre um determinado ramo da realidade, mas sim sobre ela como um todo. Neste aspecto, ela não é ciência de um ser, ou um grupo de seres, em específico, mas sim de todos eles, e o aspecto que os unifica enquanto um gênero é justamente a sua natureza enquanto entidade. E esta natureza é, se não identificada, ao menos apoiada diretamente no conceito de substância, ou “essência”, como Angioni (2005) opta por traduzir. No livro Z, Aristóteles afirma: “E - dado que o ente se diz de tantos modos -, é manifesto que, entre eles, o ente primeiro é o “o que é”, o qual, precisamente, designa a essência [τὴν οὐσίαν] ...” (*Met.* Z 1028 a13-15)¹⁰⁰.

Como é possível observar na nota 99, o termo “essência” é usado por Angioni (2005) para traduzir οὐσία, que, tradicionalmente se traduz por “substância”. E aqui cabe ressaltar que neste aspecto específico, iremos sempre optar pela tradução tradicional. Não que a tradução de Angioni (2005) esteja incorreta, muito pelo contrário, na verdade ela é mais fiel ao texto grego e coerente em quesitos de tradução, visto que οὐσία é um termo relacionado a ὄντος, e este é invariavelmente traduzido como “ente” ou “ser”. Mas no presente texto, escolher “essência” faria com que a defesa aqui apresentada se perdesse um tanto de vista, além de que, quando de seu artigo de 2007, Angioni se utiliza reiteradamente o termo “substância” para desenvolver sua tese.

Por fim, para deixarmos mais que explícito que as causas e princípios primeiros se dizem acerca da substância e a têm como horizonte, ao menos na *Metafísica*, citaremos o início do livro Λ. E, exclusivamente aqui, com intuito meramente retórico, utilizaremos, não a tradução de Angioni (2005), mas a de Giovanni Reale (2014): “O objeto sobre o qual versa nossa pesquisa é a substância: de fato, os princípios e causas que estamos pesquisando são as das substâncias.” (*Met.* Λ 1, 1069 a18-19)¹⁰¹

⁹⁹ “ἐπεὶ δὲ τὰς ἀρχὰς καὶ τὰς ἀκροτάτας αἰτίας ζητοῦμεν, δῆλον ὡς φύσεώς τινος αὐτὰς ἀναγκαῖον εἶναι καθ’ αὐτήν. εἰ οὖν καὶ οἱ τὰ στοιχεῖα τῶν ὄντων ζητοῦντες ταύτας τὰς ἀρχὰς ἐζήτουν, ἀνάγκη καὶ τὰ στοιχεῖα τοῦ ὄντος εἶναι μὴ κατὰ συμβεβηκός ἀλλ’ ἢ ὄν· διὸ καὶ ἡμῖν τοῦ ὄντος ἢ ὄν τὰς πρώτας αἰτίας ληπτέον.” (*Met.* Γ 1, 1003 a26-31). Na conclusão esta passagem será retomada.

¹⁰⁰ “τοσαυταχῶς δὲ λεγομένου τοῦ ὄντος φανερόν ὅτι τούτων πρώτων ὄν τὸ τί ἐστίν, ὅπερ σημαίνει τὴν οὐσίαν..” (*Met.* Z 1028 a13-15).

¹⁰¹ “Περὶ τῆς οὐσίας ἡ θεωρία· τῶν γὰρ οὐσιῶν αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ αἶτια ζητοῦνται.” (*Met.* Λ 1, 1069 a18-19).

Diante disso tudo, notamos que a definição de sabedoria não é apenas variada, como também suas noções se relacionam diretamente umas com as outras e se implicam entre si. A ciência suprema é ciência das causas primeiras, ou seja, das causas mais universais, logo, são causas do ser enquanto ser, que, conseqüentemente, é a substância¹⁰². E não é como se Aristóteles tivesse, gradativamente, desenvolvido a concepção de σοφία. Na verdade, mesmo desde o livro A da *Metafísica*, essa concepção conjunta da ciência suprema está expressa. Durante sua inquirição acerca das diversas causas que concorrem para a constituição dos entes, Aristóteles afirma que é necessário distinguir de quais modos é possível dizer o ser. E a partir disto, chega à seguinte conclusão: “De fato, não é possível apreender de que se constitui o fazer, o sofrer ou o retilíneo, mas (se for o caso) é possível apreender apenas de que se constituem as essências.” (*Met. A 9, 992 b21-22*)¹⁰³.

Assim, pode-se afirmar que, tal como ocorre na *Física*, segundo Angioni (2007, p. 69), na definição de matéria na *Metafísica* também não há incongruência alguma. O que se tem como horizonte quando da expressão da doutrina das quatro causas em A 3, é a substância. As causas aqui apresentadas não são os elementos a partir dos quais se originam os processos do devir, mas sim as causas próximas que determinam e explicam de fato a essência de um determinado ser. Portanto, o conceito de causa material, ao menos dentro do âmbito estrito da *Metafísica*, e, mais estrito ainda, da doutrina das quatro causas como expressa no A 3¹⁰⁴, se diferencia conceitualmente de στοιχεῖον, com base nas distintas noções do conceito de ὕλη expostas no capítulo anterior. Sendo causa material, aquela matéria que participa na constituição de uma substância, e στοιχεῖον aquela que se faz presente nos processos de geração e corrupção primordiais.

Cabe aqui ressaltar que, a partir desta distinção, conseqüentemente podemos até mesmo reconsiderar o que Angioni (2007, p. 69) fala a respeito da *Física*. Visto que nela se

¹⁰² Há ainda uma quarta noção, apontada por Giovanni Reale (2014), a de que a sabedoria é também uma teologia, visto que a primeira das causas é deus. No presente texto, contudo, esta concepção não é tão relevante para o aspecto que queremos abordar e por isso não a referenciamos no corpo do texto, sem que com isso se tenha um prejuízo na nossa abordagem, bem como na teoria aristotélica.

¹⁰³ “ἐκ τίνων γὰρ τὸ ποιεῖν ἢ πάσχειν ἢ τὸ εὐθύ, οὐκ ἔστι δὴπου λαβεῖν, ἀλλ’ εἴπερ, τῶν οὐσιῶν μόνον ἐνδέχεται.” (*Met. A 9, 992 b21-22*).

¹⁰⁴ Como é possível observar no caso de στοιχεῖον, Aristóteles por vezes faz um uso lato do termo. Algo que é perfeitamente possível e inclusive apontado na própria definição do termo, quando se afirma que ele também tem um uso metafórico. Cf. *Metafísica A 3, 992 b18-20*; Não afirmamos isso, contudo, como uma espécie de coringa para explicar toda e qualquer aparição de στοιχεῖον que fuja à nossa interpretação. Existe outras aparições complicadas como esta e nós as reconhecemos. Contudo, sempre tentamos explicá-las de acordo com os argumentos aqui apresentados. Nas considerações finais abordaremos um pouco melhor essas questões.

encontra uma apresentação mais detida e abrangente da doutrina das quatro causas, e visto que as causas se dizem a respeito da substância, como expresso na *Metafísica*, ao menos quando dispõe sobre as quatro causas, Aristóteles talvez tenha em mente as substâncias, mesmo que não se valha do termo. Isso não significa, claro, que a concepção que a obra apresenta sobre a matéria como responsável pelos processos do devir não seja coesa, mas que, a investigação acerca de uma inevitavelmente acarrete a investigação da outra, e vice-versa, afinal são apenas nuances de um mesmo conceito. E isto fica evidente tanto pela análise da teoria dos predecessores, que Aristóteles desenvolve logo depois de apresentar a doutrina das quatro causas na *Metafísica*, como pela emblemática referência que esta obra faz à *Física* em 983 a35. E, além disso, pelo que bem nota Rodolfo Lopes (2016, p. 130), igualmente evidência é o fato de que uma das passagens da *Física*, reproduz *ipsis verbis* a definição de αἴτιον constante na *Metafísica* Δ 2.

3.3 RESPALDO DESTAS DEFINIÇÕES EM *METAFÍSICA* Δ

Assim, é desta forma que deveríamos considerar as definições constantes em *Metafísica* Δ 2 e 3. Mas, no caso desta primeira as coisas não parecem se dar deste modo, primeiro porque não há referência alguma à substância, ou, ao menos não através do termo οὐσία ou de suas referências tradicionais como τὸ ὄν ἢ ὄν (ser enquanto ser), e segundo, porque há uma mais que explícita identificação dos corpos simples com as causas: “Todas as causas aqui mencionadas caem sob quatro modos mais manifestos. Pois as letras são causas das sílabas com aquilo *a partir de que*, assim como a matéria é causa dos fabricáveis, o fogo, a terra (bem como os elementos de tal tipo) ...” (*Met.* Δ 2, 1013b 14-16)¹⁰⁵.

E esta crítica ganha ainda mais corpos quando sabemos que, apesar de o livro não seguir nem de perto os temas e desenvolvimentos já apresentados em A, B e Γ, e talvez ter sido inserido posteriormente no conteúdo programático da *Metafísica*, ele é de autoria de Aristóteles, como nos afirma David Ross (1975):

¹⁰⁵ “ἅπαντα δὲ τὰ νῦν εἰρημένα αἴτια εἰς τέτταρας τρόπους πίπτει τοὺς φανερωτάτους, τὰ μὲν γὰρ στοιχεῖα τῶν συλλαβῶν καὶ ἡ ὕλη τῶν σκευαστῶν καὶ τὸ πῦρ καὶ ἡ γῆ καὶ τὰ τοιαῦτα πάντα τῶν σωμάτων...” (*Met.* Δ 2, 1013 b 14-16).

Δ está evidentemente fora de lugar onde está, e, tão evidente quanto, ele é um genuíno trabalho aristotélico. E, Z, Θ e I se referem a ele, assim como a *Física* e o *De Generatione et Corruptione*. Seja pela vaga expressão ἐν ἄλλοις como por τὰ περὶ τοῦ ποσαχῶς, ou por algumas variantes desse título; também sob esse título ele ocorre na lista de Diógenes Laércio, na qual mesmo a *Metafísica* não ocorre. (ROSS, (1975, p. xxv).¹⁰⁶

Contra isto, contudo, já em David Ross (1975, p. xxv) temos uma possível explicação. Ele afirma que, apesar de o livro Δ ser útil para as discussões tratadas na *Metafísica* e sem dúvida nos apresentar conceitos chave para a interpretação das concepções aristotélicas, ele não foi feito para a *Metafísica* em particular. Alguns dos conceitos apresentados, como o de κολοβὸν (mutilado) e ψεῦδος (falso) não têm tanta relevância na *Metafísica* e, no caso de κολοβὸν as suas duas únicas ocorrências, justamente no livro Δ¹⁰⁷, demonstram isso perfeitamente bem. O que Ross nos revela é que o Δ aparentemente é anterior não só à *Metafísica*, mas também às obras sobre física, como a própria *Física* e o *De generatione et Corruptione*.

Mas mesmo que não se concorde, assim como Reale (2014, vol. 1, p. 134), para além do que nos afirma Ross (1975, p. xxv), é possível perceber que, da mesma forma que na análise dos seus predecessores feita em A, quando Aristóteles se refere a fogo e terra em Δ, ele tem em vista não os elementos da forma como ele mesmo considerava, mas sim como os filósofos anteriores pensavam a constituição do *cosmos*. É o que tomamos como evidência é justamente a forma como ele faz referência a πῦρ (fogo) e γῆ (terra). Ele não insere esta referência no âmbito do tratamento dos corpos simples em geral, e tampouco seleciona ὕδωρ (água) entre eles, sendo que ele é o que podemos considerar um dos mais prováveis elementos a se escolher para referenciar, se não o mais, dada a sua relevância para a história da filosofia. Ainda mais porque o próprio Aristóteles tinha noção dessa relevância e por isso apresentou Tales como o primeiro a filosofar deste modo¹⁰⁸. E, dessa perspectiva a escolha da terra em si é muito pouco verossímil, visto que é o último dos corpos aos quais os filósofos atribuíram a característica de ser primeiro constituinte do mundo físico: “...Empédocles, por sua vez,

¹⁰⁶ “Δ is evidently out of place where it is, and as evidently it is a genuine Aristotelian work. It is referred to in E, Z, Θ, and I, as well as in the Physics and the De Generatione et Corruptione- either by the vague phrase ἐν ἄλλοις, or as τὰ περὶ τοῦ ποσαχῶς or by some variant of this title; and under this title it occurs in Diogenes Laertius’ list, in which the Metaphysics itself does not occur.” (ROSS, (1975, p. xxv).

¹⁰⁷ *Metafísica* Δ 27, 1024a 11, 19.

¹⁰⁸ “...ἀλλὰ Θαλῆς μὲν ὁ τῆς τοιαύτης ἀρχηγὸς φιλοσοφίας ὕδωρ φησὶν εἶναι (διὸ καὶ τὴν γῆν ἐφ’ ὕδατος ἀπεφάνετο εἶναι), λαβὼν ἴσως τὴν ὑπόληψιν ταύτην ἐκ τοῦ πάντων ὀραν τὴν τροφήν ὑγρὰν οὔσαν καὶ αὐτὸ τὸ θερμὸν ἐκ τούτου γινόμενον καὶ τούτω...” (*Met.* A 3, 983b 20-24).

considerou como princípios os quatro, acrescentando como quarto, além dos mencionados, a terra...” (*Met.* A 3, 984a 8-9)¹⁰⁹.

O que Aristóteles parece estar fazendo em Δ 2 é uma referência a uma dessas teorias dos filósofos naturalistas, e de fato, uma passagem de livro A faz referência a fogo e a terra como exemplo de uma dessas teorias:

Isso poderia ter sido sustentado antes por aqueles que propuseram mais princípios, por exemplo, aos que propuseram quente e frio, ou fogo e terra dado que se utilizam do fogo como se ele possuísse uma natureza propiciadora de movimento, e, da água, da terra e dos outros desse tipo, utilizam-se do modo contrário. (*Met.* A 3, 984b 5-8)¹¹⁰.

Aqui podemos perceber uma identificação entre os contrários quente e frio e os elementos fogo e terra, no sentido de que uns (quente e fogo) teriam uma faceta ativa, segundo a qual produziriam movimento ou atuariam sobre algo, e outros (frio e terra) teriam a faceta passiva, capazes de serem movidos ou sofrerem a ação de outrem. A passagem continua para uma expansão deste aspecto passivo e acaba por abarcar não só a terra, mas também a água e, supostamente, o ar. Isto poderia nos impedir de afirmar que aqui Aristóteles está tratando da doutrina de um filósofo específico, segundo o qual os elementos do mundo físico são, exclusivamente, fogo e terra. Da nossa parte, compreendemos que a inserção de água como uma extensão da passividade da terra se deva a uma gradação da passividade total da própria terra, do contrário a água e não a terra é que seria inserida em um dos polos da comparação com quente e frio.

Mas mesmo que esta não seja uma passagem tão adequada, ainda no *Alfa* nos deparamos com outra bem semelhante:

Mas Parmênides parece, de certo modo, ter-se pronunciado com mais visão: de fato, julgando que o não-ente não era nada, além do ente, pensou que necessariamente haveria um só, o ente, e nada mais (a respeito disso, pronunciamos-nos de modo mais claro nas discussões sobre a natureza). No entanto, forçado a acompanhar as evidências, e concebendo pela razão que havia só o um, mas, pela sensação, que havia mais de um, propôs duas causas e dois princípios, o quente e o frio, denominando-os como fogo e terra; entre eles, ordenou o quente sob o ente, e o outro, sob o não-ente.

¹⁰⁹ “...Ἐμπειροκλήης δὲ τὰ τέτταρα, πρὸς τοῖς εἰρημένοις γῆν προστιθείς τέταρτον...” (*Met.* A 3, 984a 8-9).

¹¹⁰ “τοῖς δὲ δὴ πλείω ποιούσι μᾶλλον ἐνδέχεται λέγειν, οἷον τοῖς θερμὸν καὶ ψυχρὸν ἢ πῦρ καὶ γῆν· χρώνται γὰρ ὡς κινητικὴν ἔχοντι τῷ πυρὶ τὴν φύσιν, ὕδατι δὲ καὶ γῆ καὶ τοῖς τοιοῦτοις τοῦναντίον.” (*Met.* A 3, 984b 5-8).

A passagem tem como foco a teoria de Parmênides acerca do ente e não-ente, e ela o coloca em vantagem em relação a outros filósofos como Xenófanes e Melisso, por ter concebido mais de um princípio, se apoiando naquilo que as percepções sensíveis revelam. Assim, o quente e o frio, e seus correlatos, o fogo e a terra, são postulados como princípios. E aqui, novamente o que está em jogo são as propriedades ativa e passiva destes itens. A passagem se insere numa discussão sobre o movimento, na qual se conclui que o um não é capaz de movimento: “...mas estes afirmam que o um é não-suscetível de movimento...” (*Met.* A 5, 986b 17)¹¹¹.

Aqui fica explícita a forma como Aristóteles enxerga a teoria de Parmênides e a possível relação que esta passagem tem com a anterior. Ambas têm o mesmo escopo, a proposta de mais de um princípio, tornando possível a existência do movimento; os mesmos objetos, a saber, os contrários quente e frio, e os elementos fogo e terra; e também a mesma atribuição de propriedades ativa e passiva para cada grupo destes objetos. Ainda assim, não é preciso afirmar que em *Metafísica* A 3, 984b 5-8 Aristóteles estivesse de fato se referindo a Parmênides, apesar de parecer. Giovanni Reale (2014, vol. 3, p. 27), que segue fielmente o argumento de David Ross (1975, p.135), ao comentar esta passagem nega a referência a Parmênides, mas também confirma que ela seja referência a algum outro filósofo:

(984b 5-8). *Evocação de um filósofo pluralista não identificável.* – É claro que aqui não se fala mais de Parmênides, como dizem Alexandre (*In Metaph.*, p. 31, 18-16 Hayduck) e Bonitz (*Comm.*, p. 70), porque como bem observa Ross (*Metaph.*, I, p. 135), Parmênides é considerado por Aristóteles como um daqueles filósofos que admitem a unicidade do princípio [...] isto é, um monista, enquanto na nossa passagem são evocados aqueles filósofos que apresentam mais princípios [...] isto é, os pluralistas. (REALE, 2014, vol. 3, p. 27).

O comentário segue tentando identificar qual filósofo pluralista seria este, mas o que se afirmou até aqui é suficiente. Assim sendo, primeiramente, a referência feita em Δ 2, não data da mesma época que a *Metafísica*, e em segundo lugar, mesmo que não fosse, a referência que faz a fogo e terra parece se incluir num âmbito semelhante àquele apresentado em A, isto é, o da análise da teoria dos predecessores, com a diferença de que em Δ 2, isso é levado em conta apenas como um breve exemplo. E isto se deve porque, como já defendido na seção 1.3, esta análise dos predecessores é engendrada pelo fato de que, segundo Aristóteles, aquilo que foi postulado por eles e que se passou a considerar como

¹¹¹ “...οὔτοι δὲ ἀκίνητον εἶναι φασιν...” (*Met.* A 5, 986b 17).

elementos propriamente ditos se assemelham muito mais ao que Aristóteles viria a chamar de causa.

A definição de στοιχεῖον, por sua vez, conta com umas nuances próprias que permitem diferenciá-lo do conceito de causa material: “Denomina-se elemento o item primeiro e imanente a partir de que algo se constitui, e que não pode ser dividido especificamente em uma forma distinta... (*Met.* Δ 3, 1014a 26-27)¹¹². E de imediato temos uma especificidade maior de “elemento” em relação a “causa”. Elementos são um grupo específico de objetos que não se podem dividir especificamente, isto é, não podem ser analisados em outros componentes.

Além disso, στοιχεῖον é definido também como “o item primeiro e imanente a partir de que algo se constitui”. Esta expressão se destrincha em três, “item primeiro”, “imanente” e “a partir de que algo se constitui”. Estas três características encontram em grego os seguintes correlatos respectivamente: πρῶτου, ἐνυπάρχοντος e ἐξ οὗ σύγκειται. E dentre estes, apenas ἐνυπάρχοντος (imanente) também se faz presente na definição de causa: “De um modo, denomina-se causa o item imanente a partir de que algo vem a ser...” (*Met.* Δ 2, 1013a 24-25). No caso dos outros dois termos, πρῶτου não tem nenhum correspondente na definição de causa, e no caso de ἐξ οὗ σύγκειται, o correspondente na definição de causa é ἐξ οὗ γίγνεται, e aqui vemos novamente uma distinção. O termo σύγκειται tem um significado semelhante ao de componente, constituinte, enquanto γίγνεται significa algo mais próximo a vir a ser. Então, mesmo na definição de causa, o horizonte que se estabelece é o do ser, enquanto o de στοιχεῖον é propriamente o do constituinte e da coisa que se constitui, independente de seus status ontológico.

3.4: SEMELHANÇAS ENTRE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ E “CAUSA MATERIAL”

O que afirmamos, contudo, está longe de estabelecer uma diferença radical e irreconciliável entre os dois termos. Isto não só iria de encontro com as semelhanças existentes nas definições do termo durante toda a *Metafísica*, mas também à forma como

¹¹² “Στοιχεῖον λέγεται ἐξ οὗ σύγκειται πρῶτου ἐνυπάρχοντος ἀδιαίρετου τῷ εἶδει εἰς ἕτερον εἶδος...” (*Met.* Δ 3, 1014a 26-27)

Angioni (2007) defende uma noção dupla de “matéria”. Apesar de todas as diferenças de significado e objetos, tanto στοιχεῖον como “causa material” compartilham as propriedades de serem princípios e naturezas. A partir deles coisas vêm a ser, sejam elas itens materiais ou substâncias sensíveis. E para demonstrar, basta citarmos algumas passagens: “Assim, é comum a todos os princípios o fato de ser o primeiro a partir de que algo é, ou vem a ser...” (*Met.* Δ 1, 1013a 17-19)¹¹³. E também: “Denomina-se natureza, de um modo, o vir a ser das coisas que nascem [...] e, de outro modo, o item primeiro e imanente do qual nasce aquilo que nasce. Além disso, denomina-se natureza aquilo a partir de que se dá o movimento primeiro...” (*Met.* Δ 4, 1014b 16-20)¹¹⁴.

Cabe aqui lembrar que, mesmo que as definições de “princípio” e “natureza” por vezes se assemelhem à de “causa” e assim, nós deveríamos aqui também defender uma distinção daqueles conceitos em relação ao conceito de “elemento”, assim como fazemos com o de “causa”, lembramos que nossa distinção e atribuição de significados distintos para στοιχεῖον e “causa material” não se sustenta apenas nas suas definições em Δ.

CAPÍTULO 4: EVIDÊNCIAS SEMÁNTICAS

Estas nos parecem ser as definições mais adequadas dos termos aqui analisados, isto é “elemento” e “causa material”. Mas ainda que não se concorde com estas definições e, conseqüentemente, com as distinções entre os termos, várias passagens da *Metafísica* parecem defender o nosso ponto de vista, e uma defesa contra a tese aqui levantada deve primeiramente dirimir as evidências que estas passagens fornecem a nosso favor.

Como afirmado no capítulo 1 da nossa dissertação, apesar de Aristóteles se valer bastante do termo στοιχεῖον no livro *Alfa* da *Metafísica*, no âmbito de tratamento acerca das quatro causas, com isso ele não quer dizer que há uma identificação entre “elemento” e “causa material”. E evidência disto, é o uso largamente metafórico que faz do termo στοιχεῖον,

¹¹³ “πασῶν μὲν οὖν κοινὸν τῶν ἀρχῶν τὸ πρῶτον εἶναι ὅθεν ἢ ἔστιν ἢ γίγνεται ἢ γιγνώσκεται” (*Met.* Δ 1, 1013a 17-19).

¹¹⁴ “Φύσις λέγεται ἓνα μὲν τρόπον ἢ τῶν φυσόμενων γένεσις, οἷον εἴ τις ἐπεκτεῖνας λέγοι τὸ υ, ἓνα δὲ ἐξ οὗ φύεται πρῶτου τὸ φυόμενον ἐνυπάρχοντος· ἔτι ὅθεν ἢ κίνησις ἢ πρώτη ἐν ἑκάστῳ τῶν φύσει ὄντων ἐν αὐτῷ ἢ αὐτὸ ὑπάρχει” (*Met.* Δ 4, 1014b 16-20).

aplicando-o a coisas que em livros posteriores ou em outras obras têm seu status de elemento rejeitado pelo próprio Aristóteles. É o caso de pitagóricos e platônicos. Sobre aqueles:

...vendo que as características e razões das escalas musicais se davam em números - dado que todas as demais coisas mostravam-se similares aos números em sua inteira natureza, e que os números eram os itens primeiros de toda natureza, conceberam que os elementos dos números eram elementos de todos os entes... (*Met.* A 5, 985 b31-35)¹¹⁵.

E sobre os platônicos:

Dado que as Formas seriam causas das demais coisas, julgou que os elementos delas seriam elementos de todos os entes. Assim, afirmou que o Grande e o Pequeno são princípios a título de matéria, e que o Um é princípio como essência: de fato, os números se constituíam dos dois, por participação no Um. (*Met.* A 6, 987 b18-22)¹¹⁶.

Como podemos perceber, os elementos que estas vertentes de filosofia propõem não são entidades sensíveis, e, como já havíamos visto no capítulo 1 deste texto, Aristóteles afirma a necessidade de aquilo que origina uma substância sensível ser igualmente sensível, pois assim é possível explicar as propriedades corpóreas que ela tem. E isto nos conduz à forma como os filósofos se manifestaram acerca de seus elementos, visto que os objetos que um determinado filósofo escolhe para compor este grupo correspondem às características que, segundo determinado filósofo, o mundo físico essencialmente tem e que podem ser explicadas a partir dos constituintes mais básicos deste mundo.

E é neste sentido que Aristóteles desenvolve sua argumentação contra a possibilidade de existência de mais de um céu (ou universo)¹¹⁷, por exemplo. No *De Caelo* 276 a22- b22 Aristóteles afirma que o mundo não pode ser mais de um. Supondo que isto seja possível estes outros mundos, para serem intitulados como tal, precisam ser constituídos igualmente ao nosso mundo. Assim sendo, os corpos simples a partir dos quais todo o mundo físico se constitui são os mesmos. Consequentemente, os movimentos naturais que cada corpo simples tem e os locais para os quais eles naturalmente se dirigem devem ser idênticos neste mundo e nos outros, mas o que aconteceria é justamente o contrário. Visto que o movimento natural do

¹¹⁵ “...εἶναι πάντων ἔτι δὲ τῶν ἀρμονιῶν ἐν ἀριθμοῖς ὀρῶντες τὰ πάθη καὶ τοὺς λόγους, - ἐπεὶ δὴ τὰ μὲν ἄλλα τοῖς ἀριθμοῖς ἐφαίνοντο τὴν φύσιν ἀφωμοιωθῆσαι πᾶσαν, οἱ δ’ ἀριθμοὶ πάσης τῆς φύσεως πρῶτοι, τὰ τῶν ἀριθμῶν στοιχεῖα τῶν ὄντων στοιχεῖα πάντων ὑπέλαβον εἶναι...” (*Met.* A 5, 985 b31-35).

¹¹⁶ “...ἐπεὶ δ’ αἰτία τὰ εἶδη τοῖς ἄλλοις, τὰ κείνων στοιχεῖα πάντων ᾗθη τῶν ὄντων εἶναι στοιχεῖα. ὥς μὲν οὖν ὕλην τὸ μέγα καὶ τὸ μικρὸν εἶναι ἀρχάς, ὥς δ’ οὐσίαν τὸ ἐν· ἐξ ἐκείνων γὰρ κατὰ μέθεξιν τοῦ ἐνὸς [τὰ εἶδη] εἶναι τοὺς ἀριθμούς. (*Met.* A 6, 987 b18-22).

¹¹⁷ *De Caelo* I, 276 a18-21

fogo é ascendente, se dirigindo do centro planeta para a extremidade do céu, este mesmo movimento, em relação ao outro mundo se configuraria como indo da extremidade do céu para o centro do planeta, supondo claro, que estes mundos sejam justapostos. Portanto, o movimento natural de um corpo simples em um determinado mundo é o movimento não natural do respectivo corpo simples de outro mundo. O movimento natural que o fogo do universo 616-1 tem é oposto e, conseqüentemente, não natural ao do fogo no mundo 616-2, o que nos leva à fatídica conclusão de que o fogo enquanto elemento constitutivo, em si não tem movimento natural algum, mas pode se mover tanto de forma ascendente como descendente.

Isto, contudo, vai diretamente de encontro contra o que pensa Aristóteles. A existência do movimento dos corpos simples se deve ao fato de eles serem entes por natureza¹¹⁸, e um dos sentidos que Aristóteles atribui à natureza é o de ser princípio de movimento local¹¹⁹. O tipo de movimento, por sua vez, é determinado pelo peso do corpo¹²⁰. O de fogo é ascendente por ele ser leve. Assim, a possibilidade de um outro mundo propriamente dito não existe. Para ser dito mundo, tal como o nosso, esse outro precisaria partilhar de características essenciais do nosso, e isto inclui ser constituído por fogo, terra, água e ar, o que, por sua vez, inclui que estes elementos tenham seus respectivos movimentos naturais, e como vimos, isto implicaria o contrário. E já que, como afirma Aristóteles, não existem outros elementos além destes, nenhum outro mundo, portanto, pode existir. Por fim, reafirmando o princípio metodológico segundo o qual é preciso que os constituintes tenham características dos seus construtos, Aristóteles afirma o mesmo para os corpos compostos¹²¹.

E é justamente por conta da natureza enquanto princípio de movimento que Aristóteles desenvolve sua crítica ao pensamento pitagórico¹²². Ele afirma que, se por um lado, os pitagóricos inovam em relação aos filósofos naturalistas, por apresentarem princípios que abrangem coisas sensíveis e suprassensíveis, por outro, os princípios que eles postulam ignoram justamente algumas características das coisas sensíveis, como umas serem leves e outras pesadas. O mesmo se pode dizer a respeito do movimento. Visto que postulam como subjacente os contrários como limitado-ilimitado e par-ímpar, o movimento que se pode

¹¹⁸ *Física* II 1, 192 b8-14.

¹¹⁹ Além dos movimentos de crescimento, definhamento e o de alteração (*Fís.* II 1, 192 b14-15).

¹²⁰ *Física* II 9, 200 a2-3; 205 b21-22.

¹²¹ Outros argumentos também são apresentados e que complementa o aqui expresso, mas será suficiente abordarmos apenas este para os propósitos aqui em vista.

¹²² *Metafísica* A 8, 989 b29 – 990 a32

observar nas coisas sensíveis não é explicado, e tampouco os processos do devir, como geração, corrupção e alteração, já que eles também são movimento.

A respeito dos platônicos, Aristóteles desenvolve uma crítica extensa, repleta de argumentos, dentre os quais, um segue a mesma esteira que os argumentos contra os pitagóricos e é relevante citar:

Mais que tudo, deve-se perguntar em que, porventura, as Formas contribuem para as coisas sensíveis eternas ou para as suscetíveis de geração e corrupção, pois não são causas nem de movimento, nem de mudança para tais coisas. E mais: elas tampouco auxiliam no conhecimento das demais coisas (pois não são essência delas caso contrário, estariam presentes nelas” [aspas do tradutor], nem contribuem-lhes para o ser, na medida em que não estão inerentes nas coisas que delas participam. (*Met. A 9, 991 a8-14*).¹²³

Com isso Aristóteles afirma novamente a necessidade de os elementos escolhidos pelos filósofos para constituir o mundo físico devem ser tais que sejam em sua natureza dotados de movimento, para que assim se possa ocorrer os fenômenos do devir, como geração, corrupção e alteração. Na continuação da passagem, ele também afirma que mesmo em um âmbito explicativo, as Formas platônicas não podem ser considerados relevantes, visto que elas não estão presentes como essência nas coisas que supostamente constituiriam, e assim não podem ser mencionadas em um enunciado explicativo de uma determinada substância. Mas, em seguida, Aristóteles faz uma afirmação que poderíamos estranhar de início: “...nem contribuem-lhes para o ser, na medida em que não estão inerentes nas coisas que delas participam.” (*Met. A 9, 991 a13-14*). Ao que tudo indica, num primeiro momento, Aristóteles estaria praticamente repetindo a afirmação sobre as Formas não estarem presentes nas coisas que constituem. Quando nos voltamos para o texto grego, contudo, percebemos que o termo que Angioni (2005) traduz nesta passagem por “inerentes” é *ἐνυπάρχοντά*. E que, como já vimos, o termo original que corresponde a “essência”, apresentado um pouco antes, é *οὐσία*. Ou seja, com isto, Aristóteles afirma que, além de não poderem ser eleitas como elementos, as formas tampouco podem ser consideradas como causas formal e material. O que reafirma não só a distinção entre os dois âmbitos da matéria, mas também a distinção entre *στοιχεῖον* e “causa material” que aqui defendemos, já que estaria em um primeiro momento tratando das Formas em seu suposto status de elemento propriamente dito, isto é, primeiro

¹²³ “πάντων δὲ μάλιστα διαπορήσειεν ἂν τις τίποτε συμβάλλεται τὰ εἶδη τοῖς αἰδίοις τῶν αἰσθητῶν ἢ τοῖς γιγνομένων καὶ φθειρομένων· οὔτε γὰρ κινήσεως οὔτε μεταβολῆς οὐδεμιᾶς ἐστὶν αἴτια αὐτοῖς, ἀλλὰ μὴν οὔτε πρὸς τὴν ἐπιστήμην οὔθεν βοηθεῖ τὴν τῶν ἄλλων (οὐδὲ γὰρ οὐσία ἐκεῖνα τούτων· ἐν τούτοις γὰρ ἂν ἦν), οὔτε εἰς τὸ εἶναι, μὴ ἐνυπάρχοντά γε τοῖς μετέχουσιν.” (*Met. A 9, 991 a8-14*).

constitutivo físico dotado de movimento por natureza, e, num segundo momento, abordando as Formas enquanto princípio explicativo, seja em seu aspecto de causa formal ou de causa material.

Na mesma esteira desse último argumento, isto é, de que a passagem supracitada apresenta uma distinção não só entre os conceitos στοιχεῖον e “causa material”, é a definição que Aristóteles faz da expressão “provir de algo” ou “derivar de algo:

“Provir de algo” [ou “ser *de algo*”] quer dizer, de um modo, ser a partir daquilo de que se constitui uma matéria – e isso, de dois modos, ou de acordo com o primeiro gênero, ou de acordo com a última forma específica; por exemplo: de certo modo, são *de água* todas as coisas suscetíveis de fusão, mas, de outro modo, a estátua *é de bronze*. (*Met.* Δ 24, 1023 a26-29)¹²⁴.

Aqui a diferença que afirmamos haver entre στοιχεῖον e “causa material” se pronuncia com maior clareza, pois Aristóteles não apenas afirma uma diferença conceitual entre duas noções de ὕλη, mas ele estabelece que esses modos de se dizer a matéria implicam objetos de gêneros diferentes. A água citada, por exemplo, a partir da qual algo provém e que tem algumas de suas características transmitidas a este novo objeto, é de um gênero tido como primeiro, inicial, isto é, o gênero dos elementos, que em sua definição se estabelece como algo inicial, valendo-se até mesmo de uma terminologia semelhante, como é o caso do termo πρῶτον. Enquanto o bronze da estátua se diz a respeito de sua relação com a forma de um objeto substancial.

Assim sendo, considerar que Aristóteles estaria utilizando “elemento” de modo tradicional durante os capítulos do livro *Alfa*, seria afirmar que em sua análise das teorias platônicas e pitagóricas ele atribui o caráter de elemento a coisas como as formas e números, entre outros, da mesma forma que estaria fazendo quando se refere ao quatro corpos simples postulados por outros filósofos. Mas o que acontece no caso dos filósofos naturalistas é que aquilo que eles postularam como constituintes primários do mundo físico não são realmente elementos porque, em alguns casos, postularam apenas um dos corpos como elemento, o fogo para Heráclito, por exemplo, e em outros casos postularam apenas os elementos¹²⁵, ou seja, os constituintes materiais, e não todos os princípios que devem ser levados em consideração para

¹²⁴ “Τὸ ἐκ τινος εἶναι λέγεται ἓνα μὲν τρόπον ἐξ οὗ ἐστὶν ὡς ὕλης, καὶ τοῦτο διχῶς, ἢ κατὰ τὸ πρῶτον γένος ἢ κατὰ τὸ ὕστατον εἶδος, οἷον ἐστὶ μὲν ὡς ἅπαντα τὰ τηκτά ἐξ ὕδατος, ἐστὶ δ’ ὡς ἐκ χαλκοῦ ὁ ἀνδριάς.” (*Met.* Δ 24, 1023 a26-29).

¹²⁵ Empédocles vai um pouco além, afirmando também a existência de um princípio movente, mas sua teoria da Discórdia e da Amizade tem alguns problemas que Aristóteles também nota, *Metafísica* A 8, 989 a25-26.

a constituição do mundo material. No caso de platônicos e pitagóricos o caso é que o próprio status de elemento, como pensado por Aristóteles e como concebido na própria definição do termo, não pode ser atribuído ao que aqueles pensadores afirmaram como princípios.

E ainda, como já visto, ao menos no caso dos platônicos, o termo “elemento” é propriamente utilizado com seu sentido tradicional de primeiro constituinte físico por Platão apenas no *Timeu*¹²⁶ e para designar os triângulos, não as formas ou o um. E, no caso dos triângulos, sim, há uma faceta material já existente, visto que são dotados de superfície, de acordo com Platão.

Para finalizar esta argumentação, Aristóteles afirma claramente que alguns dos objetos aos quais se aplica o sentido metafórico, isto é, por extensão, de “elemento”, são justamente aqueles postulados por platônicos e pitagóricos, como já citamos. Assim as referências ao termo “elemento”, no âmbito das teorias que postulam um ou mais desses objetos, como é o caso das passagens que iniciam o presente capítulo deste trabalho, são definitivamente, metafóricas¹²⁷. E, tendo isto em mente, há alguns casos interessantes de se observar, em que Aristóteles parece evidenciar uma utilização restrita do termo στοιχεῖον:

Dado que as Formas seriam causas das demais coisas, julgou que os elementos delas seriam elementos de todos os entes. Assim, afirmou que o Grande e o Pequeno são princípios a título de matéria, e que o Um é princípio como essência: de fato, os números se constituiriam dos dois, por participação no Um (*Met.* A 6, 987 b18-21)¹²⁸.

Percebemos aqui que o uso de “elemento” se encontra restrito a uma referência aos elementos das formas, que no caso de Platão, como aqui descrito, seriam o Grande e o Pequeno, e o Um. Aqueles dois num sentido material, e este no sentido formal. Ou seja, aqui claramente Aristóteles usa o termo em seu sentido metafórico de constituinte último, e se aplica mesmo a itens como a supostas causas formais, que não têm nenhum aspecto de materialidade, e talvez possam ser compreendidas como seu oposto. E mais, quando Aristóteles se refere diretamente à matéria, ao invés de se valer novamente de “elemento”, utiliza o termo “princípio”.

¹²⁶ Vide n.39.

¹²⁷ *Metafísica* Δ 3, 1014 b3-4

¹²⁸ “ἐπεὶ δ’ αἴτια τὰ εἶδη τοῖς ἄλλοις, τὰ κεῖνων στοιχεῖα πάντων φήθη τῶν ὄντων εἶναι στοιχεῖα. ὡς μὲν οὖν ὕλην τὸ μέγα καὶ τὸ μικρὸν εἶναι ἀρχάς, ὡς δ’ οὐσίαν τὸ ἓν.” (*Met.* A 6, 987 b18-21).

Claro, não podemos simplesmente afirmar que isto seja uma prova de um uso de στοιχεῖον que expresse a distinção entre este termo e “causa material”. Mas essa aparente hesitação de Aristóteles se repete em outros livros e de maneira até inquietante na *Física*, em que durante as duas apresentações clássicas da doutrina das quatro causas ele quase não utiliza o termo στοιχεῖον, (*Fís.* II 3, 194 b23- 195 b21; 7, 198 a14- 198 b9). E mesmo quando o faz, é apenas uma única vez e em seu significado alfabético, que Angioni (2016) acuradamente traduz como “letras”: “As letras são causas das sílabas...” (*Fís.* II 3, 195 a16)¹²⁹.

E, finalmente, também na *Física* vemos o que talvez seja a expressão mais evidente da distinção entre os termos στοιχεῖον e “causa material”:

Dado que, em todos os estudos nos quais há princípios (ou causas, ou elementos), sabemos (isto é, conhecemos cientificamente) quando reconhecemos estes últimos (pois julgamos compreender cada coisa quando reconhecemos suas causas primeiras e seus primeiros princípios, bem como seus elementos... (*Fís.* I 1, 184 a10-11)¹³⁰.

Aqui, não consideramos necessário afirmar muito além do fato de que “causas” e “elementos” são sempre apresentados como se estivessem na sentença de uma disjunção exclusiva. Primeiramente entre dois “ou”, e, em segundo, pela expressão “bem como”. No primeiro caso, a disjunção é evidente, se vale até de seu indicador clássico, o duplo “ou”. Obviamente o argumento apresentado na passagem, e conseqüentemente as proposições veiculadas, não têm “causas” e “elementos” como seus termos, mas a partir do que é dito podemos observar uma classificação na qual, ambos os termos são diferentes ramificações do gênero da ἀρχή e que falar de um não é necessariamente falar do outro. No segundo caso o “bem como”, apesar de não ser tão enfático denota que o que se aplica às causas, não necessariamente se aplicará aos “elementos”, e portanto, é preciso também referenciá-los.

CAPÍTULO 5: UMA CRÍTICA A GIOVANNI REALE

¹²⁹ “τὰ μὲν γὰρ στοιχεῖα τῶν συλλαβῶν...” (*Fís.* II 3, 195 a16).

¹³⁰ “Ἐπειδὴ τὸ εἰδέναι καὶ τὸ ἐπίστασθαι συμβαίνει περὶ πάσας τὰς μεθόδους, ὧν εἰσὶν ἀρχαὶ ἢ αἷτια ἢ στοιχεῖα, ἐκ τοῦ ταῦτα γνωρίζειν (τότε γὰρ οἰόμεθα γινώσκειν ἕκαστον, ὅταν τὰ αἷτια γνωρίσωμεν τὰ πρῶτα καὶ τὰς ἀρχὰς τὰς πρῶτας καὶ μέχρι τῶν στοιχείων)...” (*Fís.* I 1, 184 a10-11)

A tese aqui defendida, apesar de muito singular e heterodoxa não é tão inédita quanto se possa pensar. Giovani Reale (2014, vol. 3) defende uma tese semelhante, segundo a qual há uma distinção entre os termos “elemento” de um lado e “causa” e princípio de outro. No volume de sumários e comentários à sua tradução da *Metafísica*, no capítulo 3 do livro Δ ele afirma: “A diferença entre elemento, de um lado, e causa e princípio, de outro, está no seguinte: o elemento é por definição e, portanto, sempre *imane*nte ou *interno* à coisa, enquanto a causa e princípio podem ser também *externos* à coisa, como vimos nos capítulos precedentes.” (2014, vol. 3, p. 210).

Aristóteles, de fato, no capítulo 1 do mesmo livro, acerca do conceito de princípio, afirma: “Desses princípios, alguns são inerentes à coisa, outros são externos.” (*Met* Δ 1, 1013a19-20). E, no caso de elementos e causas, esta distinção parece evidente mesmo pelo que afirma Angioni (2007). Afinal, no que diz respeito à substância, os elementos só existem de maneira potencial, sendo de certa forma responsáveis apenas pela sua geração e corrupção, enquanto a causa material constitui e subjaz em ato a mesma substância.

Apesar de acreditarmos haver uma distinção entre $\sigma\tau\omicron\iota\chi\epsilon\iota\omicron\nu$ e “causa material”, como defendemos nos dois capítulos anteriores, consideramos a fundamentação apresentada por Reale (20014) um tanto problemática. Pois, primeiramente, ela não parece se apoiar de fato no texto de Aristóteles, mas sim em uma ideia de separação entre causa e efeito que encontramos junto a Platão e alguns comentadores seus como Luc Brisson *apud* Rodolfo Lopes (2013) e Sarah Broadie (2011).

Rodolfo Lopes (2013), na sua tradução do *Timeu*¹³¹, em uma seção introdutória, ao citar Brisson (1998), afirma: “[...] o demiurgo *só* pode ser independente, pois constitui a causa de todas as coisas do mundo, razão pela qual não poderá estar incluído naquilo que foi criado por si próprio.” (2013, p. 36). Cabe aqui ressaltar que apesar de o demiurgo poder ser entendido como o equivalente a uma causa eficiente em Aristóteles, a distinção que se faz entre causa e efeito não leva em consideração a ramificação dos sentidos de “causa” que Aristóteles viria a desenvolver. O que podemos entender disto é que em Platão $\alpha\acute{\iota}\tau\iota\omicron\nu$ recebe uma concepção unívoca, ou, no mínimo, não tão plural como a de Aristóteles. E percebemos a influência dessa concepção quando retomamos o que foi dito no capítulo anterior contra as teoria das Formas de Platão.

¹³¹ PLATÃO. *Timeu-Críticas*. LOPES, R. (trad.) Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.

Com isto Sarah Broadie (2011, p.7-26) parece concordar. No capítulo 1 de seu livro *Nature and Divinity in Plato's Timaeus*¹³², a autora investiga os motivos pelos quais Platão propõe um Demiurgo para além do mundo físico. Assim sendo, ela assume como lugar comum e ponto de partida a tese da separação do Demiurgo em relação ao mundo por ele criado. Parafrazeadas, as premissas de tal conclusão são as seguintes: primeiramente, o princípio banal uma causa é anterior e diferente em relação àquilo que explica; e aquilo que o Demiurgo enquanto causa explica é toda a ordem do mundo físico/natural¹³³. Consequentemente, é necessário que o Demiurgo seja separado ou independente do mundo e vice-versa.

Este significado unívoco, contudo, não se restringe ao âmbito do Demiurgo, mas também transparece na análise que Platão faz de uma parte da constituição da cabeça do homem:

No local à volta dos dedos, onde se entrecruza o tendão, a pele e o osso, a mistura destes três, quando secou por completo, deu origem, a uma única pele dura que reunia todos os outros – fabricada com estas causas acessórias, mas produzida com o pensamento como causa principal... (*Tim.* 76d 3-8)¹³⁴.

Como podemos perceber aqui, Platão deixa clara a hierarquização que atribui às causas. O pensamento, considerado como a causa motriz, que leva a cabo a geração de algo, é mais relevante como causa e mais digno de ser nomeado como tal, por isso, quando Platão se refere a ele se vale do termo *αἰτιωτάτη*, que significa, basicamente, algo como “mais causa”. Enquanto que, para se referir à faceta material, os contributos físicos dos quais o pensamento se valeu para constituir a sua obra, o termo utilizado não é simplesmente *αἴτιον*, mas sim *συναίτιος*, que pode ser traduzido como causas conjuntas ou acessórias, como é o caso da tradução de Rodolfo Lopes (2013), mas que, em comparação com *αἰτιωτάτη* revela seu aspecto não só auxiliar, mas secundário. Algo que não ocorre em Aristóteles. A teoria das quatro causas, como defende Lopes (2016, p.137), deve ser entendida como uma ramificação dos sentidos segundo os quais algo pode ser considerado um causa, e: “Um determinado ente

¹³² BROADIE, S. The Separateness of the Demiurge. In: *Nature and Divinity in Plato's Timaeus*. Cambridge: Cambridge University, Press. 2011. pp 7-26.

¹³³ “Thus we begin to be led towards the doctrine of a trans-natural origin of the world. The lead comes from the platitudinous principle that a cause is prior to and diferente from the things which it is invoked to explain, together with the assumption that what has to be explained is the entire order of nature in which we live.” (BROADIE, 2011, p. 8).

¹³⁴ “τὸ δ' ἐν τῇ περὶ τοὺς δακτύλους καταπλοκῇ τοῦ νεύρου καὶ τοῦ δέρματος ὄστουτε, συμμειχθὲν ἐκ τριῶν, ἀποξηρανθὲν ἐν κοινὸν συμπάντων σκληρὸν γέγονεν δέρμα, τοῖς μὲν συναίτιος τούτοις δημιουργηθὲν, τῇ δὲ αἰτιωτάτη διανοία...” (*Tim.* 76d 3-8).

pode (e deve, segundo a explicação de *Metafísica* I 3-6) compreender em si os quatro modos ao mesmo tempo, desde que este seja tomado enquanto tal e que cada modo assuma apenas um sentido.” (LOPES, 2016, p. 137).

Ao defender a distinção entre στοιχείον e “causa material”, em termos de uma relação de interioridade e exterioridade com o objeto do qual se é elemento ou causa, Reale (2014, vol.3, p. 210) está se valendo de um conceito de causa calcado em Platão. E este conceito, que tem como horizonte o princípio de separação entre causa e efeito, como explicado por estes comentadores de Platão gera problemas quando utilizado para apoiar uma distinção entre os termos στοιχείον e αἴτιον como definidos na *Metafísica* de Aristóteles, pois simplesmente não há correspondência entre os sentidos segundo os quais os Platão e Aristóteles utilizam o termo “causa”.

CAPÍTULO 6: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isto acreditamos ter defendido nosso posicionamento acerca da distinção entre στοιχείον e causa material, apresentando seus respectivos significados, objetos próprios e as diversas passagens que evidenciam tudo isto ou, no mínimo, um uso um tanto restrito de Aristóteles, o que se apresenta a nosso favor. Os dois termos têm seus significados distintos, correspondentes a duas noções de matéria. Uma se referindo ao aspecto diacrônico da existência de um objeto, isto é, sua geração e corrupção, que tem como objetos os quatro corpos simples, fogo, terra, água e ar. E outra se referindo a seu aspecto sincrônico, enquanto uma entidade dotada de essência, para a qual concorrem uma causa material e uma causa formal que explicam de modo mais relevante a essência desta entidade.

Quando do uso de στοιχείον no âmbito da teoria das quatro causas no *Alfa* da *Metafísica*, Aristóteles assim o faz porque, primeiramente, a pesquisa acerca das quatro causas, apesar de tudo, enseja também uma pesquisa acerca dos elementos à medida em que tornou-se comum utilizar o termo στοιχείον e seus derivados para referenciar aquilo que os filósofos naturalistas predecessores de Aristóteles postulavam como constituintes primários do mundo físico, apesar de que Aristóteles considerasse estes constituintes, como formulados por seus predecessores algo mais próximo às causas, mais especificamente às causas materiais.

Por fim, esta distinção não parece ser tão difícil de notar, e Aristóteles parece fazer questão de que as diferenças entre os termos sejam notadas, não só nas suas passagens da *Metafísica*, mas também, e talvez principalmente, nas da *Física*. E, na verdade, quando comentadores levam a cabo esta identificação afirmando que os elementos fazem as vezes de causa material e as proporções segundo as quais eles são misturados fazem as vezes de uma causa formal, estão reproduzindo quase que igualmente a forma como Platão inicia o tratamento dos elementos no *Timeu*:

Na verdade, antes de isto acontecer, todos os elementos estavam privados de proporção e de medida; na altura em que foi empreendida a organização do universo, primeiro o fogo, depois a água, a terra e o ar, ainda que contivessem certos indícios de como são, estavam exactamente num estado em que se espera que esteja tudo aquilo de que um deus está ausente. A partir deste modo e desta condição, começaram a ser configurados através de formas e de números.

Com isto não afirmamos, contudo, que os comentadores que fazem a identificação entre στοιχεῖον e “causa material” transpuseram para Aristóteles uma argumentação platônica. Esta não é uma questão para o presente texto e desenvolver uma tese apresentado argumentos e evidências disto talvez fosse mais proveitoso no âmbito de outra pesquisa, uma acerca do desenvolvimento histórico do termo στοιχεῖον. Basta notarmos que a semelhança entre os argumentos dos comentadores e de Platão é realmente de se surpreender.

Por fim, para além de toda a argumentação e elenco de evidências que apresentamos aqui, ainda há diversas outras passagens problemáticas, cuja explicação não demandaria apenas tempo, mas uma ginástica mental que no fundo, talvez fosse apenas uma tentativa desesperada de fazer com que tudo esteja de acordo com aquilo que defendemos. Não temos e nunca tivemos esta pretensão. O que tentamos aqui, e acreditamos, sim, ter feito, foi mostrar que há evidências e argumentos que atestam contra uma tradição interpretativa, que não influencia apenas comentários e opiniões de ilustres pesquisadores, mas também suas traduções, as bases do ensino filosófico e mesmo a possibilidade de se discutir a temática.

Assim, diante de tudo que dissemos e apresentamos, seria injusto que também não afirmássemos que encontramos problemas e dificuldades. Os encontramos, e mesmo as interpretações que propomos para algumas passagens como *Metafísica* Δ 2, 1013b 14-16, talvez tenham sido defendidas com argumentos pouco fortes. Além disso, esboçar a unidade dos conceitos e sua conseqüente distinção durante toda a *Metafísica* é uma investida que tem como pontos chave entender outros conceitos como o de essência, substância, natureza e princípio, da mesma forma que suas nuances e apresentações durante toda a obra, inclusive

abordando a relação que o motor imóvel tem com os elementos. Algo que certamente não deve ser o caso no presente trabalho, visto que temos como objetivo aqui, antes de tudo estabelecer a distinção para que daí se possa trabalhar e entender as obras de Aristóteles sob esta perspectiva.

REFERÊNCIAS:

- ANGIONI, L. A noção Aristotélica de Matéria. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 17, n. 1, p. 47-90, jan.-jun. 2007.
- ANGIONI, L. *Metafísica de Aristóteles*. In: PhaoS - Revista de Estudos Clássicos, Unicamp. 2003. pp. 5-21.
- ANGIONI, L. *Metafísica de Aristóteles Livro Δ (Delta), 18-30*. In: Dissertatio, nº 48. 2019. pp. 286-294.
- ANGIONI, L. *Metafísica de Aristóteles Livro XII*. *Cad. Hist. Fil. Ci.*, Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan.-jun. 2005.
- AQUINO, Tomás de. *Comentário à Metafísica de Aristóteles*. Em 2 volumes. Campinas: Vide Editorial: 2016.
- ARISTOTLE. *De generatione et corruptione*. Cambridge: Harvard University Press, 1938.
- _____. *On the Heavens*. In: The Complete Works of Aristotle. BARNES, J. (ed.). Princeton University Press: Princeton. 1991.
- _____. *Metafísica*: REALE, G. (trad. & org.). Em 3 volumes. São Paulo: Loyola, 2014.
- _____. *Metafísica Livros I, II e III*. ANGIONI, L. (trad.). In: Clássicos da Filosofia; Cadernos de tradução nº15. Unicamp. 2008.
- _____. *Metafísica Livros IV e VI*. ANGIONI, L. (trad.). In: Clássicos da Filosofia; Cadernos de tradução nº14. Unicamp. 2007.
- _____. *Metafísica Livros VII e VIII*. ANGIONI, L. (trad.). In: Clássicos da Filosofia; Cadernos de tradução nº11. Unicamp. 2005.
- _____. *Metafísica Livros IX e X*. ANGIONI, L. (trad.). In: Clássicos da Filosofia; Cadernos de tradução nº9. Unicamp. 2004.
- _____. _____. ROSS, W. D. (trad. & org.). Oxford: Clarendon Press. 1975.
- _____. *Física I-II*. ANGIONI, L. (trad.). Campinas: Unicamp, 2009.

- _____. *Physics*. Cambridge: Harvard University Press, 1938.
- BARNES, J. (ORG.). *Aristóteles*. Tradução de Ricardo Hermann Ploch Machado. Aparecida: Ideias & Letras, 2009.
- BOSTOCK, D. *Space, time, matter and form: Essay on Aristotle's Physics*. Clarendon Press: Oxford, 2006.
- BROADIE, S. The Separateness of the Demiurge. In: *Nature and Divinity in Plato's Timaeus*. Cambridge: Cambridge University Press, 2011. pp 7-26.
- CHARLTON, W. *Aristotle Physics: Books I and II*. Clarendon Press: Oxford, 1992.
- CHARLTON, W. Prime Matter: A Rejoinder. In: *Phronesis*, vol. 28, no. 2, 1983, pp. 197–211.
- CROWLEY, T. J. *De generatione et corruptione 2.3: Does Aristotle identify the contraries as elements?* In: *The Classical Quarterly*, Vol. 63, No. 01, pp. 161-182 (Apr 2013).
- _____. Aristotle's 'So-Called Elements'. In: *Phronesis*. Vol. 53, No. 3, pp 223-242 (Apr. 2008)
- _____. On the use of *stoicheion* in the sense of 'element'. In: *Oxford Studies in Ancient Philosophy*, Vol. 39, pp. 367-394 (Sep 2005).
- FURTH, M. *Substance, form and Psyche: An Aristotelean Metaphysics*. Cambridge: Cambridge University Press; 1988.
- KING, H. R. Aristotle without *Prima Materia*. In: *Journal of the History of Ideas*, Vol. 17, No. 3, pp. 370-389, (Jun 1956).
- NATALI, C. *Aitia* in Plato and Aristotle from everyday language to technical vocabulary. In: *Aitia II. Avec ou sans Aristote: le débat sur les causes à l'âge hellénistique et impérial*. NATALI, C., VIANO, C. (ed.) Louvain-la-Neuve: Peeters, 2014 (Aristote. Traductions et études, 33)
- PLATÃO. *Timeu-Crítias*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2013.
- PEREIRA, M. R. A diferente interpretação de Timothy J. Crowley de *De generatione et corruptione 2.3*. Comunicação proferida na UFS, 7 dez. 2016.
- _____. A não identificação entre "elemento" e "causa material" na *Metafísica* de Aristóteles. Comunicação proferida na UFS, entre 25 e 29 abr. 2016.
- SAMBURKY, S. *Physics of the Stoics*. Princeton University Press: Princeton. 2016
- SIMONE, P. Plato's use of *stoicheion*: Origin and implications. In: *Archai*, n. 30, 2020.
- SOKOLOWSKI, R. Matter, Elements and Substance in Aristotle. In: *Journal Of The History Of Philosophy*, Vol. 8, No. 3, p.263-288 (1970).

INWOOD, B. (ed.) *The Cambridge Companion to the Stoics*. Cambridge: Cambridge University Press. 2003.

ANEXO 1: OCORRÊNCIAS DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ NA METAFÍSICA

Neste anexo apresentamos um catálogo de todas as ocorrências do termo *στοιχεῖον/στοιχεῖα* e seus derivados no âmbito dos livros *Metafísica*, *Teeteto*, *Sofista* e *Timeu*. Apresentando também os contextos e significados nos quais elas ocorrem.

METAFÍSICA

A:

- 1º A 3, 983b 10-11: "...τοῦτο **στοιχεῖον** καὶ ταύτην ἀρχὴν φασιν εἶναι τῶν ὄντων..."
- 2º A 4, 985a 25-26: "ὅταν μὲν γὰρ εἰς τὰ **στοιχεῖα** δίστηται τὸ πᾶν ὑπὸ τοῦ νείκους..."
- 3º A 4, 985a 30-31: "... ἔτι δὲ τὰ ὡς ἐν ὕλης εἶδει λεγόμενα **στοιχεῖα** τέτταρα πρῶτος..."
- 4º A 4, 985b 5: "... Δημόκριτος **στοιχεῖα** μὲν τὸ πλήρες καὶ τὸ κενόν..."
- 5º A 5, 986a 1-2: "... ἀριθμοὶ πάσης τῆς φύσεως πρῶτοι, τὰ τῶν ἀριθμῶν **στοιχεῖα**..."
- 6º A 5, 986a 2: "... τῶν ὄντων **στοιχεῖα** πάντων ὑπέλαβον εἶναι..."
- 7º A 5, 986a 17-18: "... τοῦ δὲ ἀριθμοῦ **στοιχεῖα** τό τε ἄρτιον καὶ τὸ περιττόν ..."
- 8º A 5, 986b 6-7: "... εὐόκασι δ' ὡς ἐν ὕλης εἶδει τὰ **στοιχεῖα** τάττειν."
- 9º A 5, 986b 8-9: "... μὲν οὖν παλαιῶν καὶ πλείω λεγόντων τὰ **στοιχεῖα** τῆς φύσεως ..."
- 10º A 6, 987b 18-19: "ἐπεὶ δ' αἴτια τὰ εἶδη τοῖς ἄλλοις, τὰ κείνων **στοιχεῖα** πάντων..."
- 11º A 6, 987 b 19-20: "... φήθη τῶν ὄντων εἶναι **στοιχεῖα** "
- 12º A 6, 988a 14-15: "... τοῦ κακῶς αἰτίαν τοῖς **στοιχείοις** ἀπέδωκεν ἑκατέροις ..."
- 13º A 7, 988a 31-32: "καὶ γὰρ τοιοῦτόν τινες εἰρήκασιν εἶναι τὸ πρῶτον **στοιχεῖον**."
- 14º A 8, 988b 24-25: "τῶν γὰρ σωμάτων τὰ **στοιχεῖα** τιθέασιν μόνον..."
- 15º A 8 988b 34-35: "... γὰρ ἂν δόξειε **στοιχειωδέστατον** εἶναι πάντων..."
- 16º A 8, 989a 4-5: "...ὁμολογεῖ τὸ **στοιχεῖον** εἶναι τὸ τῶν σωμάτων· "
- 17º A 8, 989a 5-6: "... τῶν ἐν λεγόντων γῆν εἶναι **στοιχεῖον**..."
- 18º A 8, 989a 6-7: "... τῶν δὲ τριῶν ἕκαστον **στοιχείων** εἴληφε τίνα κριτήν..."
- 19º A 8, 989a 30-31: "Ἀναξαγόραν δ' εἴ τις ὑπολάβοι δύο λέγειν **στοιχεῖα**..."

20° A 8, 989b 29-30: "... καλούμενοι Πυθαγόρειοι ταῖς μὲν ἀρχαῖς καὶ τοῖς **στοιχείοις** ἔκτοπώτεροις χρώνται..."

21° A 9, 992a 3-4: "... λέγειν ὥσπερ καὶ ὅσοι τὰ **στοιχεῖα** τέτταρα..."

22° A 9, 992a 4-5: "καὶ γὰρ τούτων ἕκαστος οὐτὸ κοινὸν λέγει **στοιχεῖον**..."

23° A 9, 992b 18-19: "...τὸ τῶν ὄντων ζητεῖν **στοιχεῖα** μὴ διελόντας..."

24° A 9, 992b 20: "... τε καὶ τοῦτον τὸν τρόπον ζητοῦντας ἐξ οἷων ἐστὶ **στοιχείων**."

25° A 9, 992b 23-24: "... ὥστε τὸ τῶν ὄντων ἀπάντων τὰ **στοιχεῖα** ἢ ζητεῖν..."

26° A 9, 992b 24: "... πῶς δ' ἂν τις καὶ μάθοι τὰ τῶν πάντων **στοιχεῖα**..."

B:

1° B 1, 995b 27-28: "αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ **στοιχεῖα** τὰ γένη ἐστὶν ἢ εἰς ἃ διαιρεῖται..."

2° B 3, 998a 21-22: "...καὶ περὶ τῶν ἀρχῶν πότερον δεῖ τὰ γένη **στοιχεῖα** καὶ ἀρχὰς ὑπολαμβάνειν..."

3° B 3, 998a 23-24: "...οἷον φωνῆς **στοιχεῖα** καὶ ἀρχαὶ δοκοῦσιν εἶναι..."

4° B 3, 998a 25-26: " καὶ τῶν διαγραμμάτων ταῦτα **στοιχεῖα** λέγομεν ὧν αἱ ἀποδείξεις..."

5° B 3, 998a 28: "... τῶν σωμάτων καὶ οἱ πλείω λέγοντες εἶναι **στοιχεῖα**..."

6° B 3, 998a 30-31: "...Ἐμπεδοκλῆς πῦρ καὶ ὕδωρ καὶ τὰ μετὰ τούτων **στοιχεῖα** φησὶν εἶναι ..."

7° B3, 998b 9-10: "... καὶ τῶν λεγόντων **στοιχεῖα** τῶν ὄντων τὸ ἐν ἢ τὸ ὄν ἢ τὸ μέγα καὶ μικρὸν..."

8° B 4, 999b 32-33: "...οὐκ ἔσται παρὰ τὰ **στοιχεῖα** οὐθὲν ἕτερον."

9° B 4, 1000a 1-2: "...ὥσπερ οὖν εἰ τὰ τῆς φωνῆς ἀριθμῶ ἦν **στοιχεῖα** ὠρισμένα..."

10° B 4, 1000a 3: "... εἶναι τὰ πάντα γράμματα ὅσαπερ τὰ **στοιχεῖα**..."

11° B 4, 1000b 19-20: "... ποιεῖ τῶν ὄντων ἀλλὰ πάντα φθαρτὰ πλὴν τῶν **στοιχείων**."

12° B 4, 1001a 17-18: " ὡς δ' αὐτως καὶ οἱ πλείω τὰ **στοιχεῖα** τιθέμενοι."

13° B 6, 1002b 32-33: "... ἐστὶ τὸ διαπορῆσαι πότερον δυνάμει ἔστι τὰ **στοιχεῖα**..."

14° B 6, 1003a 1-2: "εἰ δ' ἔστι δυνάμει τὰ **στοιχεῖα**, ἐνδέχεται μὴθὲν εἶναι τῶν ὄντων."

Γ:

1° Γ 1, 1003a 28-29: "εἰ οὖν καὶ οἱ τὰ **στοιχεῖα** τῶν ὄντων ζητοῦντες ταύτας τὰς ἀρ-

χάς..."

2° Γ 1, 1003a 29-30: "... ανάγκη και τὰ **στοιχεῖα** τοῦ ὄντος εἶναι μὴ κατὰ συμβεβη-
κὸς..."

Δ:

1° Δ 1, 1013a 20-21: "διὸ ἢ τε φύσις ἀρχὴ και τὸ **στοιχεῖον** και ἡ διάνοια και ἡ προαίρε-
σις και οὐσία και τὸ οὐ ἔνεκα."

2° Δ 2, 1013b 17-19: " τὰ μὲν γὰρ **στοιχεῖα** τῶν συλλαβῶν και ἡ ὕλη τῶν σκευαστῶν
και τὸ πῦρ και ἡ γῆ..."

3° Δ 3, 1014a 26-27: " **Στοιχεῖον** λέγεται ἐξ οὗ σύγκειται πρώτου ἐνυπάρχοντος ἀδιαι-
ρέτου τῷ εἶδει εἰς ἕτερον εἶδος.."

4° Δ 3, 1014a 27-28: "... οἷον φωνῆς **στοιχεῖα** ἐξ ὧν σύγκειται ἡ φωνή ..."

5° Δ 3, 1014a 32-33: "...τῶν σωμάτων **στοιχεῖα** λέγουσιν οἱ λέγοντες εἰς ἃ διαιρεῖται τὰ
σώματα ἔσχατα...."

6° Δ 3, 1014a 34-35: " και εἴτε ἐν εἴτε πλείω τὰ τοιαῦτα ταῦτα **στοιχεῖα** λέγουσιν "

7° Δ 3, 1014a 35-36: "... δὲ και τὰ τῶν διαγραμμάτων **στοιχεῖα** λέγεται..."

8° Δ 3, 1014b 1-2: "...ἐνυπάρχουσαι, αὗται **στοιχεῖα** τῶν ἀποδείξεων λέγονται."

9° Δ 3, 1014b 3-4: " και μεταφέροντες δὲ **στοιχεῖον** καλοῦσιν ἐντεῦθεν ὃ ἂν ἐν ὄν και
μικρὸν ..."

10° Δ 3, 1014b 5-6: "... διὸ και τὸ μικρὸν και ἀπλοῦν και ἀδιαίρετον **στοιχεῖον** λέγε-
ται."

11° Δ 3, 1014b 6-7: " ὅθεν ἐλήλυθε τὰ μάλιστα καθόλου **στοιχεῖα** εἶναι..."

12° Δ 3, 1014b 10-11: "... **στοιχεῖα** τὰ γένη λέγουσί τινες ..."

13° Δ 3, 1014b 14-15: "... διαφορά. ἀπάντων δὲ κοινὸν τὸ εἶναι **στοιχεῖον** ἐκάστου τὸ
πρῶτον..."

14° Δ 4, 1014b 32-33: "... τῶν φύσει ὄντων τὰ **στοιχεῖα** φασιν εἶναι φύσιν..."

15° Δ 24, 1023a 35-36: "... οἷον ἄνθρωπος ἐκ τοῦ δίποδος και ἡ συλλαβὴ ἐκ τοῦ **στοι-
χειοῦ** · "

Ε:

1° Ε 1, 1025b 4-5: "... και τῶν μαθηματικῶν εἰσὶν ἀρχαὶ και **στοιχεῖα** και αἷτια..."

Z:

- 1° Z 10, 1034b 25-26: "... ὁ δὲ τῆς συλλαβῆς ἔχει τὸν τῶν **στοιχείων** ·"
- 2° Z 10, 1034b 27-28: "... ὥσπερ καὶ ἡ συλλαβὴ εἰς τὰ **στοιχεῖα**."
- 3° Z 10, 1035a 10: "... ὁ δὲ τῆς συλλαβῆς ἔχει τὸν τῶν **στοιχείων** ·"
- 4° Z 10, 1035a 11: "τὰ μὲν γὰρ **στοιχεῖα** τοῦ λόγου μέρη τοῦ εἶδους καὶ οὐχ ὕλη..."
- 5° Z 10, 1035a 14-15: "ἔστι δ' ὡς οὐδὲ τὰ **στοιχεῖα** πάντα τῆς συλλαβῆς ἐν τῷ λόγῳ ἐνέσται "
- 6° Z 12, 1038a 7-8: "...αἱ δὲ διαφοραὶ τὰ εἶδη καὶ τὰ **στοιχεῖα** ἐκ ταύτης ποιοῦσιν..."
- 7° Z 16, 1040b 19: "... ὥσπερ οὐδὲ τὸ **στοιχεῖον** εἶναι ἢ ἀρχῆ · "
- 8° Z 16, 1040b 21-22: "μᾶλλον μὲν οὖν τούτων οὐσία τὸ ὄν καὶ ἐν ἢ ἢ τε ἀρχὴ καὶ τὸ **στοιχεῖον** καὶ τὸ αἴτιον..."
- 9° Z 17, 1041b 12-13: "ἡ δὲ συλλαβὴ οὐκ ἔστι τὰ **στοιχεῖα**..."
- 10° Z 17, 1041b 15-16: "... τὰ δὲ **στοιχεῖα** ἔστι, καὶ τὸ πῦρ καὶ ἡ γῆ)·"
- 11° Z 17, 1041b 16-17: "...ἔστιν ἄρα τι ἡ συλλαβή, οὐ μόνον τὰ **στοιχεῖα** τὸ φωνῆεν καὶ ἄφωνον..."
- 12° Z 17, 1041b 19: "εἰ τοίνυν ἀνάγκη κάκεῖνο ἢ **στοιχεῖον**..."
- 13° Z 17, 1041b 20: "... ἢ ἐκ **στοιχείων** εἶναι..."
- 14° Z 17, 1041b 20-21: "... εἰ μὲν **στοιχεῖον**, πάλιν ὁ αὐτὸς ἔσται λόγος..."
- 15° Z 17, 1041b 22-23: " εἰ δὲ ἐκ **στοιχείου**, δῆλον ὅτι οὐχ ἐνὸς ἀλλὰ πλειόνων..."
- 16° Z 17, 1041b 25-26: "δόξειε δ' ἂν εἶναι τι τοῦτο καὶ οὐ **στοιχεῖον**, καὶ αἰτιὸν γε τοῦ εἶναι..."
- 17° Z 17, 1041b 31: "...ἢ ἔστιν οὐ **στοιχεῖον** ἀλλ' ἀρχή"

H:

- 1° H 1, 1042a 5-6: "... ζητεῖται τὰ αἴτια καὶ αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ **στοιχεῖα**..."
- 2° H 3, 1043b 4-5: "... οὐ φαίνεται δὴ ζητοῦσιν ἢ συλλαβὴ ἐκ τῶν **στοιχείων**..."
- 3° H 3, 1043b 11-12: "... ὁ παρὰ ταῦτά ἐστιν, εἰ ταῦθ' ὕλη, οὔτε δὲ **στοιχεῖον**..."
- 4° H 3, 1043b 12: "... οὔτ' ἐκ **στοιχείου**, ἀλλ' ἢ οὐσία·"

I:

- 1° I 1, 1052b 7-8: "... ὥσπερ καὶ περὶ **στοιχείου** καὶ αἰτίου..."
- 2° I 1, 1052b 9-10: "... ἔστι μὲν γὰρ ὡς **στοιχεῖον** τὸ πῦρ..."
- 3° I 1, 1052b 11-12: "... οὐ γὰρ τὸ αὐτὸ πυρὶ καὶ **στοιχείῳ** εἶναι..."
- 4° I 1, 1052b 12-13: "... ὡς μὲν πρᾶγμα τι καὶ φύσις τὸ πῦρ **στοιχεῖον**..."
- 5° I 1, 1053a 12-13: "... ὅτι ἐλάχιστον, καὶ ἐν φωνῇ **στοιχεῖον**."
- 6° I 1, 1054a 1-2: "ὁμοίως δὲ καὶ ἐπὶ τῶν φθόγγων **στοιχείων** ἂν ἦν τὰ ὄντα ἀριθμός..."
- 7° I 1, 1054a 2: "... καὶ τὸ ἐν **στοιχεῖον** φωνῆεν"

Κ:

- 1° K 1, 1059b 23: "... τὰ καλούμενα ὑπὸ τινῶν **στοιχεῖα** · "
- 2° K 10, 1066b 9-10: "... οὐκ ἂν εἴη **στοιχεῖον** τῶν ὄντων ἢ ἄπειρον..."
- 3° K 10, 1066b 28: "... εἰ πεπέρανται τῷ πλήθει τὰ **στοιχεῖα**..."
- 4° K 10, 1066b 35-36: "... παρὰ τὰ **στοιχεῖα** ἐξ οὗ γεννῶσι ταῦτα..."
- 5° K 10, 1066b 36: " οὐκ ἔστι γὰρ τοιοῦτο σῶμα παρὰ τὰ **στοιχεῖα**."
- 6° K 10, 1067a 1-2: "...οὐδὲ πῦρ οὐδ' ἄλλο τῶν **στοιχείων** οὐθέν· "
- 7° K 10, 1067a 5-6: "ὁ δ' αὐτὸς λόγος καὶ ἐπὶ τοῦ ἐνός ὃ ποιοῦσι παρὰ τὰ στοιχεῖα οἱ φυσικοί· "
- 8° K 10, 1067a 21: "...καὶ οἱ τόποι ἄπειροι καὶ ἔσται ἄπειρα στοιχεῖα· "

Λ:

- 1° Λ 1, 1069a 25-26: "... · τῆς γὰρ οὐσίας ἐζήτουν ἀρχὰς καὶ **στοιχεῖα** καὶ αἷτια..."
- 2° Λ 1, 1069a 32-33: "... ἥς ἀνάγκη τὰ **στοιχεῖα** λαβεῖν..."
- 3° Λ 4, 1070a 33-34: "... πότερον ἕτεροι ἢ αἱ αὐταὶ ἀρχαὶ καὶ **στοιχεῖα** τῶν οὐσιῶν..."
- 4° Λ 4, 1070b 2: "... πρότερον δὲ τὸ **στοιχεῖον**..."
- 5° Λ 4, 1070b 2-3: "... ἢ ὧν **στοιχεῖον**·"
- 6° Λ 4, 1070b 3-4: "... οὐδ' ἢ οὐσία **στοιχεῖον** τῶν πρὸς τι, οὐδὲ τούτων οὐδὲν τῆς οὐσίας..."
- 7° Λ 4, 1070b 4-5: "ἔτι πῶς ἐνδέχεται πάντων εἶναι ταῦτα **στοιχεῖα**..."
- 8° Λ 4, 1070b 5: "οὐδὲν γὰρ οἷόν τ' εἶναι τῶν **στοιχείων**..."
- 9° Λ 4, 1070b 6: "... τῷ ἐκ **στοιχείων** συγκειμένῳ τὸ αὐτό..."
- 10° Λ 4, 1070b 7: "...οὐδὲ δὴ τῶν νοητῶν **στοιχεῖόν** ἔστιν..."

- 11°Λ 4, 1070b 10-11: " οὐκ ἔστιν ἄρα πάντων ταῦτα **στοιχεῖα**."
- 12°Λ 4, 1070b 12: "τούτων μὲν οὖν ταῦτα **στοιχεῖα** καὶ ἀρχαί..."
- 13°Λ 4, 1070b 23: "...δῆλον ὅτι ἕτερον ἀρχὴ καὶ **στοιχεῖον**..."
- 14°Λ 4, 1070b 25-26: "...ὥστε **στοιχεῖα** μὲν κατ' ἀναλογίαν τρία..."
- 15°Λ 5, 1071a 13-14: "...ὥσπερ ἀνθρώπου αἴτιον τὰ τε **στοιχεῖα**..."
- 16°Λ 5, 1071a 24-25: "... ἔπειτα, εἰ δὴ τὰ τῶν οὐσιῶν, ἄλλα δὲ ἄλλων αἴτια καὶ **στοιχεῖα** ..."
- 17°Λ 5, 1071a 29-30: "τὸ δὲ ζητεῖν τίνες ἀρχαὶ ἢ **στοιχεῖα** τῶν οὐσιῶν..."
- 18°Λ 10, 1075a 35-36: "ὁ γὰρ κακὸν αὐτὸ θάτερον τῶν **στοιχείων** "

M:

- 1° M 6, 1080b 6-7: "...οἱ λέγοντες τὸ ἐν ἀρχὴν εἶναι καὶ οὐσίαν καὶ **στοιχεῖον** πάντων..."
- 2° M 6, 1080b 31-32: "...πλὴν τῶν Πυθαγορείων, ὅσοι τὸ ἐν **στοιχεῖον** καὶ ἀρχὴν..."
- 3° M 7, 1081a 15: "...καὶ αἱ ἀρχαὶ καὶ τὰ **στοιχεῖα** λέγονται τοῦ ἀριθμοῦ..."
- 4° M 7, 1081b 25-26: "...εἶναι τὸ ἕτερον **στοιχεῖον** δυάδα ἀόριστον· "
- 5° M 7, 1081b 31-32: "...ἐπεὶπερ ἔσται τὸ ἐν καὶ ἡ ἀόριστος δυὰς **στοιχεῖα**."
- 6° M 8, 1083b 25-26: "...οὔτε ἐκ πάντων τῶν **στοιχείων** ἕκαστον οὔτε ἀδιάφοροι αἱ μονάδες..."
- 7° M 8, 1084b 9-10: "...μὲν δὴ ὕλη ἢ ὀξεῖα καὶ τὸ **στοιχεῖον** καὶ ἡ μονὰς πρότερον..."
- 8° M 8, 1084b 14-15: "...ἀλλ' ἀδιαίρετον καὶ τὸ καθόλου καὶ τὸ ἐπὶ μέρους καὶ τὸ **στοιχεῖον**..."
- 9° M 9, 1085b 19-20: "...καὶ μὴ **στοιχεῖον** εἶναι τὸ ἐν καὶ τὸ πλῆθος..."
- 10° M 9, 1085b 26-27: "ποῖον οὖν πλῆθος **στοιχεῖόν** ἐστὶ καὶ τὸ ἐν..."
- 11° M 9, 1085b 27-28: "...ὁμοίως δὲ καὶ περὶ στιγμῆς ἂν τις ζητήσῃ καὶ τοῦ **στοιχείου**..."
- 12° M 9, 1086a 21-22: "...περὶ δὲ τῶν πρώτων ἀρχῶν καὶ τῶν πρώτων αἰτίων καὶ **στοιχείων**..."
- 13° M 9, 1086a 27-28: "...εἶναι τὰς ιδέας καὶ τοὺς ἀριθμούς, καὶ τὰ τούτων **στοιχεῖα** τῶν ὄντων..."
- 14° M 9, 1086a 28: "... εἶναι **στοιχεῖα** καὶ ἀρχάς..."
- 15° M 10, 1086b 19-20: "...τὰς οὐσίας χωριστάς, πῶς θήσῃ τὰ **στοιχεῖα** καὶ τὰς ἀρχάς..."

- 16° M 10, 1086b 21-22: "...ἔσται τὰ ὄντα ὅσαπερ τὰ **στοιχεῖα**..."
- 17° M 10, 1086b 22: "...καὶ οὐκ ἐπιστητὰ τὰ **στοιχεῖα**..."
- 18° M 10, 1086b 23: "...ἐν τῇ φωνῇ συλλαβαὶ οὐσίαι τὰ δὲ **στοιχεῖα**..."
- 19° M 10, 1086b 23-24: "... αὐτῶν **στοιχεῖα** τῶν οὐσιῶν."
- 20° M 10, 1086b 29: "...ὁδὲ τῶν ἄλλων **στοιχείων** οὐθὲν κατὰ τὸν αὐτὸν λόγον."
- 21° M 10, 1086b 31: "... οὐκ ἔσται παρὰ τὰ **στοιχεῖα** ἕτερα ὄντα..."
- 22° M 10, 1086b 32: "...ἀλλὰ μόνον τὰ **στοιχεῖα**."
- 23° M 10, 1086b 32-33: "...ἔτι δὲ οὐδ' ἐπιστητὰ τὰ **στοιχεῖα**."
- 24° M 10, 1087a 2: "τὸ μὲν γὰρ καθόλου οὐκ οὐσία, τὸ δὲ **στοιχεῖον** καὶ ἡ ἀρχή..."
- 25° M 10, 1087a 3: "... πρότερον δὲ τὸ **στοιχεῖον** καὶ ἡ ἀρχή..."
- 26° M 10, 1087a 3-4: "...ὧν ἀρχὴ καὶ **στοιχεῖόν** ἐστίν..."
- 27° M 10, 1087a 4-5: "...πάντα συμβαίνει εὐλόγως, ὅταν ἐκ **στοιχείων** τε ποιῶσι τὰς ιδέας..."
- 28° M 10, 1087a 7-8: "...τῶν τῆς φωνῆς **στοιχείων** πολλὰ εἶναι τὰ ἄλφα καὶ τὰ βῆτα ..."

N:

- 1° N 1, 1087b 9-10: "...ὁ τὸ ἄνισον καὶ ἐν λέγων τὰ **στοιχεῖα**..."
- 2° N 1, 1087b 12-13: "... ἀλλὰ μὴν καὶ τὰς ἀρχὰς ἅς **στοιχεῖα** καλοῦσιν οὐ καλῶς..."
- 3° N 1, 1087b 14-15: "...τρία ταῦτα **στοιχεῖα** τῶν ἀριθμῶν..."
- 4° N 1, 1087b 23-24: "...καὶ τὸν ἀριθμὸν πρότερον τῆς δυάδος ἐκ τῶν **στοιχείων**..."
- 5° N 1, 1088b 3-4: "...τὸ οὐσίας μὴ οὐσίαν ποιεῖν **στοιχεῖον** καὶ πρότερον."
- 6° N 1, 1088b 4-5: "ἔτι δὲ τὰ **στοιχεῖα** οὐ κατηγορεῖται..."
- 7° N 1, 1088b 5-6: "...καθ' ὧν **στοιχεῖα**, τὸ δὲ πολὺ καὶ ὀλίγον καὶ χωρὶς καὶ ἅμα κατηγορεῖται ἀριθμοῦ..."
- 8° N 2, 1088b 14-15: "...ἄρα δυνατὸν τὰ ἀΐδια ἐκ **στοιχείων** συγκεῖσθαι;"
- 9° N 2, 1088b 15-16: "σύνθετον γὰρ πᾶν τὸ ἐκ **στοιχείων**."
- 10° N 2, 1088b 26-27: "...ὅτι οὐδεμία ἐστὶν ἀΐδιος οὐσία εἰ μὴ ἡ ἐνέργεια, τὰ δὲ **στοιχεῖα** ὕλη τῆς οὐσίας..."
- 11° N 2, 1088b 27-28: "...οὐδεμιᾶς ἂν εἶη ἀΐδιου οὐσίας **στοιχεῖα** ἐξ ὧν ἐστὶν ἐνυπαρχόντων."
- 12° N 2, 1088b 29: "...μὲν ἀόριστον ποιῶσι τὸ μετὰ τοῦ ἐνὸς **στοιχείων**..."
- 13° N 2, 1088b 31-32: "...μόνον ἀφήρηται τῶν δυσχερῶν ὅσα διὰ τὸ ποιεῖν τὸ ἄνισον"

καὶ τὸ πρὸς τι **στοιχεῖον**..."

14° N 3, 1091a 1-2: "εἰ δ' ἕτερόν τι ἐρεῖ, πλείω τὰ **στοιχεῖα** ἐρεῖ."

15° N 3, 1091a 9-10: "φαίνεται δὲ καὶ αὐτὰ τὰ **στοιχεῖα** τὸ μέγα καὶ τὸ μικρὸν βοᾶν ὡς ἐλκόμενα."

16° N 4, 1091a 30-31: "... πῶς ἔχει πρὸς τὸ ἀγαθὸν καὶ τὸ καλὸν τὰ **στοιχεῖα** καὶ αἱ ἀρχαί."

17° N 4, 1091b 2-3: "...ἀλλὰ διὰ τὸ τὸ ἐν ἀρχὴν καὶ ἀρχὴν ὡς **στοιχεῖον** καὶ τὸν ἀριθμὸν..."

18° N 4, 1091b 11-12: "...Ἐμπεδοκλῆς τε καὶ Ἀναξαγόρας, ὁ μὲν τὴν φιλίαν **στοιχεῖον** ὁ δὲ τὸν νοῦν ἀρχὴν ποιήσας."

19° N 4, 1091b 20-21: "... τὸ μέντοι ταύτην εἶναι τὸ ἐν, ἢ εἰ μὴ τοῦτο, **στοιχεῖόν**..."

20° N 4, 1091b 21-22: "...γε καὶ **στοιχεῖον** ἀριθμῶν, ἀδύνατον"

21° N 4, 1091b 23-24: "...οἱ τὸ ἐν μὲν ὁμολογοῦντες ἀρχὴν εἶναι πρώτην καὶ **στοιχεῖον**..."

22° N 4, 1091b 31-32: "...καὶ τὸ ἐναντίον **στοιχεῖον**, εἴτε πλῆθος ὄν εἴτε τὸ ἄνισον καὶ μέγα καὶ μικρόν..."

23° N 4, 1092a 6-7: "...τὸ μὲν ὅτι ἀρχὴν πᾶσαν **στοιχεῖον** ποιοῦσι..."

24° N 5, 1092a 21-22: "ἔδει δὲ τοὺς λέγοντας ἐκ **στοιχείων** εἶναι τὰ ὄντα καὶ τῶν ὄντων τὰ πρῶτα τοὺς ἀριθμούς..."

237°N 5, 1092a 25: "...da mistura é diferente dos elementos..."

238°N 5, 1092a 25-30: "Mas então, os elementos deverão..."

239°N 5, 1092a 25-30: "...significa, de um lado, derivar de elementos..."

240°N 5, 1092a 30-35: "O modo de derivação de elementos..."

241°N 5, 1092b 20-25: "...na relação da quantidade dos elementos..."

ANEXO 2: CONTEXTUALIZAÇÃO DAS OCORRÊNCIAS DE ΣΤΟΙΧΕΙΟΝ NA METAFÍSICA

A:

No geral, até o capítulo 7 há uma explanação de doutrinas anteriores sobre os princípios das coisas com o intuito de verificar se algum dos filósofos que precederam

Aristóteles havia postulado as 4 causas citadas em *Metafísica* A 3. A partir do capítulo 8, no entanto, Aristóteles apresenta suas críticas às doutrinas dos seus antecedentes, já que a maioria destes não postularam mais que uma causa, e os que trataram de mais de uma o fizeram insatisfatoriamente. Os filósofos predecessores analisados por Aristóteles são: Físicos Jônicos, Empédocles, Parmênides, Pitágoras, atomistas e platônicos.

B:

Em B 1, 995b 26-28, nos é apresentada a aporia sobre o que deve ser considerado elemento, só sendo respondida em B 3, 998a 20-998b 14, onde o vocábulo é usado no sentido de causa material, se referindo aos físicos jônicos, sendo um pouco modificado por alguns filósofos, ao que tudo indica, atomistas e Parmênides, dos quais Aristóteles antevê uma designação do termo como gênero. Na nona aporia o termo tem o significado de constitutivo último ao tratar da unidade numeral ou de espécie dos princípios. E a partir daí, "elemento" é claramente usado para designar o último constitutivo de algo, material ou não, ao se analisar as aporias levantadas no início do livro.

Γ:

Aqui o termo é utilizado ao se referir a autores antecedentes que viam na causa material o único princípio dos seres, significando, portanto, causa material.

Δ:

O capítulo 3 do presente livro é voltado exclusivamente aos significados do vocábulo, sendo assim, não creio ser necessário me deter demasiadamente nele, bastando dizer que o que vem sendo chamado "elemento" até agora é aqui considerado. Em Δ 4, 1014b 32-33 "elemento" é utilizado significando constituinte físico. Ao tratar do significado de oposto, Δ 10, "elemento" é utilizado para designar aquilo de que os opostos derivam.

E:

Aqui há apenas uma aparição do vocábulo, significando os constitutivos das demonstrações matemáticas, ao analisar os fundamentos das ciências.

Z:

O livro usa o termo no sentido geral que já foi visto em outros livros, ou seja, o de última espécie na qual um objeto se divide, seja material, seja letra, seja ideia, seja o que constitui uma demonstração. O livro trata da metafísica como ciência da substância e o próprio termo, elemento, é identificado com substância.

H

Em 1042a 5-6 o termo é utilizado designando um objeto de estudos da metafísica, os elementos da substância, ao se recapitular e desenvolver as conclusões feitas no livro Z. E tais desenvolvimentos abrangem as aparições posteriores.

A partir de 1043b 4-5 o termo se refere aos corpos físicos como pedra, madeira, que só definem a substância potencialmente, pois em ato dizem respeito apenas à matéria, que é em potência. Tal é o significado até 1043b 12, sendo que na outra aparição, em 1043b 11-12 o termo é usado ao se tratar exclusivamente da composição, um tipo de diferença.

I:

Em todo o livro o termo aparece abrangendo todos os significados, para dizer que várias são as coisas ditas elementos, sobre um significado geral de constitutivo das coisas. Está sendo tratada aqui a diferença entre aquilo que se encaixa no significado de um termo e a essência do próprio termo, o que refuta uma relação de sinonímia que poderia ser inferida ao ser dito, por exemplo "fogo é elemento". O termo se alterna, designando ora o que é categorizado como elemento, ora o próprio termo e sua essência.

K:

Em 1059b 23, tratando sobre o objeto da metafísica, na recapitulação das aporias do livro B, "elemento" é usado como aquilo que é constitutivo imanente das coisas físicas compostas, o fogo, a água, e outros com tal função.

Em 1066b 9-10 o termo se refere especificamente ao infinito, tratando da sua impossibilidade de ser um elemento do ser, dada a sua accidentalidade, o mesmo se aplica ao invisível, que não pode ser elemento da linguagem, embora a voz seja invisível.

Em 1066b 28-1067a 21 o significado continua sendo o mesmo das aparições imediatamente anteriores, porém o tema principal, ou seja, o contexto, passa ser a possibilidade de existência de corpos infinitos.

A:

Em 1069a 26 o termo significa o constitutivo das substâncias, ao se referir à demonstração de pensadores anteriores de que as outras categorias, qualidade, quantidade, não podem se separar da substância.

Em 1069a 32 o termo se relaciona especificamente com a substância sensível corruptível, após a separação em três gêneros da substância.

Em 1070a 34-1071a 30 o vocábulo é tomado no sentido constitutivo último das coisas no debate sobre se os elementos são os mesmos ou diferentes para todas as coisas.

Em 1075a 36 ao se falar que o mal constitui um dos dois elementos, o termo se refere aos contrários, dos quais todas as coisas são geradas.

M:

Em 1080b 6-7 o termo é usado ao se tratar do número, que algumas doutrinas, a saber, pitagórica e platônica, admitiam como elemento. Este significado e contexto, o da análise de tais doutrinas visando a sua refutação, são o mesmo até 1080b 32.

A partir de 1081a 15 até 1081b 32 o termo designa o Um e a díade indefinida, que eram, para os platônicos, os constitutivos dos números, teoria criticada por Aristóteles.

Em 1083b 25-26 o termo se refere aos constitutivos da unidade, a saber, o grande e o pequeno, para o pitagorismo, ou pelo menos para alguns pitagóricos, já que Aristóteles designa outros elementos que eram tomados como contrários do um e tidos como elementos, ao se tratar exclusivamente as dificuldades da doutrina pitagórica.

Em 1084b 9-10 apesar do contexto ser o mesmo do da aparição anterior, o significado do termo parece ser o geral, de qualquer constitutivo último de algo. Tal significado e contexto vão até 1084b 14-15

Em 1085b 19-20 o termo designa o Um e o múltiplo como elementos do Um-em-si. Este é o significado até 1085b 26-27.

Ainda discutindo os problemas do pitagorismo, em 1085b 27-28, o termo se refere ao ponto, elemento das grandezas nessa doutrina

Em 1086a 21-22 o termo é usado no significado geral ao se falar das doutrinas que tratam da substância sensível, especificamente as doutrinas que elencam as Ideias e os números como os constitutivos, ou seja, platonismo e pitagorismo.

Nas duas aparições do passo 1086a 28 o significado é o de elemento das substâncias não sensíveis e das coisas sensíveis, ao se referir às doutrinas que admitem a existência de tais substâncias.

Em 1086b 23 é dado um exemplo no qual as letras são elementos das sílabas. Tal é o significado retomado em 1087a 7-8.

Já em 1086b 31-32, a partir da analogia com o exemplo das letras, afirma-se que não existe nada além dos elementos.

Em 1087a 2 o termo volta a designar os elementos das substâncias.

N:

De 1087b 10-24 o termo é usado para se referir aos contrários do platonismo, a partir dos quais tudo é gerado, justamente para se elencar as dificuldades de tal doutrina. E pode-se dizer que este será o objetivo de todo o livro, não mudando, portanto, o plano de fundo, ou contexto, se se pode chamar assim.

Em 1088b 3 o termo é usado no sentido geral, ao se demonstrar a impossibilidade de algo que não é substância ser elemento da mesma, com o intuito de refutar a teoria de que contrários como o grande e o pequeno sejam elementos, como se supõe ao considerá-los incluídos na díade, pois eles estabelecem uma relação, e esta não é substância em ato nem em potência. Este é o significado para as aparições contidas em 1088b 5, com a diferença de que nestas não se refere à relação para refutar a teoria.

Em 1088b15-28 o termo é usado para se referir aos constituintes dos seres eternos. Sendo aprofundado o estudo sobre os princípios platônicos.

Entre 1088b 29-32 o termo passa a designar especificamente a doutrina platônica.

Entre 1091a 2-10 o contexto, apenas, muda, se tratando, aqui, de várias teorias.

Em 1091a 31 o termo parece ser utilizado num sentido geral ao se tratar do problema das relações entre os elementos e os princípios.

Em 1091b 3 o termo volta a designar o Um e o contexto continua o mesmo da aparição anterior.

Em 1091b 12 o termo se refere à amizade, que Empédocles tem por elemento, ao se exemplificar teóricos que identificaram o princípio gerador e o sumo bem.

Em 1091b 21 o significado e o contexto voltam a ser o mesmo da aparição em 1091a 31.

Em 1091b 31 o termo designa especificamente o elemento oposto ao Um das doutrinas que afirmam o número como existente.

Em 1092a 6 o termo designa ambos os elementos dos números.

Em 1092a 21 o termo se refere aos números e seus elementos ao se tratar da geração dos mesmo a partir de seus constitutivos. E a partir daí se atribuem a tais elementos considerações feitas para elementos em geral.